

---

This is a reproduction of a library book that was digitized by Google as part of an ongoing effort to preserve the information in books and make it universally accessible.

Google™ books

<https://books.google.com>





AP Tx 82.







**C**OLLECCÃO.

CAMILLO CASTELLO  
BRANCO

O BEM  
E  
O MAL



COMPANHIA  
EDITORA DE PUBLICAÇÕES  
ILLUSTRADAS

T. da Queimada, 35

LISBOA



# O BEM E O MAL

POR

**CAMILLO CASTELLO BRANCO**

---

4.<sup>a</sup> EDIÇÃO

REVISTA E EMENDADA PELO AUCTOR



*J. Corra*

Companhia editora de publicações illustradas

35—TRAVÉSSA DA QUEIMADA—35

LISBOA

20,55



---

*Companhia Editora de Publicações Ilustradas*  
35 — Travessa da Queimada — 35  
LISBOA

# PREFACIO DA SEGUNDA EDIÇÃO

---

Foi vágarosa a sahida da primeira edição d'este livro.

É obvia e, ao mesmo passo, desconsoladora a explicação. A novella não perdeu por mal escripta; mas por mal pensada. Quanto a linguagem tanto montava o quilate d'esta como o das suas irmans. A incorrecção é o castigo de quem escreve muito á pressa para ir acabando mais de vagar. Em Portugal é preciso isto.

O defeito d'este livro é a superabundancia de virtudes de infastiar leitores que as exercitam eguaes e maiores, todos os dias.

Ainda bem.

Quem quizer voga e fama pinte e salpique de sangue e lama os seus paineis. Ganhar a curiosa attenção dos leitores sómente é permittido a quem lhes dá noticia de cousas não sabidas nem experimentadas. A virtude é o ranço d'estas gordas almas da nossa terra. Relatem-se crimes de cafrárias em linguagem de cafra.

S. Miguel de Seide, agosto de 1868.

*Camillo Castello Branco.*



AO

# PADRE ANTONIO DE AZEVEDO

Nome que os pobres, seus irmãos, reverenciam,  
e os enfermos da alma abençoam; ancião virtuoso; ope-  
rario infatigavel em serviço de DEUS e da humanidade

OFFERECER ESTE ESCRITO

*O Auctor.*

*Meu amigo:*

Ha vinte e trez annos que eu vivi em sua companhia.

Lembra-se d'aquelle incorrigivel rapaz de quatorze annos, que ia á venda da serra do Mesio jogar a bisca com os carvoeiros, e a bordoada muitas vezes?

Esse rapaz sou eu; é este velho, que lhe escreve aqui de cubiculo do um hospital, muito visinho do cemiterio dos Prazeres.

Eu sou aquelle a quem Antonio de Azevedo ensinou principios de solpha, e as declinações da arte franceza.

Sou aquelle que leu em sua casa as «Viagens de Cyro», o «Theatro dos Deuzes», os «Luziadas», «As Peregrinações de Fernão Mendes Pinto», e outros livros que foram osprimeiros.

Sou aquelle que, em saber latim, resava matinas, laudes, terça, sextas etc., com padre Antonio.

Sou, finalmente, aquelle, a quem padre Antonio disse:—«O tempo ha de fazer de você alguma cousa.»

Passados vinte e trez annos, como eu acabasse de escrever o meu quadragessimo segundo volume, lembrou-me dedicar-lh'o, meu venerando amigo, e rogar-lhe que peça a Deus por mim.

Lisboa, 22 de junho de 1863.

# O BEM E O MAL

---

## I

### **A visão do presbytero**

Apresento o sr. Ladislau Tiberio Militão de Villa Cova.

Nasceu no termo de Pinhel, em 1818. Seu pai, viuvo sem consolação, vestiu o habito de frade mendicante no convento de Vinhaes. Assim cuidou elle que dignamente honrava a memoria de sua santa mulher. Escolhêra convento pobre como penitencia, e deixára sua casa e filho unico sob a vigilancia de um irmão clerigo, sujeito de clara fama e varão doutissimo.

N'aquella casa de Villa Cova, que déra o appellido a dez gerações de honrados lavradores, florescia, na passagem de cinco seculos, padres de muito saber, uns famigerados na oratoria, outros grandes cazuistas, e alguns bastantemente notaveis por sua virtude sem letras, e nenhum por letras sem virtudes.

O educador de Ladislau, sobre ser virtuoso, era grande lettrado; a sua sciencia, porém, atrazára-se dois seculos na historia do espirito humano.

Padre Praxedes de Villa Cova sabia de cór Aristoteles e Platão. Philosophia, physica, historia natural, grammatica, logica, metaphysica, poetica, meteorologia, politica, e mais um centenar de sciencias todas lh'as ensinaram os dois sabios de Stagira e Athenas. Na opinião d'elle, a intelligencia do homem, depois de Platão e Aristoteles, envelhecéra, ou fingira remoçar-se com atavios de ouropel e pechisbeques, sem quilate na experimentada mão de um sabio.

Era padre Praxedes copiosamente lido em livros portuguezes, anteriores ao seculo XVII, e possuia os melhores nas suas ponderosas estantes de castanho. Da epocha dos senhores reis D. João V e D. José I já pouquissimos volumes, e esses mesmos estremados do ouro puro dos classicos, se honravam e prender-lhe a attenção.

Foi, desde menino, Ladislau encaminhado por es-

ta, em parte, errada vereda da sabedoria util e verdadeira.

Começou a escrever como calligraphicamente se escrevia ha dois seculos: letra garrafal, com as hastes a prumo, longas e enfeitadas com mui e engenhosos quadrados, mórmente as maiusculas. Era a escripta de padre Praxedes, tal qual a que seu tio-avô, sabio fallecido em 1707, transmittira a um padre Heliodoro, seu filho, e este ao avô de Ladislau, e o avô ao filho, que vinha a ser o tio paterno d'este padre Praxedes. De modo que, n'aquella familia, o «traslado» da escripta em 1830 era fielmente copiado do de 1680. Em tudo mais como na escripta.

Está situada a casa dos Militões de Villa Cova nas faldas de uma serra chamada a *Castra*. Affirma documentalmente o padre que o chamar-se *Castra* o sitio, vem de ter estado alli presidio romano, ha vinte seculos; e quer elle que sobre as ruinas d'aquella atalaia dos senhores do mundo esteja cimentada a modesta habitaçã dos Militões desde o seculo IX.

É a casa grossa de cantaria com dez janellas de peitoril sem vidraças, quasi a roçarem nas proeminentes cornijas, assentadas em fortes cachórros sem lavor. E' largo e alto o portão de castanho, que abre sobre um espaçoso quinteiro, intransitavel na maior parte do anno, por causa das gabellas de tojo e urze que os pés do gado vão calcando e curtindo.

Do fundo do quinteiro, sóbe uma larga escadaria a um páteo lageado com guardas de pedra tão em bruto e sem visos de esquadria, que parecem ter alli ficado casualmente postas umas contra outras pelo revolver aquoso de algum diluvio.

Este exterior assim é triste, mais triste que a solidade das ruinas de outras casas, que em redor existiam até ao começo d'este seculo, e ás quaes os francezes apossados pegaram fogo, na sua ultima evasão de Portugal. Do desastre da povoação de Villa Cova salvou-se a casa dos Militões, porque os incendiarios não acharam brecha por onde lançassem o lume: o morro de pedra era incombustivel; as portadas de castanho tão sómente a bala raza poderiam saltar dos seus enormes gonzos.

Os donos das ruinas não quizeram reedificar no sitio onde seus antepassados tinham construido os pobres casalejos. Ajuizadamente edificaram em terreno mais ao centro das suas leiras, visto que, em falta de mais fertil torrão, já os avós dos actuaes tinham levado longe o arroteamento e a cultura.

A casa dos Militões ficou, porém, solitaria, e tomou a si em bem dos pobres o desmontar da terra deixada a monte.

As corpulentas arvores, que se abraçam no declive da serra, mal deixavam entrever a casa de Villa Cova. O vestigio unico de vida n'aquelle fundão era

o rolo de fumo, que o vento rarefazia em apparencia de nevoeirinhos sobre a copa do arvoredó, o qual visto da cumiada da Castra, semelhava uma mouta de arbustos.

Volviam mezes e mezes sem que pessoa estranha descesse a serra, em demanda da casa dos Militões, excepto o viandante, que, surprehendido pela noite, se guiava pela neblina de fumo, vista ao entardecer, ou pelo convidativo cantar do gallo.

Em dias santificados, a familia fiava dos cães agado a guarda da casa, e ia ouvir missa á egreja parochial, um quarto de legua distante. Desde tempos immemoriaes era a freguezia pastoreada por clerigo da casa Villa Gova. Este clerigo que, no decurso de trez seculos, parecia sempre o mesmo, tinha sempre consigo uma irmã, que, no traje, no dizer e no sentir era a mesma irmã do padre do seculo XV.

Depois da missa, o pastor acompanhava os seus a Villa Gova, onde passava o dia; e, á noite, entoadas as preces da Ave-Maria, lá transmontava o cêrro, que o separava da sua egreja, abordoando-se a um cerquinho, que diziam ter trezentos ou mais annos de uso—tradição fundada na certeza de outras muitas.

Este era ainda em 1830 o viver d'aquella patriarchal familia.

Ladislau Tiberio Militão estudava n'este tempo a

grammatica de Aristoteles. Frei Braz, seu pai, morreu n'aquelle anno; e, no seguinte, o tio que parochiava. Ficou reduzida sua familia ao padre que o ensinava, e á tia Sebastiana, que, por morte do tio, voltára da igreja á casa, onde uma serie de onze antecessores tinha voltado com o luto no coração e a vida por um fio.

Apenas fallecido o pastor, foi padre Praxedes nomeado interinamente para a vigairaria de S. Julião da Serra. Não havia outro clérigo na familia, nem outro administrador para a lavoira. Quiz o padre declinar a pesada herança; mas, mal o souberam, os parochianos acudiram em rogos e lagrimas a Villa Cova, pedindo ao virtuoso irmão do defunto vigario que os não desamparasse. Praxedes arrendou os bens e transferiu-se á residência parochial com irmã e sobrinho, esperando ainda que algum clérigo pobre das cercanias lhe tirasse dos hombros o cargo, e lhe libertasse o tempo necessario ao ensino de Ladislau.

Mallograda a esperança, e nomeado pelo governo, o parochio trasladou sua livraria, como quem já tinha ao certo que seus derradeiros annos, muitos ou poucos, alli seriam vividos ao pé da sepultura dos seus onze antepassados.

Na casa do presbyterio, continuou a educação litteraria de Ladislau.

Vivia o mocinho entre seus tios; não conhecia ra-

paz de sua idade com quem entretivesse as horas feriadas, ou conversasse em materia de estudo. Mui naturalmente lhe pendeu o animo a umas tristezas que nem viço e contentamentos de primeiros annos podiam desassombrar. Isto não fazia especie ao vi-gario nem á sr.<sup>a</sup> Sebastiana. Era aquella soturna melancolia a norma commum do viver d'esta familia. Muita quietação, silencio tumular, um moverem se de phantasmas, perpassando uns por outros com glacial taciturnidade.

Estava ainda gravado no animo de todos o lance funereo da viuvez de Braz. A mãe de Ladislau morrera como quem passa de um tumulo para outro. Nem mesmo, depois que sahira o esquife, os gemidos se ouviram longo tempo. E o viuvo, quasi sem declarar seus intentos, sahio, ao terceiro dia, de casa, foi orar sobre a lágea de sua mulher, e d'alli se partiu, a pé, caminho de Vinhaes. Aqui, bateu á porta do mosteiro, que se lhe abriu como casa de infelizes, e lá ficou. Tudo assim, na vida ordinaria, modelado por este extraordinario succedimento!

Ladislau contou os dezoito annos de sua idade. sem sentir abrir-se-lhe o coração a alguma poesia: nem se quer á poesia da natureza!

As graças campestres das *Georgicas* de Virgilio sabia traduzil-as em termos frios, rigorosamente grammaticaes, irreprehensiveis em sã e fradesca latini-

dade; porém, no interno de sua alma, nenhum enlevo o transportava da euphonia do verso para a formosura dos prados, das fontes, e do luar das suas noites solitarias. Dormia-lhe o coração; ninguém á volta de si proferira aquella palavra, que é bastante a despertá-lo para as alegres alvoradas do primeiro dia de amor, amor sem mulher, sem esperança, sem emblema, amor em competencia com o ideal do amor dos seraphins.

Como se padre Praxedes premeditasse amortallar este mancebo, já morto antes de haver experimentado o palpitar estranho da vida, que estremece em confusos desejos, uma vez, acabando de traduzir com Ladislau alguns capitulos da *Cidade de Deus* de Santo Agostinho, fallou assim ao moço de dezoito annos, sem uma só primavera:

—Ladislau, pensava eu esta noite, e muitas noites hei vellado a pensar que, d'aqui a pouco, voltarás á casa onde nasceste, deixando teu mestre debaixo da pedra onde esperam o grande dia todos os nossos. Pensei com tristeza que não virá tão cedo de nossa casa o padre guardador d'este rebanho, que os nossos antepassados acceitaram como de Deus, e vieram, no atravessar de tantos annos, passando o cajado uns a outros. Agora é que se acabou este legado de serviços, disvellos, e charidades aos nossos irmãos... Quão grato seria a Deus que o não rejei-

tassemos! Não estás tu aqui tão bem inclinado á virtude, e aproveitado na sciencia das cousas santas?!... Queres tu ser padre, Ladislau?

—Quero, meu tio—disse o moço com inalterado semblante, como se fosse convidado a traduzir a *Carta aos Pisões* ou as *Lamentações de Jeremias*.

—Sentes em ti vocação ao sacerdocio?—reperguntou o padre com alegre sombra.

—Sinto, sim, senhor; porque não hei de sentir?—disse Ladislau.

—Não tens pensado em outro futuro, meu sobrinho?

—Outro futuro!?—perguntou o moço como alheado na estranheza da insistencia.

—Sim: outro futuro... Pensaste alguma vez em te casares?

—Não, senhor.

—Nem te pende para a vida de esposo e pai a inclinação do teu animo?

—Não tenho cogitado n'isso.

—Pois pensa, sobrinho, pensa, que esta vida de padre tem grandes alegrias e grandes amarguras, como todas as vidas, todas as vocações. Se queres a paz, que me tens visto no rosto, entra na trilha de meus passos; os dissabores de dentro, esses, que são muitos, Deus te affaste o calix d'elles; mas, se t'o der, acceita-o, que a remuneração é infallivel;

acceita-o, meu sobrinho, que o descanço, vindo após a batalha, é ineffavel como o jubilo dos santos. Ora pois: pensarás um anno; consultarás o teu espirito; e, em cada amanhecer, pedirás ao divino Espirito Santo que te allumie.

Antes de findado a anno, padre Praxedes deu a alma ao Senhor; e Sebastiana, que vivia para sepultar o ultimo vigario de S. Julião da Serra, lá ficou na campa mais proxima, adormecendo-se a beneplacito de Deus, como quem cumpriu sua missão.

Ladislau voltou á casa de Villa Cova com a sua livraria, e as supremas palavras do tio moribundo, que tinham sido estas:

—Espera, um anno mais, o conselho do Espirito Santo. Se o teu coração estiver desatado de paixões, que prendem á terra, dá-o a Deus; se não, meu sobrinho, sé um bom marido e bom pai, que esta virtude é por si tambem um sublime sacerdotio. A vida solitaria, que tens vivido, se poderes continual-a, filho, não a troques pelo mundo. Sacerdote, marido, ou simples homem, sem mais obrigações que as communs com os outros homens, além das que o decalogo te manda, foge, quanto poderes, da vida que traz consigo o esquecimento da morte. Ladislau, a sciencia é um grandissimo mundo povoado de espirituaes amigos; os teus livros encer-

ram, cada um, sua alma, que te falla como amiga. N'este, acharás um desgraçado constricto, que te conta os seus infortunios como o santo bispo de Hippona, ou o fundador da nossa Arrabida. Outro, como o thesouro de Kempis, se te desentranha em balsamos para quantas feridas a dor do ermo ou os desenganos do mundo te abrirem no seio. Nos livros aprendi a fugir ao mal sem o experimentar. Confessor quarenta annos, vi as angustias, que vão por esse mundo, tantas, que não cabiam lá, e transbordavam até ao nosso escondrijo. Recolhe-te a ti; não deixes os teus campos: affaz-te a amar estas serras, onde o pé do impio não chegou ainda. Olha tu com que serenidade eu fio o meu remedio e salvação da divina misericordia: aqui tens, na morte, um exemplo das vantagens da vida, que eu tive. É isto, filho; é este acabar sem remorso nem temor, consolando-me de ter sido tão moderado em meus desejos, que nem se quer peço a Deus que me dispense mais um dia de existencia.

Estas e poucas mais foram as ultimas palavras do presbytero.

Ladislau Tiberio viveu um anno esperando o conselho do Espirito Santo.

Os chorosos parochianos de S. Julião da Serra, quando viram as suas consciencias em guarda de um sacerdote moço, que viera de longe pastoreal-os,

foram ter com Ladislau, representados pelos lavradores mais abastados da freguezia.

—Que querem de mim?—perguntava o moço—que hei de eu fazer-lhes?

—Seu tio, que Deus haja—respondeu o mais respeitado—nos disse que talvez o sr. Ladislau tomasse ordens para ser o nosso vigario.

—Pois sim; mas é cedo ainda, meus amigos. Deixai-me esperar o dia destinado á minha decisão.

O dia chegou: era o anniversario da morte do padre Praxedes.

Ladislau, na manhã d'aquelle dia, foi orar ao templo, e ajoelhou sobre a campa dos sacerdotes seus antepassados.

Raiava a aurora, quando entrou á igreja.

E enxergou um vulto, orando no arco da capella-mór.

Mais tarde, como o sol coasse pela estreita fresta lateral um raio de luz sobre o vulto ajoelhado, Ladislau reconheceu uma mulher.

## II

### **Amor de predestinação**

A mulher ajoelhada á sombra do escuro arco era Peregrina, irmã do vigario.

Viera ella de longe para alli com seu irmão, sacerdote pobre, que devia a sua ordenação ao bem-fazer do padrinho, velho fidalgo de Pinhel. Em quanto João se ordenava em Bragança, Peregrina vivéra e educára-se sob o amparo do padrinho de seu irmão, e querida das filhas do fidalgo, que a vestiam de seus vestidos, e a sentavam entre si á meza.

Disse padre João a sua missa nova na capella do bemfeitor, e alli ficou estimado como da familia, até que, por diligencias do fidalgo, recebeu a apresentação na igreja de S. Julião da Serra.

Peregrina beijou a mão do velho charidoso, beijou o rosto de suas amigas de infancia, e sahiu com o presbytero em demanda da vetusta egreja. Os parochianos, posto que descóntentes ao verem semelhantes desconhecidos no adro dos seus mortos, disseram:

—Assim é que vinha o pastor de Villa Cova com a irmã.

Era melancolico o presbyterio; as arvores ressequidas; o chão arido; as penedias calvas; os tectos assentes em vigas; as paredes interiores afumadas; os taboados movediços. Alli, as primaveras passariam despresentidas, se não fosse o azulejar-se o céu, e os festões das gestas na serra, e o calar-se o estridor das torrentes despenhadas dos cêrros das montanhas.

Peregrina, quando alli se viu, por um anoitecer de novembro, disse:

—Como isto é triste e feio!

Padre João olhou em redor de si e respondeu:

—Irmã, este chão triste é que nos hade dar o pão santo da independencia. Bemdigamos o coração generoso dos nossos amigos, que me deram terra onde lavrar com minhas proprias mãos o nosso sustento de cada dia. A casa parece-nos agora triste, porque é noute. Amanhã um raio de sol nos virá alegrar estas paredes.

E, como assim fallasse, o vigario desceu ao adro, subiu sobre uma peanha tosca, travou da corda que movia o sino unico do simulacro de torre, e tangeu as nove badaladas de Ave-Marias. Os lavradores, que iam passando, descobriram-se, pararam, oraram, benzeram-se, e seguiram seu caminho murmurando:

—Os padres de Villa Cova faziam o mesmo. Quer Deus que todos os nossos vigarios sejam bons e devotos.

Entretanto, Peregrina, resada a oração final da sua prece da tarde, alongou os olhos ás sombrias serras que avultavam para o lado de Pinhel, e chorou. Eram saudades das filhas do bemfeitor, e do casal onde nascêra, e onde seus pais, caseiros do fidalgo, haviam morrido.

A irmã do vigario tinha dezoito annos. Era dotada de abundantes graças, compleição menos robusta que o ordinario das moças aldeãs, senhoril talvez extraordinariamente, rica de negros cabellos, formosa de olhos, doce e meiga no dizer, modestissima, parca em sorrisos, meditativa, laboriosa, e muito dada á oração.

Costumava ella erguer-se ante-manhã, quando ouvia os passos do irmão no sobrado visinho do seu quarto. O vigario madrugava assim para dizer missa á hora em que os parochianos sabiam ás suas lavouras. Peregrina accendia o lume, aconchegava o pucaro das brazas, segava as couves, ia assistir á missa do irmão, e vinha depois cosinhar o caldo, que era a refeição matinal do sacerdote e d'ella.

Uma grande parte do clero, que pastorêa almas, pôde bem ser que me não accite a verosimilhança d'este caldo de couves. Espero que se desçam de sua incredulidade, se eu lhes disser que a congrua e pé-de-altar de S. João da Serra não davam para chá, n'aquelle tempo em que os direitos da charopada chinesa eram enormes, e os paladares genuinamente portuguezes, lá d'aquellas serranias, se saboreavam de preferencia no salutar cosimento de couves adubadas de saboroso unto. Ora eu, que n'esta fidalga e franceza Lisboa tenho sido espectaculo de riso, pedindo nos hoteis, e recommendan-

do aos meus amigos, o caldo verde, insisto contumazmente em me expôr á mofa da gente culta, dando á estampa, n'este logar e para meu duradouro opprobrio, o panegyrico do caldo verde, caldo de meus avós, e de padre João, e de sua irmã.

N'aquella madrugada, em que Ladislau fôra celebrar o anniversario da morte de seu tio, orando na igreja, Peregrina demorára-se a rezar, finda a missa, porque seu irmão entrára no confessionario. Déra ella conta de ajoelhar-se alli perto de si o moço, já quando o templo estava vasio. Soffreou, em quanto poude, sua curiosidade, que teimava em querer conhecer o recolhido devoto. Não era costume seu voltar a cabeça a um lado ou outro, quando fallava a Deus; porém, tanta força lhe fazia o animo para o sitio onde estava o moço que, apesar de profanação, aventure-me a suppor que o coração lhe estava tirando para alli os olhos por uns filamentos mysteriosos que, alguma vez, a anatomia ha de encontrar entre olhos e coração.

Foi o raio de sol nascente, vertido pela fresta esguia da capella-mór, que de todo em todo alliciou Peregrina a olhar. Um raio do sol do Senhor a allumiar-lhes o escuro do templo para se verem! Donoso e sublime confidente de duas almas carecidas uma da outra! Nunca tão auspiciosos preludios de um amor começaram n'esta vida. São dous moços:

ella virgem, e formosa, e immaculada; elle gentil, puro, e alli ajoelhado em consultação de seu destino. A que bem dita e predita hora se entreluzem as duas almas, embebidas em Deus, e subitamente encontradas no mesmo arco da igreja, em que os esposos costumam receber as benções!

Ladislau tinha as mãos erguidas, quando encanou no rosto de Peregrina. As mãos ficaram na postura fervorosa; mas a oração, cortada em meio, olvidou-se-lhe. E ella, que entrepassava nos dedos as contas do seu roçario, continuou a dizer as palavras santas; mas sem ouvir-as na audição interior do espirito.

Ambos a um tempo accordaram da fixidez da sua contemplação, e córaram. Ladislau baixou os olhos, e ella ergueu-os. Um parece que pedia contas á terra d'uma delicia, que nunca lhe havia dado nem presagiado; outro lia no céu como a decifrar o enigma da sensação nunca experimentada.

Instantes depois, padre João appareceu á porta da sacristia, e mandou á irmã que accendesse os castiçoes do altar-mór enquanto elle se revestia para ministrar a sagrada communhão á confessada. Ladislau, como ouvisse as ordens do vigario a Peregrina, ergeu-se, e disse:

—Eu vou, se o sr. vigario quer. Já sei este serviço, que era minha obrigação, em tempo de meus tios, que Deus haja.

Padre João já conhecia o sobrinho do defunto Praxedes, como primeiro lavrador da freguezia, e moço de estudos e virtudes, segundo lhe dissera o regedor da parochia, e o gravissimo mordomo do orago confirmára.

Acceitou o vigario o serviço a que Ladislau se teria offerecido, ainda mesmo que a presença de Peregrina o não movesse á delicadeza. Esta delicadeza era instinctiva certamente, e ensinada pelo coração, a fundamental de todos os cerimoniaes, que nas activissimas cidades os meninos aprendem em livros, como se a cortezia das damas não fosse pagina escripta no mais diamantino do peito desde que abrimos olhos para vél-as.

Accendeu Ladislau as velas, e proveu de agua o jarro da communhão, enquanto o vigario se paramentava. Subiu o ostiario ao altar, abriu o sacramento e tomou a particula da pixede. Uma nuvem escura de trovoada imminente entoldára o sol, e a cappella-mór voltava á frouxa luz crespuscular. O ministro, severissimo em todo o ritual de seu sagrado encargo, como não fiasse na claridade de uma só vela a perfeita passagem da hostia á lingua da commungante, acenou á irmã para que tomasse uma vela do outro lado.

Ladislau tremeu quando a viu tão perto de si; mas, assim mesmo, não desatremou em descon-

certo com a urbanidade: entregou-lhe o cirio, que tinha, e foi tomar o outro da tocheira.

Em verdade lhes digo, meus sensiveis leitores, que eu desejava ter assim um painel, para serem dois os paineis da minha estimação. O que já possui é uma menina lagrimosa, que está dando de comer ao seu cão moribundo, que não vê o alimento, mas ainda a vê a ella, e parece despedir-se a chorar. O outro quadro queria eu que fosse o vigario de S. Julião da Serra pendido á frente humilde da christã; d'um lado, Peregrina com o rosto banhado do escarlata da flamma, que ella quer affastar de si, adivinhando que os olhos do moço a estão contemplando; do outro lado, Ladislau, involuntario captivo, alheado de si, sem poder desfital-a. Eis-aqui as minhas quatro figuras todas absorvidas em amor de Deus. O padre está enlevado na suprema magestade do seu ministerio; a penitente está-se identificando a divindade do corpo e sangue de Jesus; Ladislau, em seu silencioso spasma, está psalmeando o hymno de graça que o primeiro homem deu ao Senhor, no instante de ver inclinado a si um seio amparador de mulher. E ella, Peregrina? De ti, purpureada virgem, só podem sentir teus extasis, e contar-nol-os as tuas iguaes n'este mundo, as que tiveram simplesmente a intuição do amor e a visão do primeiro homem amado. Todos, pois, enleva-

dos em aspirar divino: o sacerdote e a commungante pela consciencia, os outros pelo coração, aberto em perfumes que queimam a Deus o mais selecto e fino bago do seu incenso.

Findo o acto sacramental, o padre subiu os dois degraus do altar, cerrou o sacrario, ajoelhou, e voltou á sacristia. Ladislau ficou em pé, rente com o tocheiro de castanho tosco, d'onde tirara o cirio. Peregrina foi depôr a sua vela sobre a credencia, desceu ao fundo da egreja saudando os quatro altares lateraes, e sahiu ao adro, e logo entrou na vigararia. Ladislau viu-a desapparecer, e disse de sua consciencia para Deus: «Não tornarei a vel-a?»

Assomou o pastor no limiar da sacristia, e disse a Ladislau, que ia sahindo:

—Desejo tel-o em minha companhia algum pouquinho tempo, sr. Ladislau. Se não vai com pressa, tenha a bondade de esperar, que eu faço oração, e vou já.

—Espero no adro o tempo que o sr. reverendo vigario quizer.

—Por que ha de ser no adro e não em casa?—tornou padre João.—Entre na residencia, que a porta do sobrado está aberta.

Ladislau esperou no adro, e, em quanto esperava, tinha os olhos na janellinha da saleta, em que seu tio costumava estar nas noites quentes, esperando

os freguezes, que voltavam das ceifas, e a todos fallava, mandando-os sentar nos troços brutos de pedra, que alli tinham ficado d'uma casa incendiada pelos francezes.

Assim contemplativo, viu elle chegar á janella a irmã do vigario, e esconder-se, apenas o encarou, surprehendida.

Que instantes aquelles para ambos! Que ceus e ceus, vistos á luz do relampago! Que extensos poemas de lagrimas costuma a saudade fazer depois com as reminiscencias de uns momentos tão fugitivos!

Sabiu o vigario do templo, fechou a porta, e disse:

—Estava o sr. Ladislau a recordar-se de seus tios? . . . Não admira, que eu mesmo, sem os ter conhecido, lhes respeito a memoria, pelos grandes louvores que ouço dar ás suas virtudes. Basta vêr o que este bom povo é para se avaliar as excellencias de quem assim o educou. O espirito dos dous ultimos e defuntos vigarios de S. Julião da Serra está ainda com o seu rebanho. Facil me ha de ser a mim, homem sem virtude nem experiencia, pastoreal-o. Mais tenho que aprender que ensinar.

E, no sentido d'estas humildes palavras, foi dizendo outras, que se insinuavam ao coração do moço já captivo do conciliador semblante do sacerdote; e assim entraram na casinha parochial.

—Peregrina—disse o padre á irmã que os vira subir, e, sem saber por que, se alvoroçara—olha que temos hospede; vê lá como te saes; não queiras que o nosso convidado nos julgue forretas. Almoço de abbade rico, ouviste?

A moça não respondeu. Affastou da fogueira o caldo que fervia, lançou alguns ovos á certã, e, tão depressa os cosinou, foi á modesta arca do seu bragal tirar a melhor toalha, e os garfos de ferro ainda lusidios em primeiro uso.

Peregrina, posto o almoço na mesa, sentou-se no seu lugar do costume, que era um banquinho tosco achegado do escano. A mesa, construida de uma só taboa afumada, engonçava n'aquelle adorno da lareira, talvez tão antigo como a vigairaria de S. Julião da Serra.

Quando a moça se assentou, disse Ladislau:

—Aquelle banco era o logar de minha tia, que Deus tem!

E ficou contemplativo.

—E eu—disse padre João—estou no logar de seu tio, e o sr. Ladislau vem sentar-se no logar que era seu.

Estava já na mesa a travessa de barro vidrado com a fritada de ovos e farinha triga. O vigario sorriu-se, e disse:

—Na mesa de seu tio havia um prato e um talher para cada pessoa?

Ladislau, que não sabia o significado da palavra «talher» respondeu-me:

—Comiamos todos no mesmo prato; e na minha casa de Villa Cova, tanto meus pais como meus tios comiamos á mesma mesa dos criados e jornaleiros.

—Como ha trezentos annos—ajuntou o padre—como os patriarchas idumeos com os seus servos e escravos. O sr. Ladislau ainda não viu, á luz da civilisação, a grande distancia a que está dos seus criados. Vive, por em quanto, na fé de que senhor e servo são homens filhos do mesmo pai, um favorecido, outro desfavorecido pelo acaso do nascimento... O sr. não lê as gazetas?—perguntou o vigario abruptamente.

—Não leio, nem as vi nunca—respondeu o moço. —Ouvi dizer a meu tio que um padre, d'aquí trez leguas, quando acertava de encontrar-se com elle na feira de Pinhel, lhe mostrava gazetas.

—Pois—tornou o padre—as gazetas são uns papeis escriptos em letra redonda, creados e sustentados para demonstrarem que todos os homens teem direitos eguaes. Muito me admira que seus avós e o senhor tenham praticado a egualdade sem terem lido as gazetas! Provavelmente em casa dos Militões de Villa Cova lia-se o Evangelho de Jesus Nazareno.

—Lia, sim, senhor.

—Só assim pôde explicar-se a virtude sem a doutrinação das gazetas. Dizem que ellas são o baluarte da liberdade, da egualdade, e da fraternidade; e eu estou em defender que o sermão da montanha, pré-gado pelo filho de Deus ha mil e oitocentos annos, e o sermão da natureza, que sem cessar se está ouvindo, bastam para fazer um homem irmão e amigo do outro homem, por amor de Deus, que é pai de todos.

Posto que não excedesse os vinte e oito annos, o vigario, no pausado e reflectido do seu dizer, competia com os cincoenta annos de algum egresso d'aquelle tempo.

As faculdades d'este bem-fadado ministro da verdade tinham amadurado antes da sasão propria. Costuma ser a desgraça quem antecipa, com a precoce experiencia, a reflexão; porém observa-se que o juizo—o que commumente se chama *siso*—proveniente das lições do infortunio, é um recolhimento melancholico, mysanthropo, deshumano ás vezes, e quasi sempre intolerante. Em exemplos d'estes, que os ha em grande copia, acérto seria arguirmos ao enojo das chimeras d'esta vida o que attribuimos á reflexão.

A madureza do vigario não era appressada pela desventura, nem triste, nem intolerante. A indole, o habito da soledade, o estudo, a clara vista da alma

com que entrava no secreto e desconhecido do coração alheio, explicam o ar grave, monacal, e discordante de seus annos. Não obstante, o geito com que dizia as suas satyras ás gazetas dava mostras de espirito faceto ou *humorístico*, segundo agora francezmente se diz.

Dos estudos do seminario passára o presbytero á capellania do padrinho de Pinhel, fidalgo, como se disse, intractavel desde 1834, retrahido ao seu quarto, em lucta permanente com os achaques da alma egualmente dolorosos que os do corpo. A gota, o rheumatismo, a sciatica impacientavam-n'o tanto ou menos que o desmancho das coisas politicas. Ruy de Nellas Gamboa de Barbedo, que assim se chamava o gothico solarengo de Pinhel, se alguma vez chamava padre João Ferreira ao seu quarto, era para lhe perguntar pelo quinquagessima vez:

—Que me dizes a isto, padre João?

—A isto?

—Sim, á queda do rei legitimo?

—E' um factio consummado—dizia o padre.

—E' uma usurpação consummada!—replicava o fidalgo, e sibillava um agudo ai, levando a mão ao artelho esquerdo, cuja dôr só podia comparar-se á do artelho direito.

E como o afilhado não pudesse restaurar no throno usurpado o senhor legitimo á vontade do patri.

nho, Ruy voltava-lhe as costas, e o padre sahia melancolico a encerrar-se no seu quarto com os seus poucos livros, ou ia leccionar em primeiras lettras as filhas do fidalgo, a segunda das quaes principiara o alphabeto aos dezeseis annos, Deus sabe com que repugnancia.

Demorei-me acintemente n'estas dispensaveis explicações para dar tempo a que os trez convivas almoçassem e conversassem. *Conversassem*, é menos exacto. Quem fallou sempre foi o vigario, e é de presumir que o auditorio o attendesse escassamente. Ladislau, se alguma cousa escutava, era o poema interior, os hymnos descompassados, mas sublimes, que soavam dentro em seu coração. Estranhas musicas deviam de ser aquellas para o moço surprehendido, na alva do seu primeiro dia de amor, por enchentes de luz desconhecida! O amor que vem procurado, como sensação necessaria á felicidade da vida, perde dous terços da sua embriagante doçura; porém, o amor inesperado, impetuoso, e fulminante, esse é um abrir-se o céu a verter no peito do homem todas as delicias puras que não correm perigo de empestarem-se em contacto com as da terra. Era d'esta especie o sentimento de Ladislau, nascido na hora em que elle ia confirmar sobre a sepultura de seu tio o pacto de ser sacerdote, abjurar as desconhecidas alianças do coração com o mundo, e accei-

tar as que atam o coração ao mundo com o laço da charidade evangelica.

Ora, aquelle poema interior, se alguem podia decifral-o, era Peregrina. A mulher innocente e admiravelmente dotada do sexto sentido, que recebe as impressões não classificadas na ordem phisica nem moral, adivinha quem a ama, antes que lh'o digam. Parece que o ar se lhe povôa de espiritos amigos, que giram entre ella e os olhos de quem, a fito ou de revez, a requesta. Aquelle diaphano veu de escarlante, que lhe purpurea o rosto, não é sangue, como dizem os materiaes definidores de tudo: a mimosa susceptibilidade de cutis, chamada pudor, não pôde ser sangue; emquanto a mim, é o sombreado das azas iriadas dos espiritos que voejam no ambiente da mulher immaculada, ou então reflexo das coroas de rosas, com que o deus festivo dos amores a enfeita, cioso de ter nos seus altares o pouco d'este mundo que merece e desculpa a idolatria.

Posto que este dizer tenha um sabor mythologico, pagão, e, sobretudo, antiquissimo, ha de o leitor conceder que o seu servo romancista, tal qual vê, se desgarre do caminho trilhado á moderna, para não dizer sempre que os personagens estavam arrôbados, extaticos, ou, o que é peor, perdidos de amor.

Os meus personagens, Ladislau e Peregrina, não

estavam arrôbados nem extaticos, porque ambos confessam que comeram da travessa vidrada a sua porção de ovos, e tomaram cada qual o seu caldo verde (palavra indigna de tão levantado assumpto!)

Perdidos tambem não estavam; porque o perder-se ou transverter-se o coração é quasi sempre a prova real de não ter sido o primeiro nem o melhor um certo amor com que os alienados se desculpam.

O amor, que não perde nem desvaira, esse é que é o amor.

Eil-o ahi, pois, profundo, sereno e bello como o oceano em calmaria.

### III

#### **Casamento patriarchal**

Eu, que já escrevi doze casamentos felizes de uma assentada, querendo agora enfeitar o de Ladislau e Peregrina, é tamanha a penuria de engenho em que me vejo, que—a não me acudir a fada do estylo—hei de contar o ditoso enlace, como elle está escripto no livro dos casamentos da freguezia de S. Julião da Serra.

Convém saber que é coisa para pouco discurso a passagem do amor ao sacramento, que o completa, lá n'essas terras abençoadas do obscurantismo, como era o termo de Pinhel, e continuará a ser por estes quatro seculos por vir, em virtude de lhe andar por muito longe das raias o caminho de ferro. De S. Julião da Serra, então, isso aposto eu que nunca ha de ser desalojada a santa ignorancia, que faz amarem-se e casarem-se logo as pessoas que se querem.

Vamos a bosquejar o casamento de Ladislau e Peregrina. Se a descripção me sahir muito florida, não servirá. Guardarei os enfeites para exornação de outros casamentos, onde as flores sejam empregadas em disfarçar a mingua de coração e virtudes.

Findo o almoço, Ladislau disse ao vigario:

—Como o dia está sólheiro e alegre, pedia eu ao sr. padre João e a sua irmã, que viessem passar o dia a Villa & Cova. Se houver precisão da sua vinda á igreja para administrar a extrema-uncção, de pressa o irá chamar alguem a minha casa; porém, graças a Deus, não está ninguem, que eu saiba, doente na freguezia.

—Pois vamos—disse o vigario sorrindo.—Caro lhe ha de ficar o almoço... O bom presunto vae pagar os maus ovos. Vem d'ahi, Peregrina, vamos lá vér a casa d'onde sahiram tantos homens grandes e obscuros, como são aquelles que se escondem da socieda-

de para serem bons. Quem dirá, sr. Ladislau, que no curto horisonte d'estas serras que nos cercam, estão fechadas as lembranças dos santos ministros do altar, que vieram de sua casa para dentro d'estas quatro paredes velhas!... E seu pai, o viuvo amortalhado no habito de frade pedinte!... Vamos!... a minha indole melancolica chega a ser rustica! Vejo que o sr. Ladislau está alegre, e eu a chamal-o a lembranças pesarosas!...

No decurso da caminhada de um quarto de legua, foi Ladislau contando em miudos a sahida de seu pai para o convento de Vinhaes, e a saudade escura dos que ficaram, encarando a porta, que se abriira á passagem de um caixão, e logo ao desterrado perpetuo das alegrias d'esta vida. E o moço, a fallar de sua mãe, chorava; que é sabida coisa a facilidade que temos de chorar, quando o amor nos amollece, e, para assim dizer, anima o coração. Sem a presença de Peregrina, Ladislau seria mais insensitivo, mais duro, mais homem. O amor afemina as condições mais viris, e tem feito que as faces queimadas e negras da polvorada das pelejas se orvalhem e brilhem de lagrimas. No animo tenro e como infantil do moço de Villa Cova, a bem dita influição da meiga menina, que o ia ouvindo e amando, devia de abrir-lhe no peito os conductos todos das lagrimas maviosas. Não sei que mysterio santo e dulcissimo está no fal-

larmos de nossa mãe fallecida á mulher que nos bemquer. Póde ser que venha esta sensibilidade de recebermos de uma o coração, que damos a outra. Ou, talvez, seja de nos faltarem carinhos de mãe, e cuidar a gente que a esposa nol-os ha de reviver.

Subiram os trez caminheiros o cêrro de uma quebrada, d'onde se entrevia a casa de Villa Cova, mal distincta do arvoredado de soutos e carvalhaes. N'este alto, está um rochedo, a pender sobre uma gruta de lage, ageitada pela natureza, e conhecida dos pastores, como guarida segura das trovoadas.

—Esta lapa convida—disse o vigario.—Sentemo-nos aqui um pouco.

—Minha mãe,—disse Ladislau—chamava a esta penedia a sua gruta... Eu ainda lhes não disse que minha mãe era pastora.

—Pastora?!—acudiu Peregrina com ar de lisonjeira admiração, significando sentir a patriarchal poesia da vida pastoril.

—Olhem se avistam—tornou o moço—pela garganta d'estas duas quebradas, lá em baixo, uma casa, nas costas de um souto fechado? Alli nasceu minha mãe de uns lavradores remediados; e, logo que teve idade, tomou conta da rez, e vinha todos os dias com ella para a serra. Aqui no cavo d'este penhasco é que ella comia a sua merenda; e, assim que o sol começava a descer, tambem ella descia ao valle.

—Sosinha?—atalhou Peregrina, com visagem de susto.

—Sosinha, com dois cães de gado, os quaes, assim que anoutecia, um tomava a dianteira do rebanho, outro ia á beira d'ella. Muito chorou minha mãe, ao morrerem-lhe de velhos os seus cães! Quando vínhamos á igreja, minha mãe sentava-se sempre ali n'essa pedra, onde está a sr.<sup>a</sup> Peregrina, e dizia a meu pai: «Olha, se te lembras, meu santo!» E ficavam-se a olhar um no outro com semblante alegre.

Ladislau cessou de dizer o que quer que fosse que attentamente o padre e a irmã esperavam. Por mais curiosa e lhana, Peregrina perguntou:

—E que seria? Porque lhe dizia ella que se lembrasse?

O moço sorriu-se candidamente, e continuou:

—Meu pai estudava para padre, e já tinha ordens menores, quando encontrou aqui minha mãe, andando elle ás perdizes. D'ahi a pouco tempo estavam casados. Isto me contaram meus tios. É bem de ver que ella se lembrasse, quando aqui chegava, da primeira vez que se viram, depois que eram grandes. Em pequeninos tinham sido muito amigos; mas como meu pai desde os doze annos começou a estudar com um tio vigario, e veio habitar na residencia de S. Julião, quando se tornaram a ver foi tamanho o amor que...

Ladislau susteve-se com feminil pudor.

—E foram muito amigos?—disse Peregrina.

—Tão amigos—respondeu o padre—que se amortalharam ao mesmo tempo—E, erguendo-se, acrescentou:—Ora vamos lá por ahí abaixo.

D'alli até casa, Ladislau foi contando ao vigario os estudos que tinha feito com seu tio, os livros que lêra, e os que mais eram de seu gosto. No tocante ao in'ento de ordenar-se, nada tinha dito, quando padre João lhe perguntou:

—Segundo me disseram, o sr. Ladislau está na ideia de ordenar-se?

—Faz hoje um anno que morreu meu tio—disse o sobrinho do padre Praxedes. Pouco antes de ir a Deus, me disse elle que esperasse um anno a inspiração do Espirito Santo. Agora venho eu de orar sobre a sepultura de meu tio, pedindo-lhe. . .

—Que o allumiasse no difficil transito—atalhou o vigario, e ajuntou logo:—E vem decidido a ordenar-se?

Peregrina, que os seguia com alguma distancia, como ouviisse aquella pergunta, insensivelmente estugou o passo para ouvir a resposta.

Ladislau respondeu:

—Ainda não.

E, como voltasse o rosto ao padre no acto de responder, e visse os olhos de Peregrina fitos em si,

e expressivos de anciedade íntima, Ladislau recebeu dentro da alma uns tamanhos abalos de alegria, que não pôde nunca mais topar delicias comparáveis ás d'aquelle momento.

Entraram no quinteiro da casa de Villa Cova.

À portá da córte dos cevados estava uma mulher octogenaria, com uma varinha na mão, accommodando os recos, que brigavam em redor da pia. (1) Esta mulher, que tinha setenta annos de serviço em casa dos Militões, quando o amo, Peregrina e o vigario entraram no quinteiro, deixou cahir da mão trémula a varinha, e benzeu-se, murmurando: «Em nome da Santissima Trindade, Padre, Filho e Espirito!»

—*Amen*, disse padre João.

—Que tem vomc., tia Brazia?!— perguntou Ladislau.

—Ainda não estou em mim!— respondeu a velha Brazia, caminhando para o grupo, e formando com as mãos um sobreceuo aos olhos para poder enxergar os recém-chegados; e proseguiu:—Cousa assim! Pois

---

(1) O leitor provavelmente não encontra no seu «Dictionario» o termo «reco». O povo de Traz-os-montes, e de porção da Beira-Alta dá aquelle nome, cuja etymologia ignoro, aos cevados. Eu leio muito pelo dictionario inedito do povo d'aquellas provincias, que sabe a lingua portugueza como fr. Luiz de Souza.

não me havia de parecer agora que via entrar por essas portas dentro... credo!...

—Quem lhe parecemos nós?—tornou Ladislau.

—Esta moça—tornou Brazia, aproximando-se de Peregrina—pareceu-me sua mãe, que Deus tem; o meu menino parecia-me seu pae, o santinho; e este sr. padre dava-me ares do sr. reverendo vigario Praxedes. Estou a vel-os como eram ha trinta annos quando vinham da egreja, depois da missa do domingo, cá jantar a casa!

—Pois repare bem — disse o moço — que somos pessoas vivas, tia Brazia, e havemos de jantar para a convenceremos de que não somos fantasmas.

—Pois sim, meu menino; graças a Deus ha muito quê; mas olhe que os servos estão todos por fó-ra, e eu não tenho pernas para andar atraz da galinha. Cozinhal-a cozinho-a eu; mas pilhal-a isso ha-de ser vmc. E quem é esta mocinha tão bem posta e ageitada, benza-a Nosso Senhor?

—E' irmã do sr. padre vigario, que está aqui.

—Ah! este é que é o sr. reverendo vigario? Bem me tinham dito que era ainda muito moço; mas isso não tira. Se a santidade fosse aquella dos velhos, então já eu estava no altar! Deite-me a sua benção, sr. reverendo vigario, e com Deus venha a esta casa d'onde sahiram tres santos só dos que conheci. Eu tenho dous carros, de annos. aqui onde me

vê, sanzinha e escorreita, bemdita seja Nossa Senhora. (1) Conheci, só á minha parte, o sr. padre Thimotheo, o sr. padre Heitor, e o sr. padre Praxedes, afóra o santo pai do meu Ladislau, que morreu com o habito dos missionarios de Vinhaes.

Ladislau interrompeu Brazia, que ia sentar-se n'um feixe de vides para mais commodamente contar os sucessos alegres e tristes dos ultimos sesenta annos de casa de Villa Cova. Pediu-lhe elle com brandura e graça que reservasse para depois de jantar as suas historias.

—Então vamos para dentro—disse ella—eu cá vou com a nossa menina mostrar-lhe a casa. Como é a sua graça?

—Peregrina.

—Por muitos annos e bons. Era melhor chamar-se Rosa, que é mesmo uma flor; que Pelingrina tambem é bonito nome. Ora, pois, vá o menino apanhar a ave, que a panella vai já p'r'o lume.

Ladislau e o vigario sahiram do quinteiro e en-

---

1 Nas aldeias do norte d'esta nossa terra tão pittoresca de linguagem, algumas vezes perguntava eu quantos annos tinha tal velhinho, e não entendia esta resposta: «já passa de dous carros.» Vim depois a saber que lá se contam os annos a quarenta por cada carro, por analogia com o carro de pão de quarenta alqueires.

traram na eira onde esgaravatam as gallinhas. No entanto, Peregrina, como a velha se agachasse na lareira para espreitar o lume amarrado, pediu-lhe que se assentasse no escabello, e a deixasse a ella cosinhar. Brazia cedeu ás instancias, repartindo o trabalho com a hospeda.

Ladislau entrou na cozinha com a ave, e viu Peregrina, com um alguidar no regaço, segando as couves. Estranhou a Brazia o estar a irmã do sr. vigario n'aquelle serviço, e a velha respondeu serenamente:

—Ella assim o quer; e bem haja a moça! Estou-me a regalar de a ver! Parece-me mesmo sua mãe-sinha, quando aqui entrou pela primeira vez. O noivo estava lá no sobrado com os padrinhos e parentes, e ella desceu cá p'r'a cozinha a ajudar os criados.

—Pois sim—replicou Ladislau—mas minha mãe era dona da casa, e esta senhora é hospeda.

—E por que não hade ser dona? Se o não é, ella o será, querendo Nossa Senhora.

Estas palavras avermelharam as faces de ambos, que não pudéram suster o relance de olhos que se trocaram.

—Pois então!—continuou a serva, cortando do presunto uma boa talhada.—A vida de padre boa é; mas não queira o Senhor que o menino seja padre. O que é preciso é casar, sr. Ladislau. Deus que

lhe deparou esta creatura, lá sabe por que o fez. Vamos; é casar depressa, que eu não quero morrer sem ver gente miuda n'esta casa. O menino fez-me cabellos brancos, quando era pequeno (que a fallar verdade eu já não tinha cabelo preto nêem para uma mézinha). Andava sempre a fugir p'r'os campos, e eu a procural-o, e ia dar com elle a caçar grillos á torreira do sol: e de inverno andava sempre por essas fragas acima em risco de malhar aos fundões. Deu-me que fazer; mas é o mesmo; quero aturar tambem os seus filhos. Quando eu vim para cá, seu pai tinha cinco annos, e eu dez; se eu morrer, deixando cá um netinho d'elle, vou contente... Então não dizem nada?

Ladislau, sem a velha dar fé, tinha sahido envergonhado, e mais ainda por ver que Peregrina, ao passo que Brazia fallava, descia o rosto sobre a hortaliça, voltando-o de modo a não ser visto de frente pelo moço, que por sua parte se estava tambem escondendo no mais sombrio da cozinha, até encontrar a porta por onde sahia.

O vigario estava esperando Ladislau, na vasta casa da livraria.

Havia muito que ver e admirar nas estantes dos numerosos sabios d'aquella familia. A bibliotheca fôra principiada no ultimo quartel do seculo XVI por um padre Vicente Militão, que fôra peregrino a Ro-

ma, e estivera no concilio tridentino, e lá fôra muito acceito, por seu saber, e reportadas virtudes, ao santo arcebispo de Braga, D. Bartholomeu dos Martyres. Encadernadas em pergaminho, com o Breviario do padre Vicente, lá estavam algumas cartas do primaz das Hespanhas, cartas magoadas revelando o peso das obrigações prelaticias, e outras mais de folga, datadas do convento de Vianna do Minho, onde o humilde principe da egreja se fôra a descansar, e morrer nas delicias «d'uma estreita cella, paredes nuas, «em meza sem panno um candieiro de ferro pendurado de um prego, uma cama de frade ordinario «sem cortina, nem genero de paramento sobre uma «táboa de pinho.» Estas palavras de fr. Luiz de Souza recordava o padre João Ferreira, quando religiosamente deletreava os caracteres amarellados e meio delidos das cartas do arcebispo.

Voltando á livraria, os successores de padre Vicente enriqueceram-n'a, empregando n'ella quanto dinheiro podiam amealhar, sem prejuizo dos pobres. Como quer, porém, que o rendimento de sua grande lavra sobre-excedesse o gasto, o remanescente era trocado por livros, enviados á escolha de entendedores monasticos, com quem os padres de Villa Cova, por amor da sciencia e piadosamente, entablaram correspondencia.

Os tres ultimos sacerdotes d'esta familia não ti-

nham comprado livro algum, desde os ultimos annos do reinado de D. João V, em que a religião degenerou de sua simplicidade em luxuosa, e, até certo ponto, hypocrita ostentação; e, de mais a mais, os que a tratavam, moral ou dogmaticamente, escreviam-n'a em linguagem, que rão era a de Domingos Fco, Thomé de Jesus, Heitor Pinto, Arraes e Lucena. Para bem aquilatarmos em qual grau de purismo classico andava a vernaculidade n'aquella serie de padres lettrados, basta dizer-se que no frontespicio do primeiro volume dos sermonarios de padre A. Vieira, um padre Timotheo Militão escrevera: «Tambem este grande engenho está gafado!» A gafa de que se lastimava o escrupuloso idólatra dos aureos escriptores sem liga, era aquelle geito de conceitista italico-hispano em que o preclaro jesuita, a espaços, se descuidava na oratoria.

Em quanto Ladislau e o vigario se entreteem n'estas e semelhantes praticas, ingratas ao leitor de paladar mais delicado, Brazia está assim conversando com Peregrina, hombro a hombro, no escano da lareira, em quanto a gallinha ferve:

—Brazia não seja eu, se Deus me não ha-de ajudar! Lá que os moços se querem, como eu á menina dos meus olhos, isso vou eu jurar-o sobre umas Horas, sendo preciso! A menina é uma perfeição; o meu Ladislau é aquillo que alli está. Duas creatu-

ras assim já vêm lá de cima talhadas para serem uma da outra; e, quando acertam de se toparem no mesmo caminho, vão ambas p'ra direita, ou p'ra esquerda. Não teem remedio senão casarem-se.

—Pois sim—repetia Peregrina o que havia dito duas vezes:—Ainda hoje nos vimos, e já a sr.<sup>a</sup> Brazia nos quer ver casados?

—Então a menina cuida que uma pessoa só se conhece por ser vista muitas vezes? Eu ouvia ler a Historia Sagrada á sr.<sup>a</sup> Sebastiana, que sabia ler como um padre, e já lá está na côrte dos bemaventurados... Rezemos-lhe por alma.

A sr.<sup>a</sup> Brazia rezou alto, e Peregrina mentalmente.

—*Requiescat in pace*,—disse a velha.

—*Amen*,—respondeu Peregrina, e benzeram-se.

Brazia continuou:

—Pois como eu vinha dizendo, a Historia Sagrada conta que antigamente um moço sahia da sua terra em cata de outra terra, onde estava a noiva, que elle nunca vira. Batia á porta do sogro, pedia-lhe a filha, e casava. Isto é que eram tempos, moça! «O peccação não tinha peccado que fosse preciso descobrir com o tempo» dizia o sr. padre Praxedes, quando a irmã se admirava de casamentos assim de fugida. Olhé-me bem n'isto, que estas palavras teem muito que deslindar. N'aquelle tempo, a moça casa-

doura era por dentro como por fóra; via-se como á luz do meio dia o que ella lá tinha no seu interior; agora, pelos modos é preciso espreitar muito tempo as inclinações das pessoas! O pai do sr. Ladislau era dos rapazes antigos: viu a menina lá em cima na lapa da Crasta, gostou d'ella, tornou lá a saber se ella o queria, foi ás Chãs aonde ao sogro; e, d'ahi a dias já ella aqui estava a encher esta casa de satisfação. E' como foi, e é como ha de ser! Senhor Jesus do bom despacho, não me deixeis ficar mal!

Ladislau e o vigario, chamados pela velha, desceram á cosinha, onde estava posta a meza. Jantaram alegremente e de vontade. Os dizeres de Brazia, tendentes todos ao casamento, assazoavam as singelas iguarias do vigario, que, pondo os olhos, quer na irmã quer em Ladislau, reparava na gravidade com que em silencio escutavam as facecias da inquebrantavel velhinha.

—Será possível que...

Disse entre si padre João, e cuidou ler no rosto do hospede e no rosto da irmã esta resposta:

—E' possível, e é certo.

Findo o jantar, sahiram a tomar o sol na eira.

Brazia, porém, puxou da batina ao vigario, chamou-o de parte, e disse-lhe:

—Deixe-os lá...

Padre João não achou que responder á velha, e fez

menção de seguir sua irmã, que o estava esperando:

—Não vá sem me ouvir duas palavras, sr. reverendo vigario. Sente-se n'este tamborete, que eu vou dizer aos moços, que vão á sua vida, e nós lá iremos ter.

O dialogo deteve-se boa meia hora. Depois sahiram á eira; e o padre levava amparada no braço a velha, que jogava difficilmente os joelhos.

—Ora diga-me o que elles estão fazendo, que eu já não enxergo nada—murmurou a velha.

—Ladislau está apanhando flores na ribanceira.

—Vê?—acudiu Brazia—que lhe disse eu? Flores são amores... E ella que faz? Não anda tambem ás flores?!

—Não, tia Brazia. Está sentada.

—A enfiar algum anel de misanga?

—Tambem não.

—Não?! Então é uma ingrata! Vou ralhar com ella.

E, acercando-se com extraordinaria presteza de Peregrina, disse-lhe em tom de graciosa severidade:

—Vá fazer tambem um raminho, ande, menina, e dê-o ao sr. Ladislau.

Peregrina poz a vista timida no irmão. O vigario fez um gesto de consentimento. Ergueu-se ella a colher umas enfezadas flores silvestres e inverniças

que se definhavam entre os silvedos; e Brazia, ao mesmo tempo, dava umas palmadas e tregaitava uns saltinhos de cegonha, muito para riso, senão justificassem a alegria que lhe acreançava os oitenta annos. Santa creatura para namorados era aquella Brazia! Estar ella dizendo tudo que elles queriam dizer-se; fazer-se lingua de corações á hora em que nem os proprios donos saberiam articular a lingua-gem d'elles; obrigar Peregrina a colhêr flores, quando a moça estava perguntando a si propria se parecia mal colhel-as e offerecel-as! E hão de rir-se pessoas, que amaram ou amam, da velhinha que tudo aquillo fez com tan'o sizo e proposito e angelicas intenções!

Peregrina deu as suas flores a Ladislau, e recebeu o ramilhete d'elle. Qual dos dous tinha coração mais feminil? Pelo rubor da face não havia estremal-os.

—Onde iria a tia Brazia?—perguntou o vigario, vendo-a sahir açodada e regamboleando as rebeldes pernas pela eira fóra.

A velha pouco se deteve. Chegou esbofada. Chamou de parte Ladislau, e disse-lhe de modo que o vigario e a irmã ouviram:

—Esta argolinha de ouro deu-a seu pai á mãisinha na vespera de se casarem, e já foi de sua visavó. Aqui a tem. Vá dal-a á sua noiva, senão levo-th'a eu.

Ladislau ficou atonito e immovel. O vigario sorriu, e disse á velha:

—Sr.<sup>a</sup> Brazia, vomc. está sonhando um alegre sonho. Deixe ver se o tempo, com a vontade de Deus, confirma os seus bons desejos, que serão tambem os meus.

Ladislau, como levado de insuperavel força, avisthou-se de Peregrina, e offereceu-lhe o anel. O vigario, abalado e commovido pela acção inesperada do mancebo, tomou a mão convulsa de sua irmã, e vestiu-lhe o anel. Depois, apertando nos braços o noivo de Peregrina, exclamou.

—Pois não é um sonho?

Acudiu Brazia:

—Qual sonho?! O que eu quero é os primeiros banhos apregoados no domingo; e de hoje a um mez é minha ama.

—Sua amiga, sua filha!—disse Peregrina abraçando-a.

Assim foi. Na quarta dominga seguinte receberam as bençãos estas duas creaturas preordenadas para a felicidade da terra e ceu.

Os casamentos, que Deus escolhe, são assim determinados com uma singelesa, copiada dos tempos visinhos da criação de varão e femea, como entes necessarios a si, e de repente identificados por unidade insolúvel de almas. E então era o viverem tão

sós e um, como quem de uma só vida tinham de prestar contas ao juiz supremo.

A mim parece-me que o cazar-se a gente devia ser como Ladislau e Peregrina. Andar annos com o coração em ancias é desvigorisal-o para quando elle é mais necessario. Pelo ordinario, os noivos que se amam longo tempo, cazam-se quando o mais fino da sensibilidade está desgastado na abstracção e na chimera.

#### IV

#### **Outros amores**

No dia immediato ao das bodas, o saudoso vigario fôra passar a tarde com sua irmã, que o viera esperar com o marido ao rochedo da Grasta.

Ao entardecer, quando o padre se despedia, chegou um portador da residencia com uma carta de Peregrina.

—Para mim??—exclamou ella duvidosa.

—E' lettra da sr.<sup>a</sup> D. Christina—disse padre João.

—Ella está lá—acrescentou o portador.

—Ella quem?—acudiu Peregrina.

—A fidalga que escreveu a carta.

—Que novidade é está?!disse o vigario, abrindo e lendo.

—Lê alto, meu irmão! — disse Peregrina impaciente.

E o padre continuou a ler mentalmente, dobrou a carta, embolçou-a na sotaina, e disse ao portador:

—Vai indo, que eu lá vou ter.

E, depois que o criado sahiu, murmurou com mui entranhada mágoa.

—Eu presaguei esta desgraça!...

—Desgraça!—exclamou Peregrina--Que é, meu João?

O padre, voltado a Ladislau, disse:

—A senhora, que escreve a minha irmã, é a filha mais nova de meu padrinho e bemfeitor. Lê tu, Ladislau, e minha irmã que ouça.

Ladislau leu:

«Peregrina. Pela carta de teu irmão ao papá sabemos que ias casar; mas não cuidei que fosse tão depressa. Cheguei aqui a buscar o amparo de teu irmão e o teu. Felizmente estaes perto, e sei que viareis em meu soccorro. Eu venho fugida, e commigo vem o homem que amo, e a quem meu pae me negou, sem compaixão das minhas lagrimas. Vimos rogar a teu bom irmão que nos receba, e legitime a

«nossa união. A pobreza não nos aterra. Logo que estejamos casados, teremos força do ceu para supportarmos todos os trabalhos. Vem, se podes, com teu irmão para me ajudares a vencel-o, se elle resistir ao sagrado dever de nos abençoar este amor, que não deve ser a nossa perdição. Tua amiga, *Christina*».

—E vaes casal-os, não é verdade?—exclamou a commovida senhora.

—Não é verdade—respondeu friamente o sacerdote.

—Como?!—tornou Peregrina—não os casas?

—Não. A filha desobediente não acha onde quer um ministro do Evangelho que lhe galardoe a rebelião contra seu pae. A lei de Deus diz: *honrarás teu pae e mãe*: a lei ecclesiastica diz ao cura d'almas: *não casarás a menor sem consentimento de quem a governa, ou ordem superior do teu prelado*. Eu vou sahir.

—Eu tambem vou... disse Peregrina.

—Não vaes—replicou o vigario.—Estás ao lado de teu marido, e Christina apparece-te ao lado d'um homem que... não lhe é nada.

Peregrina baixou os olhos, e Ladislau disse:

—Tu ficas; eu é que vou. Manda apparelhar a egua, que a filha do teu hemfeitor virá commigo.

A esposa lançou-se-lhe nos braços, e clamou:

—Tu vaes buscar a infeliz menina?

—Pois se ella é infeliz! . . . —murmurou Ladislau.  
E sahiram.

Christina estava á janella do sobrado da residencia, quando o vigario e o cunhado chegaram.

Era noite muito escura.

—Estás ahí, Peregrina?—Perguntou ella.

—Não está, minha senhora—respondeu o padre.—  
Está o marido de minha irmã.

A seccura d'esta resposta intimidou Christina. E, receiosa, voltando-se a um moço de boa presença, disse: «Enganei-me, Casimiro; o padre não nos recebe.»

O vigario entrou na saleta, seguido de Ladislau. Cortejou com mui respeitosa reverencia a filha do seu bemfeitor, e levemente o cavalheiro, a quem chamou Casimiro Bettancourt. Depois disse:

—Vi a carta que v. ex.<sup>a</sup> escreveu a minha irmã. Peregrina não veio, por ser inteiramente inutil a sua vinda. Eu não posso sem authorisação canonica e civil ligar matrimonialmente v. ex.<sup>a</sup> com este senhor.

—Eu vinha tão confiada na sua bondade. . . —disse Christina, retrahindo os soluços sem retêr as lagrimas.

—Em minha consciencia—tornou o vigario—digo que o mais prudente e urgente acto n'este desgraça-

do successo é casarem-se; mas eu não posso fazel-o.

—E então—atallhou Casimiro Bettancourt—um sacerdote do Christo assim nos abandona, como quem diz: sêde criminosos e infames á vossa vontade? . . . »

—Não, senhor. O sacerdote de Christo faz, n'estes casos, o que faria qualquer homem de boas entrannhas. Irei pedir ao sr. Ruy de Nellas consentimento para salvar sua filha da continuação do crime e da infamia.

—Meu pai é inexoravel!—acudiu Christina.

—Não pôde ser—disse Ladislau.—Um homem, que amparou e educou dous filhos desvalidos d'um seu cazeiro, não pôde ser impiedoso com sua filha. Minha senhora, peço licença para interpôr o meu parecer n'uma questão em que minha mulher não é estranha, e eu tambem não posso sêl-o. Ella não veio; mas encarregou-me de vir aqui offerecer-lhe nossa casa; e, tão certa está de que v. ex.<sup>a</sup> nos honra em acceital-a, que já vim preparado para a conducção de v. ex.<sup>a</sup>

—Pois heide eu ir! . . . —exclamou Christina, encarando anciada em Casimiro.

—O sr. Casimiro fica sendo meu hospede—respondeu o vigario.

—Separados!—bradou ella, rompendo contra todos os estorvos do pudor, e abraçando-se em Casimiro.

—Não!—clamou elle—Christina, sacode os teus sapatos fóra d'esta porta, e vamos ao nosso destino.

—O agravo não me fere, que o não mereço, senhor!—disse placidamente o vigario.—Eu convido o sr. Casimiro a ser meu hospede, em quanto se solicita a licença do pai d'esta senhora. Se lhes é dolorosa esta separação temporaria, Deus permittirá que os retornos de contentamento a façam esquecer. Sofram alguns dias para merecerem o premio. Eu não posso implorar o perdão para a desobediencia, allegando que os fugitivos permanecem em criminosa união. Ha o recurso da mentira; mas eu não sei mentir. Despeçam-se para um dia, que breve virá, se Deus nos ouvir. O sr. Casimiro, que me applicou as palavras de Jesus aos apóstolos, mostra que lê e sabe os livros da religião. Seja, pois, religioso: peça connosco ao Senhor que lhe despache em bem o seu requerimento.

Casimiro apertou a mão de Christina, e disse:

—Vai, e esperemos.

—E esperemos—acrescentou o padre—por que, a baldarem-se os nossos bons intentos, quem lhes ha de empecer o reunirem-se? O mundo, quando vê dous desgraçados, deixa-os passar, e vingá-se. Se o mundo é justo, não o direi eu: vingança justa creio que não ha nenhuma ahi. O inverso da charidade é a vin-

gança. Tenham valor, que, se o não teem, são mais que fracos, desconfiam do poder de Deus, e da sua propria fidelidade um a outro.

—Adeus! balbuciou Christina, suffocada de suspiros.

Casimiro beijou-lhe a mão, dobrou o joelho e disse:

—Se te fiz desgraçada, perdôa-me.

Ladislau, debulhado em lagrimas, abraçou Casimiro, e exclamou:

—Sou seu amigo! O senhor ama deveras esta menina!

—Eu sei que se amam!—disse o vigario—por isso serei parte, quanto em mim couber, na sua boa fortuna.

—E eu não?!—disse com vehemencia o de Villa Cova.

—Tu tambem, meu irmão. Ajudar-me-has com os teus conselhos, por que no teu coração terno está a sabedoria dos virtuosos, que te educaram.

—Não fomos infelizes, Christina!—clamou Casimiro.—Aqui estão comnosco duas generosas almas. Vai, minha amiga!

—Venha—disse Ladislau—que minha mulher está pedindo a Deus que vamos.

Já não choravam ao separarem-se.

Cumpre narrar, o mais breve que ser possa, os antecedentes d'esta fuga.

De uma familia pobre de Pinhel sahira em 1814 um mancebo a assentar praça no regimento de cavallaria de Bragança, onde serviu até furriel. De Bragança passou para Lisboa em 1815. Aqui seguiu os postos até que fez a campanha do cerco do Porto, já major do exercito sitiante, e ahi morreu na ultima batalha. Este militar era pai de Casimiro Bettancourt.

Casimiro sabia que nascêra em Lisboa em 1816, e não conhecia sua mãe. Com referencia ao seu nascimento, apenas possuia a pagina de uma velha carteira, que dizia: «Meu filho Casimiro nasceu em 15 de janeiro de 1816: foi baptisado em S. Domingos de Santarem, aos 22 do mesmo mez. Foi creado no Cartaxo, d'onde sahiu em 1820. Entrou no collegio dos Nobres em 1825. Tenho pago todas as prestações até hoje 31 de dezembro de 1830.» Em nenhum outro caderno de apontamentos encontrou indicios de sua mãe; nem das muitas cartas que seu pai deixou esquecidas n'um bahu de folha, pôde colligir quaes pertencessem a sua mãe. As que tinham data eram quasi todas muito posteriores ao seu nascimento. Apenas duas assignadas com a inicial E, posto que sem data, queria e conjecturava elle que fossem de sua mãe; este querer fundava-se um pouco em vaidade, e muito em presagio como depois se verá.

Morto o pai, e transvertida a ordem politica, claro é que o joven alumno do Collegio dos Nobres havia de sahir entre dezeseis e dezeseite annos de idade, desvalido, desconhecido, e indifferente a toda a gente. Dos sabidos amigos de seu pai uns tinham morrido, outros emigrado, e outros esmollavam.

Sabia Casimiro que seu pae nascera em Pinhel, e se correspondia com uma irmã, a largos espaços. Achou cartas assignadas por uma Marianna de Betancourt. Escreveu, ao acaso, á senhora d'aquelle nome, ou ao nome d'aquelle senhora. Responderam-lhe que sua tia tinha fallecido em 1832. A pessoa, porém, que respondia, era o viuvo, carpinteiro de seu officio, bom homem que lhe offerecia sua pobre casa, e metade de suas sopas.

Obrigado a optar entre a fome e as sopas do artista, Casimiro foi para Pinhel, auxiliado pela esmola d'um condiscipulo, filho d'um brigadeiro liberal, camarada do finado major antes de 1828.

O artista redobrou de trabalho para não obrigar o sobrinho de sua mulher a pegar da serra e da enxó. Comprava-lhe vestido á feição do que usavam os moços remediados, e esperava que seu compadre Ruy de Nellas — padrinho d'um filho que mandára para o Brazil, quinze annos antes — cedo ou tarde conseguisse algum decente emprego para Casimiro.

O fidalgo admittia á sua casa e presença o moço,

em attenção ao pai, que morrêra fiel á justa causa, como honrado e bravo. As filhas do fidalgo achavam-n'o distincto, delicado, bem fallante, e divertido, quando a tristeza; a dolorosa introversão o deixavam dissimular contentamento, que o pobre, a bem dizer, nunca sentiu de veras. Ruy de Nellas mostrava desejos de lhe abrir a carreira da independencia. Aos dezoito annos, Casimiro pensava em ser soldado; o fidalgo, porém, queria que elle fosse padre com um patrimonio fantastico, e o carpinteiro inclinava-se ao generoso parecer do seu compadre.

Sacerdote é que não! Casimiro amava Christina. Christina ia chorar com elle; e sabia em que sombras de arvores, ou margens de ribeiras o moço ia chorar.

E ella ia, tremendo de medo e paixão, e a pedir resguardo ás azas dos anjos, buscal-o onde elle estivesse. Tremia, mas não còrava de pejo. As flôres, que a viam, invejavam-lhe a pureza. Arquejava-lhe o scio cansado de retrahir-se: cuidava a doce creatura que o espirar alto a denunciava. Era o offegar d'aquelle scio como o da avesinha anciada, que busca, de fronde em fronde, o ninho que lhe desfizeram. De longe o antevia pelos olhos da alma. As lagrimas teem seu odor: só lh'o não presentem os que as deixam gotejar sem misericordia, sem dó.

E quem havia de ter pena do sobrinho do carpin-

teiro a não ser ella, que o entendera ao primeiro instante de ser amada, e ao mesmo raio ardente se queimára, e, se o timorato moço esmorecia de medo ou pejo, era ella quem o acoroçoava e levantava do seu abatimento?

Exceptuada a cúmplice d'este enorme crime — o enormissimo crime de erguer homem pobre olhos affectuosos á filha d'um Ruy de Nellas Gamboa de Barbedo — o restante do mundo seria contra elle, se podesse adivinhal-o,

Adivinhava-o o padre João Ferreira, quando voltou de tomar as ultimas ordens. A Casimiro disse:

— Subjugue o coração em quanto é tempo. Tenha sempre deante de seus olhos os beneficios que deve ao sr. Ruy. Recompensar-lh'os com desgostos será cruza e indignidade.

Casimiro não respondeu. O amor, aos dezoito annos, quando é surprehendido, não sabe mentir.

A Christina disse o padre:

— A maior prova de estima, que v. ex.<sup>a</sup> pôde dar a Casimiro, é desvial-o de si. Dos dous hade ser elle o mais desgraçado. Na sua idade, menina, o amor é sempre uma creancice, e como creancice se esquece quando é contrariada; porém, a primeira affeição do moço pôde ser a ultima e volver em desgraça irremediavel.

—Quem sabe?—disse Christina com pueril audácia e destemor.

—Eu não sei senão que v. ex.\* está amando um homem que seu pai repulsará de casa, logo que desconfiar de tão estranhas intelligencias. A menina será perdoada como innocente, e elle perseguido e castigado como villão. Como penso que assim vem a acontecer, entendo que o seu amor será funesto ao pobre orphão. Seria querer-lhe muito desenganal-o.

Observou padre João que as duas cegas creaturas, depois do aviso, praticavam como se, em vez da censura, recebessem louvores. Buscavam-se mais, escondiam-se menos, e, de dia para dia, pareciam ir declarando a toda a gente o seu amor, como se contassem com o apoio do fidalgo.

Ruy de Nellas chamou o padre e disse-lhe:

—O' afilhado, tu não desconfias de nada!

—A qual respeito, meu padrinho?

—Que minha filha Christina olha o Casimiro de certo modo?

—Pôde ser que v. ex.\* se não tenha enganado. Eu supponho que se estimam; e meu padrinho não podia embaraçal-os de se estimarem.

—Essa não me parece tua!—exclamou o fidalgo.

—Não posso embaraçal-os?! Então quem é que pôde?

—Ninguem, meu padrinho: o tempo é que corrige

estes defeitos do coração humano. Deixe v. ex.<sup>a</sup> em silencio a suspeita, que eu tomo a meu cuidado o descanso de v. ex.<sup>a</sup>

—Nada de pannos quentes!—bradou Ruy de Nellas.—Casimiro vae ser posto fóra d'esta casa, e talvez de Pinhel. E' assim que elle me paga? E'-me bem feito! muito bem feito! Não seja eu tolo de estar aqui de braços abertos para receber desgraçados que afinal...

Padre João esperou que seu padrinho desabafasse a sua ira, e disse com humilde e pacato animo:

Eu sou um dos desgraçados que v. ex.<sup>a</sup> recebeu nos braços abertos para todos; o que posso dar em troca de tantos beneficios é a lealdade do meu coração, o meu leal aviso em cousa tão melindrosa. Se v. ex.<sup>a</sup> perseguir Casimiro, a sr.<sup>a</sup> D. Christina, se já o ama como creio que sim, amal-o-ha mais depois. Conheço de fundamento a indole d'esta menina, e algum tanto a de Casimiro. Este moço tem espiritos de condição muito altiva contra a baixeza em que o lançou a desfortuna. Por vezes me tem fallado do seu futuro com uns raptos de visionario, que me fariam rir, se me não compadecessem. Presagia-se brilhantes destinos, e esquece-se de que o honrado carpinteiro está a suar para que elle se não avilte no trabalho incompativel com as suas imaginações. Em quanto á sr.<sup>a</sup> D. Christina, é minha opinião que esta menina

desobedece ao raciocínio, e á força, se lh'a impose-rem. Sabe v. ex.<sup>a</sup> que de todas as suas filhas esta foi a mais remissa em aprender o pouco que sabe, sobejando-lhe talento para muito. Observei que uma palavra aspera m'a afugentava por oito dias, e transtornava todo o anterior aproveitamento. Argumentando d'estas coisas simples, por analogia, todas me levam a crer que o emprego de providencias energicas darã mau resultado.

—Qual?!—atalhou o fidalgo.

—Uma fuga, uma vergonha.

—Tú pensas isso, João?!

—Ousaria eu dizer a meu padrinho o contrario do que penso?!

—E os ferrolhos dos conventos para que se fizeram?

—Para as freiras estarem seguras da inviolabilidade de suas pessoas.

—E para as filhas rebeldes.

—A rebellião continúa nos conventos, a rebellião do espirito, contra a qual não prevalecem os ferrolhos.

—Veremos.

—Seria acerto não experimentar, meu padrinho.

—Então que queres tu que eu faça?! Deverei casar minha filha com o sobrinho do capinteiro?

—Não, senhor. Penso que v. ex.<sup>a</sup>, simulando in-

teiro desconhecimento do que se passa, deve favorecer Casimiro para que elle siga a vida militar que deseja.

—Agora ! agora que elle ousou pôr olhos em minha filha ! o ingrato ! Pois não ! Vou eu mesmo agora estabelecer-lhe mezada em Coimbra ou Lisboa para elle se formar em mathematica, e namorar-me de lá a filha ! Estavam bem aviados os paes, se tivessem de mandar a Coimbra os maltrapilhos que lhe requestam as filhas ! Não haveria ahí aprendiz de sapateiro, que se não fizesse galan das herdeiras ricas ! Ora, sr. padre João Ferreira, outro officio ! Não sei em que livros e em que terras tu foste estudar e experimentar semelhantes desconchavos. Eu consultarei o meu travesseiro . . .

—Deus responda ás suas consultas, meu padrinho—disse o padre, quando o fidalgo lhe voltou as costas.

No dia seguinte, ás cinco horas da manhã, já o fidalgo estava a pé, e abria subtilmente a janella do seu quarto sobre o jardim, cujo muramento partia com a rua. Viu elle Christina sahir ao terreiro pela porta da cozinha, atravessar as aleas de amoreiras, destrancar um postigo de communicação com a estrada, e debruçar-se no peitoril. Desceu Ruy de Nellas, de manso, ao jardim, e ia já em meio, quando a filha deu tento da espionagem. Soltou um ai; mas

de turvada que ficou, nem aviso deu a Casimiro. O pae apertou o passo, correu impetuosamente ao postigo, e viu o moço quieto, e sereno como se a surpresa fosse um gracejo de futuro sogro, que se entretém a fazer foscas ao futuro genro, muito do seu agrado.

Não assim Christina, que, passado o momento do spasmò, dobrou o joelho, e balbuciou:

—Meu pai, eu é que sou a culpada!

Não attendeu, nem acaso ouviu estas vozes o fidalgo. Inclinou-se á estrada, e exclamou:

—Vá lá contar a seu tio carpinteiro a maneira como vossa mercê pagou a hospitalidade, que lhe dei! E não me torne a rondar a casa, que não vá algum dos meus criados apalpar-lhe as orelhas!

Fechou-se o postigo com estrondo. Aquellás palavras continuaram a martellar nos ouvidos do moço, que levava as mãos á cabeça, como para as não ouvir. Pensou em se matar, como toda a gente, alguma vez, pensou em se matar, excepto os bons christãos, os felizes, e os tolos, que não são christãos e em felizes, nem precisam ser senão tolos para viverem e até sobreviverem a si proprios.

Caminhou ás cegas por uns trilhos de cabras, que se aplanavam n'uma chã, arborizada de sobros, onde padre João regularmente amanhecia com os seus livros de theologia moral ou historia ecclesiastica.

Casimiro viu-o, correu a elle, e exclamou:

— Valha-nos!

O padre recebeu-o nos braços, e ouviu o acontecido.

— O remedio virá do ccu — disse elle. Não sei que lhe faça, a não querer receber-me um conselho. Espere, soffra, conforte-se, ore, e humilhe-se: não sei que mais lhe diga.

Casimiro Bettancourt, ao anoutecer d'esse dia, adormecêra com a face encostada a uma pedra: era a lethargia da fome, da fadiga, e da desesperação. Não orára.

## V

### **Veredas penhascosas**

Ruy de Nellas, contente do feito, mas não seguro ainda, scismava na escolha do convento em que devia encerrar Christina, quando o padre João Ferreira chegou de dizer missa. Chamado a dar seu voto, o sacerdote respondeu que obedecia, mas não aconselhava; que iria onde s. ex.<sup>a</sup> o mandasse negociar a reclusão de D. Christina, mas declinava de si o minimo da responsabilidade em uma violencia, sobre inutil, perigosa.

Exagitado pela colera, o fidalgo foi de encontro á prudencia do padre com termos rudes; mas a humildade do servo paciente despontou-lhe as iras, e introverteu-lh'as no seio em arrependimento. Ruy quasi lhe supplicou o seu voto. Padre João repetiu o que dissera, e contou a situação em que deixára Casimiro Bettancourt. Outra vez se irou o fidalgo, ouvindo o tom lastimoso com que o padre fallava do filho do major; porém, não sabemos dizer porquê, marejaram-se-lhe de lagrimas os olhos, quando o clérigo disse:

— Agora vou vér se encontro o desgraçado ali pela serra, que não vá elle tentar contra a vida, e, matando-se, legar a v. ex.<sup>a</sup> uma tristeza pezada de mais para seus annos e sua nobre alma.

Sahiu o padre, e, ao anoutecer, encontrou Casimiro deitado na terra humida, com a cabeça na pedra, e o rosto chammejante de febre. Agitou-o, ergueu-o, amparou-lhe os passos, até o trazer á estrada, e d'ahi quasi em braços a casa do carpinteiro.

Conversaram até altas horas da noite. Casimiro ouviu as ultimas palavra do padre, e disse:

— Farei a sua vontade

A vontade de padre João era que elle sahisse de Pinhel, e fosse a Bragança assentar praça. A resistencia de Casimiro fôra pertinaz, até ao derradeiro golpe, que o padre lhe descarregou, dizendo que a

demora d'elle em Pinhel seria causa á clausura de Christina. Casimiro sentou-se no catre, embebeu o suor frio da face na dobra do lençol, e exclamou :  
— Irei.

E foi cinco dias depois, caminho de Bragança ; mas, ao fim do primeiro dia de jornada, adoeceu perigosamente. O sangue refervido no peito principiava a vulcanisar-lhe a cabeça. Deram-lhe uma enxerga n'uma taverna de Escalhão, e um padre, que, em virtude de o ter confessado e ungido, pôde saber que o viandante era de Pinhel, e se chamava Casimiro Bettancourt.

O carpinteiro ergueu mão do trabalho, embolçou as economias do seu mealheiro, e foi caminho de Escalhão. O anjo do amor estava á cabeceira do enfermo repellindo a morte. O coração repuxára a si a onda escaldante de sangue, que banhára o cerebro, e espedaçava-se para deixar resurgir a rasão. O artista esteve nove dias e nove noites ao lado de seu sobrinho. Quando se lhe acabaram os escassos recursos, que levára, empenhou a cruz de prata, que trazia ao peito ; e pediu primeiro ao Crucificado que lhe dêsse a vida do sobrinho de sua mulher.

Ao decimo dia, o carpinteiro construiu uma camilha n'um carro de lavoura, e Casimiro, convalescente, foi transportado a Pinhel.

Ruy de Nellas e suas filhas, tirante Christina, pas-

sestavam n'uma alameda fóra da povoação, quando o carro chegou. O carpinteiro, que caminhava lentamente após o carro, descobriu-se, á vista do fidalgo, e disse:

—Guarde Deus a v. ex.<sup>a</sup>, sr. compadre.

—Que levas ahi, Antonio?—disse o fidalgo.

—É meu sobrinho.

—Teu sobrinho?—Disseram-me que tinha ido assentar praça. Querem ver que elle foi ferido em alguma batalha?!

—O sr. compadre está a mangar com os pobres!..., respondeu o carpinteiro com um sorriso mais de pungir que propriamente a injuria.

N'este lanço, Casimiro Bettancourt affastou a ourella da manta, que formava o pavilhão do carro, pôz fóra o rosto macerado, e disse:

—Sr. Ruy de Nellas, quem me feriu na batalha foi a espada da honra. Agora vou eu travar uma batalha com o orgulho de v. ex.<sup>a</sup>: veremos quem é o vencido.

—Ora, sôr Casimiro!—replicou o fidalgo galhofando sarcasticamente—as suas ameaças teem muita graça... Passe muito bem.

E proseguiu no passeio, chibatando, com ares de Tarquinio ou Pombal, as florinhas que se abriam por entre o ervaçal que arrelvava a alameda.

—Chama lá os bois, moço!—disse o artista ao carreiro.

Christina, encerrada voluntariamente em seu quarto, nem de suas irmãs era já bem vista. As outras senhoras, como isentas e intactas de coração, conservavam os espiritos excelsamente afidalgados, e levavam muito a mal que sua irmã as quizesse aqui-nhoar no desdouro d'um casamento desigual. O fidalgo obrigava Christina, nos primeiros dias, a tomar o seu lugar na meza commum; como visse, porém, que ella escandalisava a familia com suas lagrimas, ordenou que lhe levassem as criadas os alimentos ao quarto. E assim se finava a pobre menina, desconsolada de voz humana, e descrida da misericordia divina.

Peregrina, a sua confidente, a sua alegria, tinha ido com o irmão para S. Julião da Serra. Queria esquecer-lhe; mas que portador ousaria levar-lhe a carta? Pensava em fugir para ella; mas com quem, com que recursos? A não ser ella, quem faria chegar ás mãos de Casimiro as suas cartas, o adeus supremo de sua alma, ao arrancar da vida? Respondia-lhe o calado pavor da soledade ao afflictivo interrogatorio, em que se debatia, e já por fim, desesperava.

Havia na casa um criado moço, que Casimiro Betancourt ensinára a lêr nas horas feridas dos domingos. Nunca os dois namorados fiaram d'elle segredos seus; mas o muchacho, que era atravessado, adivinhava o que não via, e espreitava para examinar se tinha adivinhado.

Soube elle que o seu mestre de leitura chegára doente n'um carro, viu que o fidalgo e as meninas andavam a passeio, foi de corrida a casa, bateu de mansinho á porta do quarto de Christina, e disse-lhe pelo espelho da fechadura:

—Fidalga, o sr. Casimiro chegou agora doente n'um carro.

Christina expediu um grito, e abriu a porta.

—Vem cá!—disse ella ao rapasito, que se ia escapulindo—Que disseste? Viste o sr. Casimiro?

—Vi-o descer do carro nos braços do tio Antonio carpinteiro. Vem amarello como uma cidra.

—Tu és nosso amigo, José?—perguntou ella offegante.

—Sou, sim, senhora.

—Levas-lhe um bilhete?

—Dê-o cá, fidalga.

—Espéra, que eu vou escrevêl-o... O melhor é tu ires esperar no páteo, que eu lanço-t'ó da janella, que não vá ver-te alguém no corredor.

O mocinho esperou um quarto de hora, e levou a carta a Casimiro, que respondeu logo.

Este rapaz de nove annos faz lembrar o mosquito que matou o leão, e o braço fundibulario que derribou o gigante. Ahí estão a vigilancia e omnipotencia de Ruy de Nellas Gamboa de Barbêdo, senhor solarenço mais velho da Beira Alta, aniquiladas pela in-

tervenção do pegureiro, que o senhor feudal nunca distinguia dos carneiros que apascentava!

O effeito das primeiras cartas foi uma transfiguração maravilhosa no semblante de Christina e Casimiro. Já ella punha as mãos e ajoelhava a orar: é certo que, pelo ordinario, attribuímos ao demonio o mal acintoso, que o mundo nos faz, e agradecemos a Deus o bem casual ou intencional que nos faz o mundo. Tudo isto redonda em elogio de Deus e nosso.

Ruy entrou pensativo em casa, dizendo entre si: «Mal fiz em a não metter no convento; mas ainda não é tarde».

Mandou vir á sua presença os criados e criadas, excepto o José-pastor, como lhe chamavam. O rapasito ainda não gosava honras de criado apellavel para assumpto grave. Declarou o fidalgo que faria entrar n'uma cadeia o servo ou serva, que levasse ou trouxesse cartas entre sua filha e Casimiro. Os criados innocentes e impeccaveis n'esta materia—por isso que zelavam a fidalguia de seu amo contra o plebeismo do sobrinho de mestre Antonio—juraram de espreitar os passos de Casimiro, e, em testemunho de sua probidade, offereceram-se a quebrar-lhe as costellas, sendo necessario.

Ruy de Nellas despediu-os satisfeito, e disse entre si: «Tanto faz tel-a fechada em casa, como no convento. Parece-me até que está mais segura aqui».

José-pastor ouviu a criadagem na cosinha discorrer ácerca da recommendação do fidalgo, e fez que não entendia. D'ahi a pouco, andava elle no páteo a escrever com um pau carbonizado o seu nome nas lages pollidas, e de vez em quando olhava, por debaixo do avental de saragoça, contra a janella de Christina.

Viram-se. E elle escreveu a palavra *carta*, olhando de revez e indicativamente para a menina. Fez ella um gesto de intelligencia, e elle aspou a primeira palavra com os pés, e escreveu n'outra lage: *telhado*. Outro signal de comprehensão, e logo, outra palavra: *torre*, e depois *trapeira*.

Queria isto dizer que elle ia ao postigo de uma especie de pombal, que lá chamavam *torre*; que lançava de lá a carta ao telhado; e que fosse Christina á trapeira, superior ao seu quarto, e colhesse a carta.

Sahiu-se excellentemente com a traça, e até sobreexcedeu o programma; porque a menina, recebendo uma, atirou outra carta á base da torre, e o rapazinho, que era optimo volatim em esgalhos de arvores, pendurou-se pelos pés no banzo do postigo, e com um troço de agulhada de seu uso pastoril arpoou o papel. Estas habilidades é que Casimiro Bettancourt lhe não havia ensinado com as primeiras lettras. Se a instrucção primaria lh'as desenvol-

veu, isso é materia para mais dilatadas e opportunas pesquisas.

Aligeirando o alcance d'estes successos, até ao ponto em que os deixamos na vigararia de S. Julião da Serra, direi que a fuga estava pactuada desde as primeiras cartas, que se trocaram. As apostillas subsequentes versavam sobre qual caminho e destino convinha seguir. Casimiro lembrava-se do condiscipulo de collegio a quem devia o favor de dinheiro com que jornadaára de Lisboa a Pinhel. Presumia elle que, se fugissem para Lisboa, e procurassem aquelle amigo, achariam protector para alcançar-se um emprego. Mas um fio de espada lhe cortava por alma e coração, quando a névoa negra da pobreza se lhe punha deante da esplendida aurora do seu dia feliz. Quem lhes daria meios para caminharem até Lisboa?

Como adivinhando esta pergunta, Christina propunha que fossem a S. Julião da Serra, casassem lá, e pedissem ao padre João recursos para fugirem á perseguição, até que Deus lhes acudisse.

N'estes dias revesados de alegrias e amarguras, para elles, que já tinham aprasado o da fugida, o carpinteiro recebeu carta do filho, estabelecido no Brazil, e o primeiro donativo de dinheiro. Quando Casimiro viu ouro nas mãos de seu tio, apertou o artista ao seio, e disse-lhe com os olhos cheios de esperança e lagrimas:

—Empreste-me parte d'esse dinheiro, que é o preço da minha felicidade.

—Se é o preço da tua felicidade, ahí o tens todo—respondeu o carpinteiro, lançando as peças sobre a mesa.

—Menos de metade me basta—replicou Bettancourt.

—Pois toma d'ahí o que quizeres; mas conta-me o que vaes fazer.

Casimiro, temeroso da proibidade de seu tio, nunca lhe havia revelado o plano do rapto. Prudente receio era o seu. Mestre Antonio, bem que estomagado das soberbas de seu compadre, não consentiria que seu sobrinho o vingasse por semelhante meio. A ida de seu filho para o Brazil devia-se em parte á generosidade do padrinho, que lhe déra enxoval e algum do dinheiro da passagem. O mesmo fidalgo o ajudára a comprar o fato de Casimiro, sem querer que o moço soubesse a obrigação em que ficava. Mestre Antonio, além d'isto, reprovava o ousio de seu sobrinho em inquietar uma menina talhada para marido de outra linhagem e haveres. Não dominava ainda n'aquella epocha a aristocracia das artes, incluída hoje com uns descomedimentos de orgulho, que prevalecem propriamente sobre os da aristocracia de nascimento; de modo que a gente sisuda lastima que o artista não seja bem creado para sus-

tentar o seu real valor, sem andar, a todas as horas, de arremettida contra as distincções herdadas. Agora, importuna a philaucia do artista; logo, anoja a humilhação a que se desce.

Cingindo-me ao ponto: Casimiro reteve ainda o seu segredo, sophismando-o d'est'arte:

—Eu vou continuar em Coimbra ou Lisboa o meu curso de mathematicas para seguir a vida militar mais vantajosamente. Bem sei que este dinheiro a pouco chega; mas espero achar, sem baixeza, recursos em mim proprio para me alimentar. Ensinarei particularmente o que sei, e com o pequeno salario me irei remindo.

—Se é isso, Casimiro—redarguiu mestre Antonio—leva o dinheiro todo, que eu tanto faço com elle como sem elle. Assim como assim, duzentos mil réis não me quitam de trabalhar. Gosto bem de te ver botado ao caminho da vida. Vai, moço, que o mundo é p'r'ós homens. Teu pai sahiu d'aqui com duas camizas n'uma trouxa, sentou praça, e morreu major na flôr da idade: teria quarenta annos. Se não morre, e o seu partido vingá, podia acabar general. Tira-te d'aqui d'esta aldeia, homem! Tu tens lá umas idéas que precisam de terras grandes. Vai-te á vida, que eu cá estou com o meu pouco para te acudir nas necessidades. Logo que teu primo mande mais dinheiro, lá irá ter onde estiveres. Se um dia tiveres

de teu, e eu já não poder com o machado, então me irás pagando como poderes.

Casimiro debulhava-se em lagrimas, abraçado ao carpinteiro, que embebia as suas no canhão da jaqueta de saragoça remendada nos cotovellos. Aquella jaqueta deshonrar-se-ia grandemente se a pozessem á beira de muitas fardas batidas a ouro e coalhadas de venéras.

Era como picar de remorso o doer-se de Casimiro. Mentir assim áquelle velho tão bom, tão franco, tão desprendido, e tão pobre!

Não importa! A sua paixão absolve-o já; o homem honrao e illudido absolvel-o-ha depois.

Tinha, pois, Casimiro dinheiro para a fuga; d'isto avisou Christina; a menina, porém, instava pelo casamento em S. Julião da Serra, e o moço, de vontade e coração, condescendia, e desejava-o assim tão abrasadamente como ella.

Ruy de Nellas encontrou o carpinteiro, e não lhe fallou, nem respondeu á saudação com um gesto sequer.

—Porque está de mal commigo, sr. compadre?!— perguntou o operario, com magoada submissão.

—Porque és um ingrato!—bradou o fidalgo.

—Ingrato, senhor! Nemja isso! Deus me não ajude, se eu sou ingrato a v. ex.ª!

—Tens ahí teu sobrinho, que deu um pontapé no

seu bemfeitor, e causou a desgraça de minha filha, e a tristeza de minha casa!

—Meu sobrinho, sr. compadre, fez mal, é verdade; mas o mal está remediado. Meu sobrinho vai-se embora por estes dias. Vai para Lisboa continuar os seus estudos. Leva duzentos mil réis que eu recebi do meu filho e afilhado de v. ex.<sup>a</sup>, e por lá ficará até se fazer homem como meu cunhado.

Ruy de Nellas deu um grande suspiro de desabafo, e disse:

—Fallas-me verdade?

—Como quem se confessa, fidalgo.

—Então, compadre, o dito por não dito. Se eu soubesse que elle estava ainda em tua casa, por falta de meios, o dinheiro dava-t'o eu, sem elle o saber. Quando é que vai?

—Estão-se fazendo umas camisas, e, o mais tardar, no fim da semana, vai com Deus.

N'este dia á noite, Ruy disse a uma das filhas:

—Vai ao quarto de tua irmã, e diz-lhe com bons modos que venha tomar chá comnosco. A tempestade está a passar; é preciso que a trateis, como d'antes, d'aquí por diante.

Christina, maravilhada da brandura de sua irmã, desceu á sala, e beijou a mão paternal, que se lhe offerecia com affavel sorriso.

Tomou chá, trocou leves palavras com suas ir-

mãs, e voltou ao seu quarto, onde desvelou a noite, scismando na transfiguração de seu pai.

A horas de almoço, passou Ruy de Nellas no corredor contiguo ao quarto de Christina, e disse-lhe tocando na porta:

—Vai o almoço para a meza, menina.

Christina estremeceu, e sumiu entre os cobertores a carta, que estava escrevendo, cujo periodo mais importante era assim:

«... Como penso que terei liberdade de descer ao jardim ao fim da tarde, sahirei pela porta da quinta, que abre para a estrada. Se m enganar, então amanhã te avisarei.....

.....

Não se enganára.

O caricioso pai sahio com ella e suas irmãs a passear depois de almoço. Amimou-a, depois de jantar, brindando-a com um vestido de tafetá azul para a festa dos annos da morgada. Ao fim da tarde viram-n'a sahir ao jardim, e a mais abelhuda das irmãs disse:

—Papá, olhe que a Christina vai só...

—Deixal-a ir. Coitada! o inverno já lhe desfolhou as rosas que ella ha um mez ainda regava!... Vai ver as suas plantas... Pobre filha, que pena me faz vê-la tão abatida!

Christina demorava-se. E o vento assobiava, imbellindo contra a janella borrifos de chuva.

—Vossa irmã já está no seu quarto?! Vão ver.

As meninas alvoroçadas vieram dizer que no quarto não estava ella nem a capa.

—Pois não viram que ella sahiu de capa ao jardim?—reflectiu o pai.—Vamos ao jardim, que ella deve lá estar abrigada da chuva... ou (ajuntou elle no silencio de seu coração) escondida a chorar... pobre menina!...

Espreitaram todos os escuros do arvoredado, chamando-a a brados. O fidalgo, esporeado por diabolica suspeita, correu á porta de carro, e achou-a aberta.

—Fugiu!—exclamou elle—Os criados que saiam todos por essas estradas, e... que o matem!

E os criados sahiram todos na ideia... de o matarem!

Até o José-pastor lá ia na chusma, clamando que queria tambem matar o ladrão da fidalga, e teimava que via as pégadas da menina lá por uns caminhos onde ninguem via cousa nenhuma!

A essas horas, Christina e Casimiro transmuntavam o cabeça da primeira serra, que descia para umas gargantas intransitaveis.

Na ante-vespera, palmilhara Casimiro o terreno menos trilhado, e orientara-se cabalmente da direcção que devia seguir até assomar á serra visinha de S. Julião.

## VI

**A humildade vencedora**

Os servos iam e vinham por estradas reaes, atalhos e mais desfrequentados caminhos. Ninguem déra noticia dos fugitivos, excepto um guardador de cabras, o qual disséra ter visto, n'uma chã, passarem um senhor, vestido á cidade, e uma senhora assim a modo de fidalga, e depois os vira entrar á estrada de Trancoso. Estas novas quem as colheu foi o José-pastor, o velhaco! Elle não viu guardador nenhum de cabras; inventou-o, sem que ninguem lhe encommendasse a fabula. O que elle queria era attrahir as pesquisas para o lado opposto de S. Julião da Serra. Serviçal até alli!

Quando, ao quarto dia de baldadas buscas, os criados mais pimpões se abalaram para Trancoso armados até aos dentes, Ruy de Nellas foi procurado por sujeito desconhecido. Entrando á presença do fidalgo, e interrogado sobre quem era, disse:

—Sou um lavrador da freguezia de S. Julião da Serra

—Onde está vigário meu afilhado padre João Ferreira?

—Sim, senhor.

—Como está elle?

—Doente de cama.

—Coitado! E Peregrina? Conhece a irmã do vigário?

—E' minha mulher.

—Ah! sim? quanto folgo! Já cá sabiamos que ella casára bem.

—Estimo-a muita, que é digna d'isso.

—E vocemecé creio que é lavrador abastado...

—Graças a Deus, tenho mais que o necessario...

—Queira sentar-se. Esqueceu-me de o mandar sentar, com a satisfação de ver o marido da nossa Peregrina... *Satisfação*, digo eu!... Vão por cá muitissimas afflicções, senhor... como é a sua graça?

—Ladislau, criado de v. ex.ª

—Muitas afflicções, sr. Ladislau! Caiu em minha casa um raio!... Deus... não sei que mal lhe fiz! Eu, que faço o bem que posso, que dou tudo quanto me sobeja aos pobres, que eduquei minhas filhas na religião de meus avós, estou aqui esmagado por uma vergonha, que me está cavando a cova!... Quando ha sete annos me morreu minha mulher, pedi a Deus a morte: oxalá que elle me tivesse ouvido!... Logo,

em seguida, morreu o meu unico filho varão. Resisti ainda. Depois vi cair o Senhor D. Miguel do throno á miseria da proscricção, e fiquei ainda em pé. Agora... agora... esta punhalada corta-me o ultimo fio! Nos trez infortunios passados, o Senhor Deus dos afflictos collocou a meu lado um dos seus apostolos, que me amparou, e me fechou as chagas com o balsamo da religião. Era um frade da sua freguezia, creio eu: Fr. Braz Militão do convento de Vinhaes. Morreu o santo, que passou trez noites á cabeceira do meu leito, quando enviuei. Elle tinha experimentado a minha dor, porque vestira o habito de frade mendicante, quando Deus lhe chamou sua mulher... :

—Esse frade era meu pai—disse Ladislau.

—Seu pai!—exclamou o fidalgo, erguendo-se a abraçal-o.—Pois o marido de Peregrina é filho d'aquelle predestinado, a quem eu recorro ainda nas minhas angustias?

—E eu recorrerei tambem para que meu bom pai alcance do Senhor o socego de v. ex.ª

—Desculpe-me, que eu estou todo absorvido pela minha magua! Ainda não fiz senão carpir-me; porém o sr. Ladislau calculará, quando for pai, a natureza da minha dor... Que motivo o traz a esta casa?

—O seu infortunio, sr. Ruy.

—Pois sabia que minha filha fugiu? Já lá chegou a notícia? Foi sua mulher que o mandou saber a atroz verdade? E' certo, é horivelmente certo que essa desgraçada fugiu ha cinco dias, e todas as diligencias em procurá-a com o infame raptor se teem baldado!

—A sr.<sup>a</sup> D. Christina está em minha casa—ata-  
lhou Ladislau.

Ruy de Nellas aproximou-se, quasi rosto a rosto, de Ladislau, e exclamou:

—Que diz?! em sua casa? com elle?

—Não, sr. Ruy. Em casa do filho de fr. Braz Militão não se agasalham amantes fugitivos, salvo se elles forem tão desgraçados que não tenham pão nem tecto. Em minha casa está unicamente a filha de v. ex.<sup>a</sup>; em casa do vigario está Casimiro de Bettancourt.

—E meu afilhado—interrompeu iroso o fidalgo—consente que se recolha em sua casa o roubador de minha filha, da filha de Ruy de Nellas, a quem elle deve tudo o que é?!

—Lamento,—disse Ladislau—que meu cunhado aqui não esteja para dignamente responder a v. ex.<sup>a</sup> Eu não tenho a virtude nem as expressões santas, persuasivas e affectuosas do afilhado de v. ex.<sup>a</sup> Estou aqui, porque a doença ha trez dias o tem a elle na cama: apressei-me a vir para que o padre, des-

presando a enfermidade, não viesse por este mau tempo arriscar a vida. As intenções, todavia, de meu cunhado, acolhendo em sua casa Casimiro Bettancourt, são obvias e justas. Os dois desgraçados pela cegueira do amor foram pedir ao sacerdote a bênção matrimonial; o sacerdote não podia abençoal-os sem consentimento de v. ex.<sup>a</sup>, e não podia também abandonal-os sem faltar á caridade que professa, á sua propria consciencia, e ao que deve ao sr. Ruy de Nellas. Abrir mão d'elles na situação em que os viu, o mesmo seria declarar-lhes que não ha divina nem humana misericordia. Elles iriam porta fora desconfiados da virtude do ministro de Deus, em que tinham posto sua esperança, e julgar-se-iam desquites de serem ou procurarem ser virtuosos...

—Bem!—atalhou Ruy. A que vem o senhor?

—Implorar a v. ex.<sup>a</sup> consentimento...

—Para se casarem?

—Sim, senhor.

—Sabe o que pede?! o sr. Ladislau sabe o que pede?!—bradou o fidalgo com os olhos afuzilando ira e gestos descompostos.

—Sei que peço, segundo meu cunhado diz, o unico remedio de tal desgraça.

—Seu cunhado é um parvo!—rebradou o velho, batendo rijamente com o punho fechado sobre a me-

za.—Repito: seu cunhado é um parvo, e não tem desculpa nenhuma, porque sabe quem é o pai de Christina, e quem são os parentes d'esse ninguém que roubou minha filha. Não lhe disse elle que Casimiro é sobrinho d'um carpinteiro?

—Sim, senhor, disse.

—E então? Parece-lhe que é bem arranjado o casamento do sobrinho do carpinteiro com a filha de Ruy de Nellas? Responda!... Que pena eu tenho que, em lugar do senhor, não estivesse ahí o padre, a ver o que me respondia!...

—Parece-me que o padre responderia a v. ex.<sup>a</sup> que a sr.<sup>a</sup> D. Christina...

—Diga, diga!

—Casada com o sobrinho do carpinteiro está mais honrada que na situação em que se acha agora.

—Quer isso dizer que da parte do mariola é muito grande favor casar-me com a filha!?

—Não, sr. Ruy; eu não quiz dizer semelhante cousa; não vim aqui offender v. ex.<sup>a</sup>

—Pois então?!... A vontade do meu amigo padre (replicou o fidalgo, sorrindo á palavra *amigo*) é que eu admita em minha casa os noivos?

—Não lhe ouvi isso. O que elle unicamente pede é a certeza de que v. ex.<sup>a</sup> lhe levará a bem que elle os case, embora o seu consentimento não seja escripto.

—Prohibo-o expressamente de os casar, sob pena de eu o fazer sahir da egreja, e metter em processo.

—Que quer, por tanto, v. ex.<sup>a</sup> que faça sua filha?—redarguiu Ladislau com os olhos humidos de lagrimas de desanimação—Que ha de ella fazer?

—Entrar n'um convento, chorar o seu crime, e morrer lá, é o que eu quero. A elle hei de perseguil-o até ao inferno! hei de mettêl-o n'uma masmorra, e impontal-o para as Pedras-Negras.

Ladislau recolheu-se breves instantes, e sabiu de si, dizendo com grande impeto de pranto:

—Se aqui estivesse frei Braz de Villa Cova, que diria, n'este ponto, o bom christão a v. ex.<sup>a</sup>? Eu creio, senhor, que meu pai diria: «Perdão, e misericordia. A neta dos reis de Judá, Maria, mãe de Jesus, foi eleita pelo Eterno esposa d'um operario: era carpinteiro o pai putativo do Redemptor dos homens.»

—Não me pregue sermões! —interrompeu Ruy de Nellas, cujas convicções, no tocante ao casamento da Virgem Maria, eram muito pela rama. O fidalgo acreditava que uma sua tia freira bernarda em Lisboa tinha oração infusa, e, em seus extasis, se erguia sobre a terra quatro covados; acreditava que S. Thiago e S. Jorge vieram em pessoa combater e

vencer pelos portuguezes; acreditava outrosim que a morte e vinda de D. Sebastião era por ora cousa duvidosa, porém o casamento da filha dos reis de Israel com um carpinteiro custava-lhe a tragar!

—Não me pregue sermões! — dissera, pois, Ruy de Nellas, e proseguiu: — Seu pai, se aqui estivesse, iria, sem que eu lh'o pedisse, procurar essa mulher perdida, e convertêl-a a Deus, levando-a a um convento, e obrigando-a a ver bem a sua vergonha para que nunca mais se amostrasse a olhos do mundo. Seu pai, sr. Ladislau, de certo me não viria dizer que premiasse a desobediência de minha filha, e a petulancia do farropilha, que m'a roubou, casando-os. Boa maneira de os castigar, não tem duvida nenhuma! O resultado de tão funesto exempio seria as outras minhas filhas fugirem-me com os miseraveis que as seduzissem! Se a religião mandasse ou aconselhase tal, ai da ordem social, que então direitos de pai e obediencia de filhas tudo andaria transtornado! Não, senhor! frei Braz Militão não podia, de modo nenhum, ser o patrono de tamanho crime!

—Que quer, pois, v. ex.<sup>a</sup> que se faça? — disse Ladislau com os olhos já enxutos, e um tom de voz, que denotava outra condição de espirito.

—Já disse: ella, convento; elle, se puder fugir, que me fuja; mas já e depressa, quando não a justiça fila-o.

—Creio que a sr.<sup>a</sup> D. Christina não entrará em convento, nem Casimiro fugirá sem ella.

—Veremos! Eu vou mandar homens a S. Julião da Serra!

—Fará v. ex.<sup>a</sup> mal. Na minha terra nunca entraram homens de braço armado, excepto os francezes, que incendiaram as casas por não encontrarem alguém. As nossas defezas e resguardo são as serras. Eu conduzirei a filha de v. ex.<sup>a</sup> onde não possa a violencia alcançal-a. Ella fiou-se em mim, acceitou a minha casa, hei de defendel-a. A não poder vél-a esposa do homem que ama, não serei eu que vá perfidamente arrancal-a ao seu destino, bom ou mau, Deus sabe qual será. Calar-me seria uma perfidia. Volto, pois, com o coração de lucto, e direi a meu cunhado que v. ex.<sup>a</sup> lhe prohibe remediar a desventura da sr.<sup>a</sup> D. Christina.

—Mas diga-me cá! — acudiu de golpe o velho. — Se eu consentisse no casamento, que se seguia? Minha filha voltava a Pinhel com o marido?

— Não, senhor.

— Pois então?

— Lá sabem o seu intento. A Pinhel não voltarão.

— Mas quem os sustenta, depois?

— Serei eu, se elles quizerem.

— Bello comêço de vida! Vai viver minha filha ás sôpas da...

Conteve-se Ruy, mas Ladislau, adivinhando-o concluiu a phrase:

—A's sopas da serva de v. ex.\* . . . Minha mulher tanto se considera ainda uma criada de v. ex.\* que recebe como a maior das honras ter á sua meza a sr.\* D. Christina, e servil-a como criada.

—Perdôe-me, atalhou Ruy commovido, perdôe-me, que a minha dôr faz-me mau; que eu não o sou, meu amigo! Sua mulher nunca foi minha criada. Sentei-a á minha meza, e vesti-a como minhas filhas. Nunca me arrependi, e queria não me arrepender nunca. Faça o sr. com que ella resolva Christina a esquecer esse homem, e a fazer-me a vontade. Pôde ser que o tempo venha a gastar o odio, que tenho a essa perdida, e a tire do convento. E' o maior serviço, que podem fazer-lhe, dissuadil-a. Façam com que Casimiro saia de Portugal: que vá para o Brazil ou para o inferno, que eu não lhe faço mal. Tenho dito, sr. Ladislau, a este respeito.

—Minha mulher não ousa dar taes conselhos á sr.\* D. Christina, nem eu a minha mulher. Emfim, sr. Ruy, ouça v. ex.\* o que vou fazer. Acompanharei sua filha ao logar onde a encontrei; lá, onde a espera Casimiro Bettencourt, direi a ambos: «Fiz o que pude, pedi com lagrimas, pedi com razões: tudo se mallogrou. Agora, se meu cunhado os não quer ou não pôde casar, sigam sua vida, vão mostrar-se por

esse mundo deshonrados, e digam que, se a deshonra os affasta das pessoas de bem, é porque esta infeliz menina tem um pai, que antes a quer assim.» E o que farei e direi, sr. Ruy de Nellas; mas antes d'isto, ainda me resta um esforço. Pedirei á alma de meu pai que lhe toque o animo; e, de joelhos e mãos erguidas, ainda uma vez, supplico a v. ex.<sup>a</sup> que dê consentimento para que sua filha seja honesta!

Disse Ladislau as ultimas palavras ajoelhado

O fidalgo contou, passados annos, que, em lugar de Ladislau, vira, como em sombra, fr. Braz Militão. Ha segredos de Deus; porém, bem pôde ser que o caso, a dar-se, fosse mera visualidade do velho. Fosse ou não, Ruy de Nellas inclinou-se a levantar Ladislau de sua postura humilde, e disse:

—Valha-me Deus!

Passeiou, de uma parede a outra, repetidas vezes, o salão; enquanto o moço arquejante lhe estava como bebendo a resposta dos beijos convulsivos. Afinal, parou o velho, em meio da sala, levou as mãos ás fontes, e, sacudindo vertiginosamente os braços, exclamou:

—Casem! mas que eu os não veja mais!

E sentou-se, prostrado.

—Beijo as mãos de v. ex.<sup>a</sup>—disse Ladislau, retirando-se com alvoroço tal de alegria, que a sua ven-

tade era distanciar-se depressa, receioso do arrependimento.

Arrependimento que por um cabello, pouco depois, ia dando de si um feito vil!

Ruy de Nellas ergueu-se de golpe, já quando o moço tinha saído, e esporeava a galope desapoderado a mula, estrada fóra.

Chegou ainda a gritar pelos criados, cujo maior numero tinha ido para Trancoso. Era seu intento envial-os a S. Julião da Serra, infractores da palavra de seu amo.

N'este lanço, estropearam no pateo dous cavallos: o cavalleiro era D. Sueiro de Aguiar Vito de Alarcão Parma d'Eça, fidalgo de Miranda, com o seu lacaio.

Este sujeito, além d'aquelle nome, que só por si é uma fortuna, nascêra primeiro que seus irmãos, na maior casa d'aquelles contornos de Miranda. Barbedos e Alarcões tinham começado, pouco mais ou menos, com o genero humano. Estas duas familias, em franqueza intima e modesta, diziam que o primeiro sangue de Lisboa—da Lisboa de sangue azul, entende-se—era um regato da fonte caudal, represada n'elles, ahi pela fundação dos reinados de Leão e Castella.

Desde muito que Ruy de Nellas meditava em casar a filha morgada com D. Sueiro d'Aguilar, e n'isso trabalhára, com intervenção da parentella.

Eil-o ahi está agora o almejado genro a pedir-lhe a filha, e eil-o vem a ponto de estorvar que o sogro se deshonne, violando a palavra dada, com desdouros dos reis de Leão e Castella, seus avós.

Trocados os termos cerimoniosos, D. Sueiro perguntou pelas primas.

Entraram cinco meninas meia hora depois.

—E a prima Christina?—perguntou elle.

—Está na Guarda, em companhia da tia Mafalda Portugal—tartamudeou Ruy.

—Sinto—disse D. Sueiro—porque, vindo eu pedir a mão da prima Guisomar para mim, sou encarregado de pedir a prima Christina para meu irmão Alexandre.

—Céus!— exclamou para dentro de si o fidalgo, e as meninas encararam-se mutuamente.

—Fallaremos ácerca de Christina—disse Ruy, expedindo um gemido rouco.

E declinou a pratica sobre trivialidades, até horas de jantar.

D. Alexandre, academico do primeiro anno na Universidade, tinha visto sua prima na feira de Vizeu, um anno antes. Escrevera-lhe, mediante os bons officios de sua tia D. Beatriz de Albuquerque. Não respondéra Christina senão termos agradecidos á escolha, posto que incondescendentes. Assim mesmo, D. Alexandre d'Aguilar recalcitrou, sem melhor exito.

D. Sueiro, porém, tomou a peito levar a noiva ao irmão.

Contou-se o incidente que prende com o por vir d'esta historia.

## VII

### **Felicidade**

O apparecimento de Ladislau Tiberio no alto da serra, que se arqueia sobre a casa de Villa Cova, foi saudado com o agitar de dois lenços brancos. O moço, segundo convenção feita, apeiou, cortou uma haste de castanheiro, arvorou n'ella o seu lenço, e flo-reando-o de cima da cavalgadura, deu-se pressa na descida.

Quando tal viram, Christina, a rir e a chorar, lançou-se aos braços de Peregrina, e foram ambas ajoelhar deante do oratorio. Como a alegria as não deixava exprimir palavra, era-lhes preciso fallar em silencio com Deus.

Meia hora depois, entrava no quinteiro Ladislau, e as duas senhoras, arrebatadas como se a boa nova

igualmente as deliciasse ambas, correram a ouvir a confirmação do que disséra a bandeira branca.

—E' certo?!—exclamou Christina.

—E' certo, minha senhora.

—Deixa-me ir um criado a S. Julião dar parte a Casimiro?—tornou ella.

—Vamos logo todos; mas, se v. ex.<sup>a</sup> quer, mande o criado já.

—Então não: vamos todos... quero eu dar-lhe a nova. E meu pai está bom? e minhas irmãs?

—Não vi suas irmãs; seu pai está inquieto; mas, como tem bom coração, Deus o socegará.

Abraçaram-se outra vez as duas amigas, e Ladislau, entre risonho e lagrimoso, gosava o não menor quinhão da sua alegria.

Fez-se logo noite, e esperaram que nascesse a lua para sahirem ao ingreme e despedrado caminho da egreja.

Por volta das dez horas, chegaram á lapa da Crasta, no viso da serra interposta, e lobrigaram um vulto.

—É elle! — exclamou Christina, lançando-se da egua. É meu marido!

Casimiro Bettancourt correu ao encontro d'ella, e murmurou:

—Que dizes, Christina?

—O pai consentiu! —disse ella abafada pela commoção.

E Casimiro, desprendendo-se dos braços de Christina, foi cingir com o peito o sereno Ladislau, que ficara segurando as rédeas da egua.

—Meu salvador!—exclamou o moço.

—Meu amigo, como amigo de todos os infelizes que amam!—disse Ladislau, e ajuntou logo:

—O senhor que está aqui é que meu cunhado melhorou.

—O senhor vigario veio confessar um moribundo na aldeia, que está no fundo da serra, e eu, com licença d'elle, vim até aqui para ver o fumo da casa de Villa Cova.

—Bem!—tornou Ladislau. Vamos.

—Eu vou a pé—disse Christina; dá-me o teu braço, Casimiro.

—Ámanhã—atalhou Ladislau—ámanhã se encontrará ao braço de seu marido, minha senhora.

Christina còrou, e Casimiro tomou as rédeas da egua para ella saltar ao albardão.

Ouviu-se um prolongado assobio como o dos caçadores em montados: era o vigario que chamava o hospede. Casimiro respondeu, e Peregrina, puxando do peito, quanto pôde, a voz, gritou:

—Cá vamos todos.

E, como todos rissem do agudissimo falsete da jubilosa Peregrina, o vigario percebeu logo a impaciente felicidade que não pôde esperar pelo dia seguinte.

E subiu a ladeira até encontrar o grupo.

—Abençoou Deus a tua resolução, já vejo! disse padre João Ferreira ao cunhado.

—Abençoou: podes tuabençoal-os, meu irmão.

E os dois ficaram alguns passos atrasados, para irem conversando sobre os successos de Pinhel, e os futuros em que os noivos não pensavam, nem era generoso dizerem-lh'os.

Ninguém dormiu, n'aquella noite, na residencia de S. Julião. O vigario sahiu, antemanhã, a solicitar licença do arcepreste para casar os contraentes sob sua responsabilidade sem o previo pregão de banhos. Obtida, voltou á igreja, e ouviu de confissão os desposados; e, em seguida á cerimonia da communhão, ligou-os, abençoou-os e disse-lhes:

—Ficam sendo os dois uma só alma para as alegrias e para as provações. Deus voltará a sua face divina d'aquelle dos dois que attribuir ao outro o seu infortunio; e nós, os amigos de ambos, verteremos lagrimas de sangue se os virmos infelizes, infelizes á mingua de conformidade e fortaleza. Deus os tenha de sua mão.

Celebrado o matrimonio, almoçaram na residencia e sahiram para Villa Cova, onde Brazia, azafamada com o jantar, e duplamente ditosa com o segundo casamento, dava ares de não ter o miolo fixo, no dizer dos outros criados.

A felicidade d'este dia não tem historia; ou, se a tem, conte-a o leitor que a experimentou. Mas o meu leitor, casado por paixão, precisamente foi obrigado a attender aos cumprimentos de amigos e parentes, uns a louvarem-lhe a noiva, outros a louvarem-n'ò a si, estes a brindarem-n'ò com vinho, aquelles a perguntarem-lhe pelo dote da mulher: barafunda esta que o não deixou sentir a sua felicidade.

Ora, na casa de Villa Cova, á mesa nupcial, além dos noivos, estavam o vigario, os donos da casa, o carpinteiro de Pinhel, e a velha Brazia. Os noivos repetiram em miudos a historia dos seus amores, os medos, as tristezas, os jubilos, o entenderem-se, com a linguagem pactuada das flores. N'este ponto, Brazia ria muito e dizia que os namorados eram o peccado. As espertezas de José-pastor foram contadas por Christina com amostras do bem que queria ao rapazinho. Pediu ella ao marido que se não esquecesse nunca do muito que lhe deviam, e lembrou-se de o mandar estudar para padre se algum dia fosse remediada de bens de fortuna.

—Ha de sahir bom padre!—atalhou a ridentissima velha. Se assim souber espreitar as ciladas do cão tinhoso, muitas almas ha de ganhar para Deus!

Com estas e outras festejadas palestras passaram o dia. Ao escurecer tornou o vigario á sua igreja, com

promessa de voltar no dia seguinte, a fim de se conversarem cousas muito importantes.

E nós vamos já ao ponto d'estas conversações decorridas á sombra d'uns altos castanheiros, que pareciam ter alli ficado da idade de ouro para darem testemunho de um feito d'outras eras.

—Diz tu o que tens a dizer, Ladislau. —Estas palavras proferiu o vigario, logo que as duas senhoras se assentaram na grossa e retorcida raiz d'um castanheiro, e Casimiro á beira d'ellas.

Ladislau voltou-se para seu cunhado e disse:

—Porque não has de ser tu?

—Quem melhor exprime a idéa é quem dignamente a concebeu.

—Pois fallarei—tornou o moço. Deteve-se breve espaço, e disse:—O sr. Casimiro Bettancourt recebeu educação e tem espiritos que não são para vida aldeã, e d'esta aldeia a mais desacompanhada e triste que ser pôde. Isto é bom para mim, que nasci cá, e por todas estas pedras e arvores tenho cobrado um affecto de solitario, que todo outro viver se me affigura intoleravel. Que fará o sr. Casimiro, passados estes primeiros dias, em tal solidão? Perguntará a si mesmo: «Que faço eu aqui? Em que empregarei as minhas forças? Porque molde talharei o meu futuro?» Quando assim se interrogar, a resposta será uma melancolica indecisão, com vér cerrados os cami-

nhos para onde o animo o impelle. Vamos vêr se podemos abril-os para pouparmos o nosso Casimiro á desconsolação de cruzar os braços e dizer: «não sei!» O nosso amigo contou-me que, no collegio, estudava mathematicas, para o fim de seguir a carreira das armas.

—É verdade—disse Casimiro.

—Pergunto eu se lhe agrada recommençar ou continuar os seus estudos, e ser militar?

—Desejava-o, tenho-o desejado sempre; mas a vida militar desprotegida é má; e, nas minhas circumstancias, o estudar foi e é impossivel agora.

—Não é. O meu amigo assenta praça, e requer licença para estudar em Lisboa, Porto, ou Coimbra. Tenho estas informações de meu cunhado. Eu offereço-lhe os meios precisos para se alimentar com sua senhora em qualquer das cidades que escolher, e assim se habilita para alguma vez me fazer o adeantamento que for preciso.

—Mas o meu dote. . . —interrompeu Christina, com fidalgo animo.

—Não se falla no seu dote—retorquiu Ladislau.— O sr. Ruy de Nellas deu o consentimento; mas não dá dote.

—O dote de minha mãe. . . —tornou ella.

—V. ex.<sup>a</sup> não pede dote nenhum: eu disse a seu pai que a sustenção de sua filha e marido não cor-

riam á obrigação d'elle. Está dosobrigado o sr. Ruy de Nellas. Em resumo, o sr. Casimiro quer ser homem, quer a sua independencia, quer empregar dignamente as faculdades, que Deus não dá para ocios ou desperdicios. Resolve-se a abraçar a minha lembrança?

—De toda a vontade, e com o mais reconhecido coração. Diz-me uma voz intima que eu poderei desempenhar-me.

—Tambem a mim m'ó diz—ajuntou Ladislau.

—Desempenham-se todos os que trabalham—ajuntou o vigario.—O principal estímulo que o sr. Casimiro leva para o seu engrandecimento é querer mostrar a seu sôgro que se fez homem.

—Quem me faz homem é este anjo! exclamou Casimiro, abraçando o marido de Peregrina, a qual já estava chorando, quer fosse a proxima ausencia de Christina, quer o entusiasmo da boa acção de seu marido que a enternecesse a lagrimas.

Volvidos quinze dias, iam sahir de Villa Cova os noivos com destino a Coimbra. Ao despedirem-se, como Ladislau levasse á mala de Casimiro o dinheiro contado para as despesas do primeiro trimestre, o hospede acudiu dizendo que tinha intactos os duzentos mil réis que seu tio lhe dera. Mestre Antonio, que fôra assistir á despedida do sobrinho, resistiu ás instancias de Ladislau, não querendo reembolsar o di-

nheiro, e levou a sua liberalidade ao ponto de oferecer á esposa de seu sobrinho uns brincos de ouro, que elle chamava *cabaças*, os quaes tinham sido de sua mulher. Liberalidade, dissemos; e, com tudo, o valor real do presente orçava por dezeseis tostões! Assim era que elle amava muito aquella memoria, e o dêsprender-se d'ella foi o mais que podia fazer a sublim e rudeza do coração do operario! Dera a sorrir os duzentos mil réis, e foi, ás escondidas, enxugar as lagrimas, quando se viu privado das arrecadas de sua mulher! Ó santos corações do povo! mas do povo das montanhas, direi; do povo, que ainda não safu á praça vociferando que é rei porque é povo.

Christina tirou das orelhas uns brincos de preço, que usava em casa de seu pai, e adornou-se com os modestos, que lhe dera o artista; depois, voltando-se a Peregrina, disse-lhe:

—Acceitas uma lembrança da tua amiga pobre, da amiga que vai subsistir dos teus beneficios? E, tomando-lhe a cabeça contra o seio, obrigou-a suavemente a receber os seus brincos, e beijou-a em ambas as faces.

—Acceita, Peregrina—disse Ladislau—que a tua senhora e amiga vai mais enfeitada com a dadiya do pobre.

Partiram, acompanhados até grande distancia pelo vigario, irmã, Ladislau e Brazia. Mestre Antonio não

houveram rasões que o demovessem de ir a pé ao lado de Christina até ao Porto.

Como pernoitassem n'uma estalagem da Aldeia de Pena-Verde, encontraram um feitor da casa de Ruy de Nellas, acompanhando duas cargas de babus. O feitor, pasmado do encontro, não atinava a decidir-se se devia cumprimentar ou desprezar a filha de seu amo. A menina, porém, que se não julgava desprezível, perguntou ao seu antigo criado d'onde vinham aquelles babus.

—Do Porto — disse breve e seccamente o condutor.

—Que levam?

—O enxoval da sr.<sup>a</sup> morgada.

—Pois a mana Guiomar casa?

—Casa á vontade de seu pai — tornou o feitor, carregando de censura as palavras, e collocando-se de esguelha.

Casimiro Bettancourt, que presenciara o dialogo, desceu ao pateo da estalagem, onde estava o feitor; travou-lhe das lapellas da jaqueta, e disse:

—Olha de frente para a filha de teu amo, e responde-lhe.

—Já respondi — disse o homem um pouquinho inquieto da segurança da sua pessoa.

Casimiro perguntou á sobresaltada senhora o que queria ella saber do seu criado.

— Nada... — balbuciou Christina, temerosa do resultado.

— Descobre-te — disse elle ao criado.

O feitor tirou o chapéu com as mãos ambas.

— Diz áquella senhora com quem casa tua ama, e responde ao mais que ella te perguntar.

— Casa com o sr. D. Sueiro, de Miranda, que a foi pedir, e tambem ia pedir a sr.<sup>a</sup> D. Christina para o sr. D. Alexandre.

— Deixa-o, deixa-o! — disse Christina.

— Levas as duas orelhas -- ajuntou Casimiro, largando-o — porque és criado do sr. Ruy de Nellas. Tu consideras menos a filha de teu amo do que eu os seus laçaios.

E, tornando ao quarto de Christina, disse-lhe risonho:

— Que excellente casamento te fiz perder!... D. Alexandre de Aguilar Vito de Alarcão Parma d'Eça!

— Pois sim, disse ella muito de riso e mimo, mas se tornas a assustar-me, arrependo-me de não ter respondido ás cartas do idiota Alexandrinho... que vamos encontrar em Coimbra... Não sabes que elle está em Coimbra?

— Sabia, e então? Dar-se-ha caso que a vergon-tea ostro-goda me queira cahir sobre as costas? É preciso temer os Vito Alarcões!... Deus nos defenda!

Festejou ella muito os tregeitos de medo comico

com que Casimiro abrenunciou o rival temeroso, e não pensaram mais n'isso.

Tomou o estudante uma casa menos de modesta, fóra de portas, em Santo Antonio dos Olivaes. Em redor da casa fechava-se o arvoredor de alamos, platanos e choupos. A mobilia era rigorosamente academica: as conhecidas cadeiras como inventadas para descadeirar os occupantes; a meza de pinho pintado de verde; a tarima de espaldar de taboado com silvas de flores amarellas, imaginarias, e superiores ás mais inventativas das florestas americanas. Tudo isto, porém, e o restante, que pouco mais era, limpo, repintado, e lustroso alegrava a casinha. Depois era no mez de abril, o abril de Coimbra, regorgeado de aves, arrelvado de boninas, copado de sombras, e harmonioso de murmurios. E, depois, o amor, a paz, o descanso de tamanhas batalhas, aformosentavam a vivenda de Santo Antonio dos Olivaes, o amor, por sobre tudo, alindava, encantava, e vestia da innocencia e das alfaias do éden aquelle silencioso abrigo de duas, almas fugidas ao mundo, e recolhidas em si e em Deus.

Principiou Casimiro a recordar os seus passados estudos, emquanto corria aquelle anno lectivo, para no immediato se matricular. Raras vezes ia á cidade dar conta ao leccionista dos seus estudos preparatorios. Como o tempo lhe sobejava, lia ou ouvía ler

Christina, que dava aos livros unicamente as horas feridas das suas occupações domesticas. Raro dia, deixavam de escrever algumas linhas a Ladislau e Peregrina, dizendo aquelles nadas que são um nunca findar entre pessoas que se presam.

Desceram, uma tarde de junho, ao Mondego, e subiram á beira da margem esquerda. Paravam a intervallos para ouvirem o rumoroso suspirar da folhagem, e o soido da lympha sob os salgueiros que se dobravam a remirar-se no espelho limpido.

Christina inclinou a face ao seio de seu esposo, e murmurou tão de leve, que parecia afinar a voz pelo som d'aquellas harpas eolicas da ramagem:

—Como somos felizes, ó Casimiro! . . .

—E eu cuidava que não havia felicidade n'este mundo! disse elle, comprimindo-lhe a face com a mão trememente de meiguice.

—Como não ha de havel-a para os que amam o Senhor, e não fazem mal ao seu semelhante!

—Eu devia esperar este bem, Christina; porque fui muito desgraçado . . . Não fui?

—Eras . . . mas, desde que te amei . . .

—Fui muito mais desgraçado, filha . . . Então é que eu me vi pobre, desvalido, sem pai, sem mãe . . . Que palavra, Christina! . . . Mãe! . . . Nunca os meus labios proferiram esta palavra no seio de uma mulher! Nunca, nem na minha desamparada orphanda-

de, correu para mim uma mulher chamando-me filho!... Como pude eu ser privado das caricias de minha mãe!? Como pôde ella abandonar-me, e esquecer-me!? Porque não disse meu pai se ella era morta!?

—Ahi estás tu a entristecer-te!—atalhou a esposa.  
—Não quero!... Vem cá! Olha, Casimiro, eu chamo-te filho, filho da minha alma, do meu coração! Amo-te mais que todas as mães! Se alguma vez chorares, eu te consolarei com um carinho, que as mães não sabem. Defender-te-hei com mais coragem que ella. Morrerei por amor de ti, porque é tudo que eu tenho. Se Deus me der filhos, hei de amal-os menos que a ti, meu amado esposo!... Vês-me tu a mim triste por ter deixado pai e irmãs?... É verdade que meu pai aborrecia-me e minhas irmãs desprezavam-me por amor de ti, Casimiro, por amor de eu te querer dar esta felicidade...

—Perdôa-me!—Disse elle, beijando-a com estremecimento.—Não me lembres o que soffreste, que eu cuidarei que me argues de ingrato. Olha que a minha tristeza é suavissima, ó minha filha. Lembrou-me meu pai, e os seus ultimos affagos; tive saudades de minha mãe, que nunca vi; são uns desejos, que parecem vaticinio de que hei de ainda encontrar-a. Vê tu que loucura, que poesia! E' este sitio, estas arvores, e a serenidade do céu que me fa-

zem scismar assim... As pessoas, que teem a sua alegria circumscripita ao curto espaço da sua casa, não devem vir meditar nos logares em que o espirito carece de voar ás raias do infinito. A tristeza está n'ellas, filha. O espirito retrae-se sobre si mesmo, e doe-se da sua fraqueza. O que é ver ir aquella ave pelo azul do céu fóra, e dizer: «onde irás tu?» E' desejo de romper esta rede de ferro que nos cerca, rasgar os fechados horisontes da alma, e sondar em que mundo irei com o teu espirito perpetuar a minha existencia. E a devaneiar n'isto, accordam-se na alma todos os enlevos e saudades... Então vejo a sombra de minha mãe e de meu pai, e passarem, e fugirem, como sonhos. Ditoso é o meu accordar, porque te encontro, ó anjo da minha vida!

E, dizendo, abraçou-a soffregamente, e bebeu-lhe as lagrimas, exclamando:

—E' assim que minha mãe devia chorar, quando me lançou de si!...

—Mas eu—exclamou Christina—aperto-te ao meu coração, filhol

## VIJI

**O vigário de S. Julião da Serra**

Temos de voltar a Pinhel.

D. Sueiro de Aguilar pediu instantemente que se mandasse buscar á Guarda sua prima Christina. Ter-giversou, em quanto pôde, Ruy de Nellas; porém, quando o fidalgo de Miranda annunciou que iria pessoalmente buscal-a, o velho, entre lagrimas e gemidos, declarou tudo.

—E não está ainda morto o villão?—Perguntou D. Sueiro, concluida a narrativa.

—Morto, não: nem sei onde está.

—E pôde meu tio Ruy de Nellas Gamboa de Barbedo consentir que viva o cão immundo! Um Gamboa deixar viver o raptor de sua filha!—replicou D. Sueiro.

—Que hei de eu fazer-lhe agora? é marido d'ella!

—Antes viuva, antes perdida, antes morta!...

Que ouvi eu! Christina, amada por Alexandre de Aguilar, requestada e pedida, acha-se casada com um sobrinho de carpinteiro! O' tio! esta vergonha é insanavel!... Quem dirá que minha bisavó foi casada com o primo carnal d'um avó de v. ex.ª!?...

Sinto, sinto amargamente dizer-lhe que não posso ser cunhado de sobrinho do carpinteiro!

—Paciencia! . . . murmurou Ruy. Deus me leve depressa. Estou farto das affrontas dos nobres e dos plebeus. Elle roubou-me a filha, e tu, Sueiro, injurias a minha dôr! Que hei de eu fazer?

—Esmagar o verme!

—Valha-te Deus! não se esmagam assim homens! Os tempos são outros, meu sobrinho. A plebe agora tem a força, e nós temos o direito.

—E a força! Vá lá um plebeu requestar irmã minha! . . . Não verá mais sol nem lua! Juro-lh'o sobre . . .

D. Sueiro, como não visse á mão sobre que jurar, calou-se, e expediu um grunhido, como usam os bravos, que parecem tirar a valentia da garganta. E proseguiu:

— Já estão casados?

—De certo estão ha trez dias.

—V. ex.ª deu o consentimento?

—Nem dei, nem deixei de dar. . . Calei-me, farto de ouvir as lastimas d'um bom moço, que aqui veio..

—E houve sacerdote indigno que os recebesse sem licença legal e canonicamente escripta?

—O sacerdote é meu afilhado, ordenado á minha custa, nomeado por minha intervenção na igreja onde se receberam.

—Pasmol! . . . pois . . . ó sacrilegio da amisadel! ó crime inaudito! Padre João, aquelle sarrafaçal de padre, ousou santificar e legalisar o opprobrio da familia que lhe deu o pão, a sotaina, e a egreja! Qual vingança ha ahí de tamanho crime!

Andava D. Sueiro de um lado a outro da sala, sacudindo os braços, em mental soliloquio. Ruy, amparada a cabeça entre as mãos, pozêra os cotovellos no peitoril da janella, e olhava, sem o ver, para um macisso de murtas do jardim. As apostrophes irrisorias do sobrinho calaram-lhe no animo, a ponto de o irarem contra o vigario de S. Julião. Monogolando comsigo, dizia:

—D. Sueiro tem razão. O padre, devendo ser o primeiro a embaraçar o casamento, não só m'ó mandou aconselhar como' necessario, mas ainda por cima me pediu e instou lincença para casal-os. A ingratição é flagrante! O villão bandeou-se com o outro da sua estôfa. São uns pelos outros estes filhos do nada! Se elle me fosse grato, restituia-me a minha filha, e afugentava o raptor. Longe d'isso, agasalhou-o, sustentou-o, e recebeu-o como se eu lh'o recommendasse! . . . Tem razão D. Sueiro! O padre merece castigo! Não basta expulsal-o eu para sempre de minha casa; hei de reduzil-o a viver da esmola da missa, se não poder caçar-lhe o exercicio das ordens.

E continuou em voz alta:

—Dizes bem, meu sobrinho: o padre é um refalsado ingrato! Ha de ser punido.

—E o troca-tintas?

—Casimiro?

—Sim, o pèrro, o sobrinho do carpinteiro?

—Já te disse que é tarde para o mandar castigar.

—Deixe-m'o por minha conta, tio Ruy. V. ex.ª não tem filho que lhe vingue as cans; mas aqui está o braço indomavel de seu sobrinho.

—Não approvo—disse o velho. Estão casados. Já me não poupo á vergonha de receber em minha casa a viuva do homem abjecto. E' tarde para remedio. O sangue já não lava a nodoa.

—Nodoa eterna—acrescentou D. Sueiro de Aguiar.

—Seja o que Deus quizer!—Está visto que rejeitas a esposa que pediste, meu sobrinho. Ficaremos em paz; eu com ella, e tu com a tua dignidade limpa. Mas olha que és injusto! Minha filha Guiomar está innocente no delicto de Christina. Faz o que quizeres. Escolhe-a mais rica; mais fidalga difficilmente a acharás em Purtugal.

—Sei que é minha prima!—disse modestissimamente o fidalgo de Miranda, e ficou ali, por não ter mais que dizer a tal respeito. Uma prima dos Alar-

ções Parma d'Eça não podia ser mais nada em materia genealogica. A D. Guiomar, porém, entre as qualidades dignas de seu primo, sobrava-lhe a de ser tóla, com uns longes de idiota.

O ajuntarem-se estes dois era preordenação, não direi do alto, para declinar a influencia divina de sobre as parvoçadas que se fazem n'este globo; mas, predestinação, isso era, se alguma ha n'esta coisa de encontros e desencontros, que os poetas mirificamente explicam.

E tanto assim era que, n'aquelle mesmo dia, D. Sueiro, vindo de passeio com D. Guiomar, affectuosamente disse ao tio que, apezar de tudo, seria seu genro, com a resalva de em sua casa nunca mais se proferir o nome de Christina.

Concordes n'isto, afanaram-se logo em aviar os preparativos. D. Sueiro d'Aguilar foi dispor suas coisas a Miranda, e Ruy de Nellas enviou ao Porto o feitor á compra do precioso enxoval.

Natural seria que o velho, contente e distrahido, perdoasse ao vigario de S. Julião, ou esfriasse no ardor vingativo até esquecer o ingrato, e desprezal-o fidalgamente.

Assim não foi. A natureza vai tão falsificada, que já me quer parecer que andamos a chamar natureza a tudo que é arte: arte, digo eu, synonymo de manha, ardil, malicia e obra de Satanaz.

Escreveu Ruy de Nellas ao seu procurador na Guarda, accusando o vigario de S Julião da Serra. Foi padre João chamado á camara ecclesiastica para responder sobre o casamento irregular de Casimiro Bettahcourt e D. Christina de Nellas. Ingenuamente relatou o vigario que os casára com a licença vocal do pai da contraente. Redarguíram-lhe que era apocripha a licença, e d'ali sem averiguações o suspenderam do exercito parochial.

Padre João, antes de recolher á vigararia para fazer entrega dos livros á posse do novo pastor, foi a Finhel, e serenamente bateu ao portão do fidalgo.

Os criados receberam-n'o com má sombra, e um foi avisar o amo, e voltou dizendo:

—O fidalgo não lhe falla. Vá-se o sr. padre em paz que o amo, se o vê, vai-lhe ao espinhaço.

—Diga ao sr. Ruy de Nellas que seu afillado vem pedir-lhe perdão, e explicar o seu procedimento.

O servo, vencido pela humildade, voltou ao amo, e trouxe esta resposta:

—Que lhe não perdôa, nem quer ouvir explicações.

—Um de vocemecês—replicou o manso vencedor do Evangelho—faz-me o favor de lhe entregar uma carta?

—Entrego eu, disseram quasi todos.

—Volto já.

Sabiu o padre a escrever na primeira tenda que se lhe prestou. Dizia assim a carta:

«Meu bom padrinho consentiu verbalmente que eu casasse a sr.<sup>a</sup> D. Christina com Casimiro?

«Consentiu.

«Meu padrinho requereu a suspensão das minhas funções parochiaes, allegando a irregularidade d'aquelle casamento?

«Requereu.

«Devia fazel-o?

«Cito perante Deus a consciencia de meu padrinho.

«Se procedi mal, peço perdão. Se procedi bem, Deus me ampare. De v. ex.<sup>a</sup> afillhado, capellão e servo.

*João».*

Ruy leu a carta com arremesso, e releu-a com brandura. A sua consciencia estava deante de Deus. O juiz era inexoravel, e o velho supersticioso, talvez. Tremia, e queria fugir de si proprio. Carregava-lhe no peito a mão ferrea da justiça divina, e abafava-o. Ruy chamou o criado, e mandou entrar o padre. O padre, porém, entregára a carta, e saira caminho de Villa Cova.

Deixemos o delinquente a revolver-se no inferno

que se abriu com a mão iniqua, e sigamos o homem de animo inteiro, o humilde triumphante.

Chegou a Villa Cova de rosto alegre, e disse:

—Certamente, Ladislau não te enganaste com as palavras de meu padrinho, respeito ao casamento da filha?

—Não me enganei; foram estas: *casem; mas que eu os não veja mais*. Porque m'ó perguntas?

—Fui suspenso de vigario, a requerimento do sr. Ruy de Nellas.

—Mas estás em paz contigo e com os teus deveres.

—Estou.

—Então descança na tua casa, meu irmão. Fica ao pé de tua irmã. Villa Cova, sem padre, está como viuva saudosa e inconsolavel. Os teus parochianos já te amavam: paga-lhes o amor ficando entre elles. Virá outro vigario enviado do governo; e tu serás o enviado de Deus! Ambos são necessarios. E tu para mim, e em minha casa, és o cumulo de felieidade.

—Ficarei e trabalharei—respondeu padre João.

No dia seguinte, chegou á residencia de S. Julião da Serra outro pastor. D'ahi a curto espaço, estava o adro a transbordar de povo. A noticia chegou aos campos, e os agricultores ergueram mão da sáfra, e acorreram ao presbyterio.

Feita a entrega de livros e utensilios da igreja, padre João saiu ao adro, e disse:

— «Meus amigos, como no pouco tempo, que vos parochiei, não houve espaço de mostrar meus vícios, saio de entre vós sem vos deixar má nota, escândalo, ou desamor. Como fostes rebanho de um pastor santo, que me antecedeu, achei-vos doces, bons e virtuosos. Edifiquei-me entre vós, e aprendi a crer na influencia de um bom parochio. Creio que a vontade do Altissimo é que os vossos pastores de futuro não destruam as obras boas dos passados. Elles semearam: vós sois o fruto, e de vós hão de fructear muitas gerações. E, por isso, é fé minha que o vigario novo terá o espirito dos antigos. Sêde com elle o que fostes commigo. Ficai com Deus.

Os ouvintes abraçaram-n'o em tropel, debulhados em lagrimas; e elle, ensopando com as suas a manga da batina, encostou-se ao hombro de Ladislau, e caminhou para Villa-Cova.

A' mesma hora, Ruy de Nellas, humilhado pela consciencia na batalha com o orgulho, escrevia ao procurador, mandando-o que fosse ao paço episcopal e encarecidamente solicitasse o pôr pedra sobre o processo contra o padre vigario de S. Julião da Serra, e levantar-se a suspensão. E desculpava a mudança do seu animo, com ter-se lembrado que dera verbalmente a licença, e o padre, em virtude d'isso, procedêra regularmente. Encarecia em termos afflictos os seus escrupulos e remorsos, pedin-

do a máxima brevidade no levantamento da suspensão, e retirada do novo vigario.

Ora vejam que alavanca de ferro a prostrar um soberbo, foi a humilima carta de padre João! Estas victorias dá-as o Evangelho; e as bandeiras triumphaes são estas. Que é vencer Cezar a Pompeu, ou Scipião a Annibal? Que é Roma armada avassalar o mundo? Que é Napoleão devastando reinos e homens á frente de milhões de escravos? Dobrar o orgulho d'um homem, quando se lhe pede perdão d'um inventado agravo, isso sim é que é vencer. Qual philosopho, antes do divino Christo, ensinou a citar ao tribunal do juiz supremo a consciencia d'um mau, e fazel-o ahi accusar-se, dobrar-se, condemnar-se, e reparar o ruim feito, a afrenta, a injustiça?

Alguns dias passados, padre João Ferreira era restituído á posse da egreja, visto que ultteriores informações abonaram a regularidade do matrimonio accusado individualmente.

O povo da freguezia exorbitou da sua costumada prudencia, saltando por cima das admonendas do seu vigario. Os mais entusiastas fizeram fogueiras como em noite de S. João, e correram a freguezia com esturdias instrumentaes, e foguetes de lagrimas. Cotizaram-se seis lavradores abastados para celebrarem o successo, n'um aprasado domingo,

mandando fabricar um balão na Guarda, e comprar na botica os ingredientes para a ascensão, com grande copia de girandolas e quantas invenções pyrotechnicas se achassem na Guarda e Vizeu, a fóra a musica de Pinhel. O vigario empenhou rogos e authoridade em demovêl os; porém, como os visse inquebraveis no intento, chamou elle artificiosamente a si o dinheiro destinado ás festivas despezas, obrigando-se a fiscalisal-o do melhor modo.

Chegou o domingo aprasado. Logo de madrugada os lavradores foram á residencia do vigario a tomar conta dos objectos, que deviam ter chegado no sabbado. O padre João mostrou-lhes uma arca de pinho e disse:

—O balão, que ha de chegar ao céu, já ali está n'aquella arca.

Os lavradores quizeram vêl-o; mas o padre differiu para as onze horas desencaixotar o balão, que havia de chegar ao céu.

—E os foguetes? perguntaram elles.

—Tambem chegam logo, e hão de ser todos de lagrimas.

—E a musica?

—Vem tambem; e hade ser musica de anjos.

Os parochianos encararam-se mutuamente, e murmuraram:

—Aqui anda marosca ! . . .

No fim da missa do dia, por volta de onze horas o vigario assomou no arco da igreja, tirou de entre os colchetes da batina um papel, onde eram inscriptos os nomes de doze velhos pobres e doentes da freguezia. Á proporção que ia chamando, os velhos saíam de entre a multidão, e collocavam-se em frente do vigario.

Chamado o duodecimo, que subiu amparado por dois netos, o padre mandou conduzir da sacristia para o arco da igreja a arca de pinho, que os lavradores tinham visto na casa parochial. Abriu elle a caixa, e foi tirando e repartindo por cada um dos doze pobres uma roupa inteira de pantalona, collete e véstia de saragoça. Os velhos recebiam com mão tremula a esmola, e murmuravam palavras de benção, e alimpavam os olhos turvos de lagrimas para verem o seu remedio do proximo inverno. Finda a repartição, o vigario, procurando com os olhos os lavradores cotisados para a funcção, disse-lhes:

—Aqui estão, meus amigos, o balão que chega ao céu; ali tendes no rosto d'aquelles anciãos invalidos e doentes as lagrimas, que são lagrimas de graças ao Senhor e de gratidão a vós. Haveis de confessar que as lagrimas dos foguetes são menos brilhantes e consoladoras. Emquanto á musica, dir-vos-hei, meus bons amigos, que os anjos do céu assistem com as suas musicas a esta vossa festa. Se fiscalise!

mal os vossos trinta e seis mil reis, accusai-me para eu vol-os repôr.

Disse, e logo um, e todos os lavradores lhe foram beijar a mão; a não serem retirados brandamente, nem beijar-lhe os pés.

Ao meio dia em ponto, no sobrado da residencia, estava posta uma meza com treze pratos. Na cabeceira sentou-se o vigario; e os doze pobres, já lavados e vestidos, lateralmente. O jantar viera cosinhado de Villa Cova: o bodo aos pobresinhos fôra devoção de Peregrina.

Ladislau e sua mulher serviram os convivas, um de cada lado, já partindo em pequeninos bocados a ração de cada pobre, já ministrando-os á bocca do mais entrevado que se não servia de suas mãos.

Em redor da mesa, de pé, silenciosos, e como arrebatados n'aquelle espectaculo santo, estavam os principaes lavradores da freguezia. Por vezes, uma ou outra voz, mal desabafada das lagrimas, murmurava:

—Louvado seja o Senhor!

E cada lavrador enxugava os seus olhos.

Concluido o jantar, ergueu-se o sacerdote, e deu graças a Deus, em voz alta; e, ao sahir da mesa, proferiu estas palavras:

—Louvemos o Altissimo por que nos deu coração para sentirmos as alegrias da charidade. Esta virtude

que commove até aos prantos consoladores é a sombra dos contentamentos da bemaventurança. Meus amigos, a vossa festa acabou; mas eu espero em Deus que haveis de vê-la continuada no céu.

## IX

### **D. Alexandre é espalmado**

Decorreram dez mezes sem successo digno de menção, a não ser o nascimento do primogenito dos bem-aventurados de Villa Cova. Recebeu na pia baptismal o nome de seu avô, sob cuja egide os paes o offereceram. Foi padrinho o vigario, e madrinha D. Christina, representada pela velha Brazia, a criada octogenaria, que já não morre sem o contentamento de pôr as mãos no neto do santo, que ella conhecêra creança. E, com este espiritual parentesco, pagou Ladislau os setenta annos de companhia da sua serva.

Casimiro Bettancourt cursava o primeiro anno mathematico, e era furriel de infantaria. Continuava a viver retirado da mocidade, excepto d'aquelles

que o procuravam como auxiliador na interpretação de suas lições.

Um d'estes disse-lhe, uma vez, que, no curso de leis, andava um rapaz provinciano, que detraia publicamente Casimiro Bettancourt.

—Que diz elle de mim?—perguntou Casimiro.

—Misérias...

—Que são misérias?

—Diz que tu és sobrinho de um carpinteiro.

—Isso é verdade; sobrinho de um honrado carpinteiro. Que mais diz? Vamos ás *misérias*...

—Que roubaste a senhora com quem és casado.

—Tambem é verdade. Fugimos para nos casarmos. Que mais?

—Diz que pagaste assim indignamente os benefícios que devias ao pai d'ella.

—Não procedi bem; mas todo o homem de coração me ha de absolver. Como não a amei nem a raptei por ella ser rica, e não vivo nem pretendo viver do patrimonio d'ella, a minha dignidade é invulneravel.

—Isso não diz elle... mas eu ainda te não disse quem elle é...

—Já sei: é D. Alexandre de Aguilár Vito de Alarcão Parma d'Eça.

—E' isso.

—Que diz elle em contrario do que eu affirmo?

—Que tu vives do producto das joias, que tua senhora subtraiu ao pai.

—Mente!—disse serenamente Casimiro, e accrescentou:—Não quero ouvir mais. Ouviram-lh'o muitas testemunhas?

—No botiquim da Rua-larga. Eramos mais de vinte rapazes, e passavas tu n'essa occasião.

—Se desejas servir-me...

—Se desejo!... Quebro-lhe a cara, se isso te apraz.

—Não, meu amigo. Eu sou um homem como elle. O que eu te peço é que tomes nota das pessoas que ouviram a calumnia, para mais tarde pedires a presença d'ellas.

—Facilmente: eu te digo os nomes... Eram...

—Escuso. Basta que tu os saibas. São horas de estudarmos a lição.

E abancaram tranquillamente.

Volvidos oito dias, Casimiro Bettancourt disse ao condiscipulo:

—A'manhã é sabbado. Peço-te que reunas ás seis horas da tarde, no botiquim da Rua-larga, os teus amigos, caso aconteça lá ir D. Alexandre de Agular.

—Vai sempre: das oito horas em diante está embriagado.

—Com tanto que não o esteja ás seis...

—Isso é raro. Quando o está ás seis, é porque já se tinha embriagado ás trez.

—Optimo ! Espera-me lá.

Este dialogo correu na alaméda fronteira á casa.  
O academico escondia-se de sua mulher.

No seguinte dia, disse Casimiro a Christina :

—Depois de jantar, vou ver um condiscipulo doente. E' a primeira tarde que passas sem mim, filha.

—E' verdade ! . . .

—Mas não has de soffrer; não ? A saudade é uma companhia.

—Dizes-me isso com ar tão triste, Casimiro !

—É a saudade, minha querida !

—Pois não vás.

—Prometti ir; mandei-lhe dizer que ia . . .

—Deixa-me ver os teus olhos . . . —exclamou ella aproximando-se de golpe.

—Que teem os meus olhos ?!

—Lagrimas ! tu choras, Casimiro !

—Não . . .

—Um segredo ! um segredo para a tua Christina !

—Serei eu um fraco ! —disse elle como a si proprio, imaginando-se sósinho.

—Fraco por chorar ? Se não tens razão, és . . . mas tu, Casimiro, nunca assim te vi ! . . . Não sairás hoje mais . . . juro t'ó.

—Não jures, filha, que hei de sair . . .

—E dizes-m'ó assim com esse imperio ! ? . . .

—É a honra...

—A honra!... Tu não vaes ver um condiscipulo doente.

—Não. Menti-te, Christina. Perdóá-me.

—Pois que é?!—atalhou ella sobresaltada.

Casimiro relatou exactamente o facto descripto, mostrou umas cartas recém-chegadas de Villa Gova, e perguntou:

—Devo ir, Christina?

—Vai!—exclamou ella—Vai, já que eu sou mulher!

E momentos depois, porque era mulher, abraçou-se n'elle, e soluçou:

—Ó Casimiro!...

—Qué, filha?

—Sé prudente, sim?

—Recommendas-m'ó a mim?! Não viste que eu soffri oito dias, em silencio, a affronta!?

E desprendeu-se dos braços d'ella.

Entrou no botiquim da Rua-larga com tão pacato semblante, como se ali não fosse para mais que ali-geirar as horas felizes da mocidade.

Os que o conheciam encararam em D. Alexandre de Aguilar.

O fidalgo de Miranda não conhecia Casimiro. Viu aquelle sujeito fardado de infantaria 6, e disse:

—Isto é já botiquim de soldados?

—É um academico: o primeiro premiado de mathematica.

—É aquelle, ajuntou outro, de quem tu contaste as proezas cazamenteiras.

—Ah! o sobrinho do mestre Antonio? lá me quiz parecer que devia ser furriel.

Isto fôra dito, muito á puridade, aos circumstantes, que não se riram.

O amigo de Casimiro aproximou-se da meza e disse-lhe:

—Estão todos:

D. Alexandre como visse esta aproximação, ponderou:

—Elles conhecem-se?!... Quem é este academico, que lhe falla? este que chamam Vilhena?

—E' filho segundo de uma casa distincta de Braga.

—Cuidei que fosse filho primeiro de algum chapeleiro de Braga...

Casimiro pagou a chavena de café, ergueu-se e foi a passo mesurado á banca de D. Alexandre.

O fidalgo encarou n'elle, e logo nos circumstantes, como quem diz: que quer o tolo?!»

E os academicos, que formavam cerco á meza, abriam fileiras ao lado, arrastando os bancos.

Bettancourt fez um gesto cortez aos rapazes, e disse:

—O sr. D. Alexandre de Aguilar conhece-me?

—Se o conhece? . . .

Casimiro fez um gesto de cabeça affirmativo.

—Conheço-o de o ver agora ahi, e dizerem-me quem o sr. é.

—Que sabe o sr. da minha vida? —tornou Casimiro.

—Que sei da sua vida?!

—Dispensemos o ecco, sr. D. Alexandre. Quem pergunta sou eu. Que sabe da minha vida?

—E se eu lhe disser que não lhe dou satisfações? Agora sou eu quem pergunta.

—Respondo-lhe que o sr. é um infame, e depois arranco-lhe a lingua.

O fidalgo Alarcão Parma d'Eça ia a dizer o que quer que era, e engasgou-se.

Casimiro Bettancourt continuou no mesmo tom de serena conversação:

—Disse v. ex.<sup>a</sup> que eu era sobrinho de um carpinteiro. Disse verdade. Que eu raptara uma senhora, cujo marido sou. E' certo. Ajuntou que eu estava vivendo das joias, que minha mulher rcubára a seu pai. Mentiu. Vejo que esta palavra não inquieta grandemente o sangue azul de v. ex.<sup>a</sup>. Ainda assim, quero imaginar que o sr. D. Alexandre me pede provas da sua aleivosia.

Tirou Casimiro do bolço interno da fardeta duas

cartas. Abriu a primeira, lançou-a sobre a meza, e disse:

—Conhece essa lettra?

—Conheço, respondeu D. Alexandre; é de meu tio Ruy de Nellas Gamboa de Barbedo.

—Pai de minha mulher, ajuntou Casimiro, voltando-se aos academicos circumpostos; e, fallando para elles, cõtinuou:

—Como eu soubesse que o sr. D. Alexandre me alcunhava de receptador dos furtos de minha mulher, escrevi a um homem de bem, pedindo-lhe que se apresentasse ao sr. Ruy de Nellas, meu sogro, perguntando-lhe se sua filha, no acto da fuga, subtraira da casa algum objecto de valor, e o declarasse por escripto. Esta segunda carta é a resposta da pessoa encarregada; e diz: «O correio só dá tempo a dizer-lhe que o sr. Ruy de Nellas, apenas me ouviu, escreveu a declaração que conteuda remetto, e mostrou-se espantado de que a calumnia propale o que elle nunca disse, e de ó não ter dito m'o jurou pela alma de sua mulher e honra de suas filhas. Sem mais.

Seu amigo,

*P. João Ferreira*

—Leia agora o sr. D. Alexandre a declaração de seu tio.

—Leia o senhor!—bradou com grande esforço de falsa coragem o calumniador esmagado.

—Leia!—tornou Casimiro com um lançar de olhos fulminante.

O fidalgo tomou o papel nas mãos convulsas, e deixou-o logo cahir.

—A covardia cega-o!—disse Casimiro sorrindo—Alguns dos cavalheiros tem a bondade de ler?

O mais chegado de D. Alexandre leu o seguinte:

«Ruy de Nellas Gamboa de Barbedo, de Pinhel, declaro que minha filha Christina Elisiaria não subtraíu de minha casa valor algum, nem os seus próprios vestidos e addresses, quando fugiu para casar-se com Casimiro Bettancourt. E por isto ser verdade, mui espontaneamente, e com juramento aos santos Evangelhos o declaro agora e sempre. Pinhel 22 de abril de 1839—*Ruy de Nellas, etc.*»

—Está reconhecida a assignatura?—disse Casimiro.

—Está—respondeu o estudante, que lêra.—E quando não estivesse, já o sobrinho a tinha reconhecido.

—Isso não valia nada—tornou o furriel. Nenhum dos cavalheiros prestaria fé ao reconhecimento do sr. D. Alexandre de Aguiar. Declare, pois, o sr. D. Alexandre que mentiu infamissimamente, e offereça a cara para que todos lhe cusпам n'ella.

O fidalgo ergueu-se, e bramiu:

—O senhor!...

—Que mais?—perguntou Casimiro.

—Insulta-me?

—Não. Obrigó-o a sentar-se, que me incommoda rel-o de pé.

E, dizendo, baixou-lhe no alto da cabeça uma palmada, que effectivamente o fez apoiar-se sobre as ilhargas.

E, voltando-se com rosto faceto aos academicos, disse:

—O espectáculo foi feio, que o miseravel não dá sequer um soffrivel truão com medo. Agradeço a attenção dos cavalheiros, mórmente com o sobrinho de um carpinteiro, que, por não ser nobre, tem vontade de ser honrado.

Sahiu do botiquim acompanhado de quasi todos os estudantes. Os poucos, que ficaram, como petrificados, por não saberem o que dizer a D. Alexandre de Aguilar Vito de Alarcão Parma d'Eça, retiraram-se cabisbaixos.

Casimiro estügou o passo, caminho de Santa Antonio dos Olivaes, e encontrou a esposa anciada, fóra de casa.

Contou-lhe, sem fatuidade, o essencial do acontecido, e reservou o facto da monumental palmada na cabeça. O delicado moço julgou melindrar sua mu-

lher, dizendo-lhe que castigára com a mão um seu parente.

Foi o successo estrondosamente contado e applaudido em Coimbra, tanto porque era de razão applaudil-o, como por ser n'um tempo em que a mocidade academica, popular e burgueza na maxima parte, desadorava os fidalgos castellãos, e não perdia lanço de os metter a riso.

D. Alexandre, no dia seguinte, foi para Miranda, em busca de remanso e solidão para pensar na vingança, vingança de covarde, que não podia já ser de outra natureza.

Vamos no rasto d'este reptil.

O extraordinario da chegada do estudante, quando as aulas estavam abertas e os actos não começados, devia ser de algum modo explicado a D. Sueiro e á parentella alvorotada. Contou elle que tinha tosse, e o caso foi que tossiu. O medico da casa apalpou-o, auscultou-o, e decidiu-se pela tosse, em concordancia com a faculdade medica de Coimbra, que mandára a ares patrios o mancebo, ameaçado de coisa séria. Em verdade, a pertinacia da embriaguez reduzira D. Alexandre a um viver morboso, asthenico, e analogo ao do ethico; e já não admira que a palmada capital do sadio Casimiro o fizesse sentar.

Suppunha D. Sueiro que o casamento de Christina era muita parte na doença do irmão, e curava de re-

mediar o mal de amor com os amores novos da cunhada, que tinha em casa, galante menina, Mafalda de nome. Era a vigessima nona Mafalda n'aquella familia de Pinhel, entrando n'este numero a santa infanta Mafalda, fundadora do mosteiro de Arouca, irmã de D. Affonso II, que tambem era da familia, pelos modos, e sem duvida nenhuma.

Se a menina o amava não sei, nem averigui, por ser de mais na pauta d'este escripto; o que me consta é que D. Alexandre, tão adentrado estava com os seus calculos de vingança, que não dava pela prima, nem se lisongeava do seu amor.

A unica pessoa de Miranda, com quem se abria o fidalgo, era um desertor de cavallaria, muito dos Alarcões, especie de molosso da casa, sob cujas telhas estava a seguro.

As intell gencias de D. Alexandre com o desertor são obvias: curava de comprar-lhe o braço vingador; mas tão em segredo, que nunca viesse á luz a sua ignominia.

Conchavaram-se de barato. D. Alexandre daria ao desertor basta quantia a transportal-o ao Brazil; e o desertor, em mesquinha paga de tamanho beneficio, mataria Casimiro Bettancourt.

N'este accordo, pediu D. Alexandre ao morgado que lhe deixasse levar como criado o desertor, visto que a plebe academica se bandeara contra os estu-

dantes fidalgos e devotos da causa vencida. Annuiu promptamente o irmão, contente de ver que D. Alexandre recobrarra côres, e olvidára Christina.

Abertas as aulas, voltou o moço á Universidade, com o seu vingador, por tal arte disfarçado, que dava de si um rustico cavallariço, incapaz de fazer mal a folego vivo.

Os amigos dos annos anteriores fugiam-lhe, e novos nenhum lhe apertava a mão. O opprobrio do fidalgo era ainda materia de ociosos, revivido com a sua presença.

Preoccupava-o a traça de fazer conhecido Casimiro ao seu matador: cousa não facil na multidão de mille tantos moços, entre os quaes raro se via o solitario de Santo Antonio dos Olivaes.

O solcito confidente de D. Alexandre tomou sobre si o cargo de conhecer Casimiro, e esperava tiral-o pelas feições, que lhe vira em Pinhel, quando elle era mocinho de quinze annos.

N'este intento, foi como de passeio a Santo Antonio dos Olivaes; e, logo por fortuna, ao dobrar o combro de uma azinhaga, viu um sujeito de farda militar com uma senhora pelo braço.

—Cá está o homem! disse entre si, e deteve-se a examinal-o, sem attentar em Christina, que o examinava a elle. Casimiro, por sua parte, nem deu tento do reparo do caminheiro.

Ora, Christina tinha visto aquelle bomem em Pinhel, recebêra da mão d'elle uma carta de D. Alexandre, e lembrava-se ter ouvido dizer ao primo D. Sueiro que aquelle soldado dos dragões era o seu guarda fiel, e com elle iria ao inferno atacar Satanaz.

O desertor, porém, olvidou-se-lhe Christina, e nem por sombra imaginou ser reconhecido.

A senhora estremeceu... e duvidou. Já elle se havia sumido, quando ella disse:

—Acautela-te, meu filho!

—De qué?

—Vi agora um criado dos de Miranda... Não pôde deixar de ser elle... Veio com o Alexandre, e anda a espreitar-te.

—Que tem isso, Christina?

—Tem que elle é um malvado... Ai meu Deus! d'aqui em diante não tenho momento de socego! Queres tu que vamos embora d'este ermo? Aluga casa na cidade. Podes ser assaltado no caminho. Tu és valente, meu Casimiro; mas d'uma traição ninguem se livra!

—Os prevenidos livram-se—atalhou Casimiro. Não vejo causa para medo; mas, se has de viver inquieta, mudemos, filha.

—Sim: faz-me isso, que é annos de vida que me poupas!

Andava Casimiro em procura de casa, quando recebeu a seguinte carta de Ladislau.

«Meu compadre. Vai ser surpreendido com a minha petição, á qual subscrevem minha mulher e meu cunhado. Logo que esta receber, metta-se a caminho com sua senhora, e venham direitos á sua casa de Villa Cova. Iremos os trez esperal-os a meio caminho. Perder um anno da Universidade não faz implicancia á sua futura sorte, se ella tem de ser boa. Esperamol-os; porque não posso acreditar que meus compadres faltem ao seu *Ladislau*»

Casimiro leu e disse:

—Vamos, e vamos hoje.

## X

### **A victoria d'uma creancinha**

D. Mafalda de Nellas, voltando de Miranda a Pinhel, trazia a escalavrar-lhe o coração o espinho do despeito. Isto não induz a liquidarmos que a menina amasse o primo D. Alexandre. O despeito nas senhoras basta a explical-o a indifferença mesma dos homens, que ellas desamam.

Como quer que fosse, Mafalda saíra de Miranda, odiando o cunhado de sua irmã, no dia seguinte ao da ida d'elle para Coimbra.

Eis-aqui o que ella contou ao pai, logo que chegou:

—Estava eu n'uma das grutas da quinta, quando o primo, Alexandre, sentando-se sem me ver, nas costas da gruta, deu um grande assobio. Fez-me curiosidade aquillo, e estive quieta para ver o que surtia d'ali. Pouco depois, chegou um homem de grandes barbas, que eu já tenho visto em nossa casa em companhia do mano D. Sueiro.

—Bem sei, o desertor—atalhou o pai.

—É isso: eu já tinha ouvido lá dizer á mana que elle era desertor.

—E depois?

—Depois o primo, assim que elle chegou, disse-lhe: —Olha que vais comnigo para Coimbra. Está decidido—e o desertor respondeu: «Pois isso é que é preciso!»—Mas vê se aparas essas barbas, que tens cara de faccinora—disse o primo—; eu tenho medo que, em apparecendo morto o Casimiro, todos digam que foi obra do meu criado.—Eu, quando tal ouvi, comecei a tremer, e tive medo d'aquelle homem! Quiz dizel-o á mana Guiomar; mas ella fallou tão mal do Casimiro e da mana Christina, que julguei imprudente dizer o que ouvira.

—E depois?—atallhou o velho com inquietação.

—Depois, estiveram a fallar em facadas e tiros. E o desertor dizia: «são dous palmos de ferro, fidalgo.» E tirou da algibeira uma navalha, que reluzia, e tamanha, meu pai, como eu nunca vi! Ainda disseram mais cousas que me não lembram, e foi cada um para seu lado. O' papá, elles irão matar o marido da mana Christina? Coitado! . . . por que é que o matam?

—Dá-me papel e tinteiro; e um criado que apparelhe o macho para ir immediatamente a um recado.

Ruy de Nellas escreveu esta carta:

«Sr. Ladislau. Sei que alguém intenta matar em Coimbra o marido de Christina. Ha trez dias que para alli partiu o assassino ou assassinos. Avise-o como seu amigo, para que se acautele, ou se retire. Eu aborreço os infames, e as vinganças covardes; por isso me apresso a participar-lhe este plano, que oxalá não esteja executado, quando chegar a sua carta. Espero em Deus que não. Do seu amigo, *Ruy de Nellas.*»

O criado partiu a toda a brida.

Ladislau leu a carta em suores frios. Escreveu duas linhas de agradecimento a Ruy, e preparou-se para ir a Coimbra. Acaso entrára o vigario, e, lendo a carta, impediu-o de ir, allegando que o correio chegava primeiro.

Padre João e seu cunhado sabiam os successos de Coimbra, e, sem se consultarem, nomearam D. Alexandre.

—Casimiro está vivo—disse com firmeza o padre.

—Quem no'l-o assevera?!—perguntaram Peregrina e Ladislau.

—E' o raciocinio. Alexandre é incapaz de matar de rosto ou á traição. Precisamente leva um sicario assalariado que eu conheço ha dez annos. Os faccinoras por estipendio são muito covardes, porque amam tanto a vida que, para sustental-a, se expõem a perdela. Se D. Alexandre offendido vergonhosamente carece de animo para se desaffrontar, devemos crer que ao carnifice alugado falte a corágem para acommetter o homem que o não offendeu. Além de que, eu vou jurar que Casimiro se prepara contra as insidias do seu inimigo, e terá só de pelejar com um homem. Sobre todas estas conjecturas, roguemos a Deus pela vida do nosso amigo, e escreve-lhe a chamma-o em termos que não assustem Christina.

Escreveu Ladislau a carta copiada no anterior capitulo; e, no dia seguinte, sahiram de Villa Cova, e, á segunda jornada, pernoitaram em Gouvea. Dois dias depois, chegaram Casimiro e Christina.

A esposa de Ladislau, para abraçar sua comadre, pousou sobre o leito a creancinha, que lhe adormecera no seio

Christina, porem, como se não visse o fervor da amiga, ajoelhou á beira do leito, e beijou soffregamente o menino, que surria aos affagos de algum anjo. Era bello de verem-se todos cinco, em redor da creança, como se para outro fim se não reunissem ! Parece que ella lhes estava dizendo: «Distrahi vosso espirito de dores, que eu estou pedindo a Deus que vos defenda.»

Peregrina pôde furtar as caricias de Christina, tomando-a para si com força.

—Estava a invejar-te, minha comadre ! disse a esposa de Casimiro, mas olha, não devo invejar-te, não!

E disse-lhe ao ouvido breves palavras, explicadas pela exclamação de Peregrina:

—Sim ? e não m'ó tinhas dito ! . . . que ditosas seremos com os nossos filbinhos !

O vigario surriu-se, e murmurou:

—Não ha creanças mais creanças que as mães ! Estas alegrias raras vezes lh'as recommecam depois os filhos ! . . .

Casimiro concentrou-se tristemente, e Christina disse:

—Não fallein em'mãe deante de meu marido, por quem são !

—Fallein, fallein—disse Casimiro—que eu tenho de encontral-a no ceu pelo muito que a desejei n'este mundo.

E, tomando o braço de Ladislau, chegou a uma janella, e perguntou:

—Que é isto? Que significa esta chamada?

—Não m'ò pergunte deante de sua senhora.

—Porque não? ella é forte. Se um dia me fraquearem os esteios da honra, minha mulher ha de fortalecer-m'os. Diga, meu padre.

Ladislau mostrou a carta de Ruy de Nellas; e Christina, ouvindo-a lér, exclamou:

—Não te disse eu? . . . Era o desertor ou não?

—Era o desertor—respondeu o vigario.

—Pois sabia?—acudiu Christina.

—Disse-m'ò a razão e a pratica dos *valorosos barões* de Miranda. V. ex.<sup>a</sup> viu-o?

—Vi: mostrou-m'ò o nosso anjo da guarda! . . . E meu pai é que te avisa, Casimiro! Quem me déra poder beijar-lhe a mão!

—Seu pai é um homem de bem ás direitas, minha senhora—disse o vigario.—Seria um modelo de virtuosos, se os preconceitos de raça o não molestassem. Porque não ha de v. ex.<sup>a</sup> ainda beijar-lhe a mão? Esperemos.

—E agora?—disse Casimiro—que querem de mim? Será airoso que eu me vá esconder a Villa Cova das iras de D. Alexandre?

—E' dever de marido e pai fugir o perigo —disse Ladislau.—Sabemos que lhe sobra animo; porém ago-

ra, quer-se e requer-se que o coração seja maior que o animo. Sua senhora manda; o vigario aconselha; e minha mulher e eu rogamos. Falta-lhe paciencia para viver alguns mezes na tristonha casa da serra? E' assim ingrato áquella terra agreste onde desabrocharam todas as flores da sua felicidade, meu compadre?!

—O' meu amigo, meu generoso irmão!—exclamou Casimiro, nos braços de Ladislau.—Vamos, vamos para Villa Cova. Lá sei eu que tenho segura a vida, a alegria, e sempre viçosas as flores de felicidade, que se abriram no seu nobre coração, e para mim! Não é covardia fugir. Covardes são os que não tem uma esposa, e fogem; covardes são os que não tem amigos como vós, e fogem!

—E no filhinho não fallas?—disse Christina surrindo-lhe com encantadora meiguice.

—Não o disse eu!—acudiu o vigario—Agora, quer s. ex.ª que todo o coração de seu marido esteja embebido do futuro filhinho! Valha-vos Deus, mães loucas do amor de vossos filhos, que sois capazes de ceder do coração dos maridos em beneficio dos pequeruchos, anjos purissimos a quem basta o bafejo do Senhor!

N'estas doces praticas, que eu, a médo, submetti á benevolencia do leitor, se passaram as horas do descanso, até ao repontar da alva, em que proseguir-

ram sua jornada. Lá vão os felizes, escoltados por suas mesmas virtudes.

Entretanto, recebeu D. Alexandre de Aguilár a nova de ter saído de Coimbra Casimiro Bettancourt, e o mesmo foi assoalhar, mediante alguns necessitados de sua recheada bolça, que o furriel se evadira, sabendo que ia ser desafiado a duello de morte. Correu o boato, justificado por circumstancias: a precipitação da saída, o estarem abertas as aulas, o ignorar-se o intento da retirada, o ter dito Casimiro, na vespera, que procurava casa em Coimbra, tudo induzia a crer a atoarda molesta á reputada intrepidez do militar.

A *Vedeta da Liberdade*, jornal portuense, publicou uma correspondencia de Coimbra, em que se dizia em gripho: *que um estudante militar, appellidado Bettencourt, fugira com a mulher para se não bater com D. Alexandre de Aguilár, academico brioso, a quem, no anno anterior, insultára. E accrescentava: O tal militar é avezado a fugas: uma vez fugiu com a filha d'um nobilissimo cavalheiro, onde seu tio carpinteirava; agora fugiu com as costellas incolumes, porque o tio carpinteiro não sabe endireitar costellas quebradas.*

O jornal appareceu em Villa Cova sobrescriptado a Casimiro de Bettancourt.

Casimiro leu a correspondencia em voz alta.

E Ladislau perguntou:

—Que é isso?

—E' uma gazeta—disse o vigario.

—Uma gazeta?—reperguntou Ladislau.

—Sim.

—Mas... (desculpem a minha innocencia...) como se faz isso?

—Isso qué, meu irmão?

—Como se estampam esses insultos?

—Estampam-se.

—Então...—estou confuso, e vejo que me não percebem...—as gazetas servem de insultar? quem quer infamar alguem vai a casa do homem, que tem esse modo de vida, e diz-lhe: «imprima lá esse insulto» é isto?

—E' isso—illucidou o padre—com o accrescento de que o dono do jornal recebe tanto por linha do insulto publicado.

Ladislau ergueu-se com nunca visto impeto de furia, e exclamou:

—Então isso é infame! e a civilisação que isso consente é a barbaria, é o escarneo de Deus e das leis de nosso paiz!

Casimiro surriu, e disse:

—A indignação de meu compadre tem graça!... A que distancia este bom rapaz vive do mundo culto! Quer elle, talvez, que a civilisação esteja em Vil-

la Cova, e a barbaria em casa do jornalista!... A gazeta, meu querido amigo, tem outra face, que o sr. vigario lhe não mostrou, e é que, se eu quizer insultar d'aquí D. Alexandre de Aguiar, o mesmo dono da gazeta me vende o espaço do seu papel, e imprime o meu insulto; e, no dia seguinte, vende o mesmo espaço para o louvor de D. Alexandre e meu. O dono d'este papel é como a estatua em que Aretino fixava as suas vaias aos reis e aos papas, n'um tempo em que papas e reis eram cousas sacratissimas e inviolaveis. Agora, que não ha nada defêso, com que direito me hei de eu queixar? Não me alistei eu no exercito que defende as instituições livres?! Seria paradoxo gritar eu contra uma alavanca do progresso, chamada nem mais nem menos que «Vedeta da Liberdade»! Os homens livres passam deante da estatua de Pasquino, e descobrem-se. Assim como a discussão racional e illustrada aclara as escuridades e aplanos os empeços da ideia util, por igual razão as injurias á pessoa, os ataques á moral de cada individuo servem de o abrir, á luz da analyse, e ver tudo o que elle lá tem dentro do coração e consciencia. A licença da imprensa é uma inquisição: em lugar de fogueiras tem atoleiros de lama. Das chammas do auto-de-fé saíram almas purificadas, no crer de alguns theologos; e da lama da imprensa desbragada devem sair as consciencias lavadas, ne

entender de alguns legisladores. Sejamos do nosso tempo, meu compadre.

—Pois, sim,—disse Ladislau—mas deixe-me render louvores a Deus por me ter dado o nascimento n'estas serras! Eu não cuidei que era assim o mundo. N'este ultimo anno, quantas paixões más que eu não conhecia! Meu mestre de certo as ignorava, senão, ter-m'as-ia dito. Os meus livros tambem m'as não disseram...

—É por que os seus livros são bons—atallou Casimiro Bettancourt—A corrompida sociedade da Roma imperial não tinha gazetas; mas tinha historiadores e poetas. Se meu compadre os ler, imagina que maus inventores o querem deleitar com fabulas hediondas. O homem foi sempre mau; será mau até ao fim. A sociedade parece melhor do que foi, olhada collectivamente: é parte n'isto a lei, e grande parte o calculo. Cada individuo se constrange e enfrea no pacto social para auferir as vantagens de o não romper; porém, o instincto de cada homem, em communidade de homens, está de continuo repuxando para a desorganisação. Eu accetto, como puros, os corações formados na solidão, a não se dar a segunda hypothese do proverbio, que disse: homem sósinho, das duas uma: ou Deus ou bruto (1). Melhor seria dizer,

---

(1) Aut Deus, aut bestia.

com Santo Agostinho, ou anjo ou demonio. Ladislau formou-se aqui, rescende virtudes extraordinarias; mas, se fôr ás cidades, á feira dos vicios, sentirá coar-lhe um veneno corrosivo nas entranhas; e, a meia volta, perderá de vista a benigna estrella d'estas suas montanhas. Oh meu amigo, não se alongue do seu paraíso! não queira saber que nome tem, a dez leguas da sua aldeia, o que meu compadre chama dever, civilisação, amor, charidade e Deus.

Os gosos da vida dometisca aligeiravam os mezes de inactividade de Casimiro. Ao quinto de residencia em Villa Gova, realizou-se a ventura saudada por Peregrina na estalagem de Gouvea: Christina foi mãe de uma menina, que trouxe do céu o seu quinhão de felicidade, do qual todos participaram.

Queria o pai que Ladislau e Peregrina fossem padrinhos; mas o vigario, consoante as velhas praxes de filhós casados contra vontade paternal, pediu que fosse convidado o avô, por carta de D. Christina.

Escreveu ella com humildade sem baixeza uma carta, onde se lia este periodo:

«É a ternura filial que me anima a escrever a meu pai: não é a necessidade que me obriga. Se sou pobre, ainda não tive occasião de sentir desejos de ser rica. O perdão de meu pai é que eu desejo e peço, se foi delicto o acto que está sendo a minha felicidade. Quizera um dia beijar as mãos de meu

«pai e dizer-lhe que tenho tanta vaidade em ser filha de v. ex.<sup>a</sup> como esposa de Casimiro.»

Foi lida a carta, e discutida. O vigário achou duras algumas palavras d'aquelle relanço, e pediu a illisão das palavras: «*se foi delicto o acto que está sendo a minha felicidade*»; bem como: «*tenho tanta vaidade em ser filha de v. ex.<sup>a</sup> como esposa de Casimiro*». As primeiras palavras foram substituidas: as ultimas não. Christina nem ao marido obedeceu.

Ruy de Nellas recebeu a carta, e leu-a sem rancor até ás expressões rebeldes á censura do vigário; mas, n'este ponto, rasgou o papel e disse ao portador:

—A resposta é esta: diz lá que eu é que não tenho vaidade nenhuma em ser padrinho de um filho do sr. Casimiro.

Tal resposta maguou medianamente a familia de Villa Cova.

—É soberbo!—disse Ladislau.

—Preconceitos de raça—acrescentou o vigário.  
—Não tem outra falha a excellente alma do sr. Ruy.

—Pois ha de ser padrinho da neta!—tórrou Ladislau.

—Que capricho é esse, meu compadre?—perguntou Casimiro.

—Não é capricho: é batalha dadá contra a soberba: havemos de amolgal-a com a brandura.

Na segunda dominga, posterior ao nascimento da menina, sahiu, ante-manhã, de Villa Cova, Ladislau, uma ama de leite, e a creancinha. Chegaram a Pínhel ás nove horas, e elle entrou na igreja parochial, onde, por informações de mestre Antonio carpinteiro, Ladislau soubera que o fidalgo ia ouvir missa. A ama sentou-se no adro, e esperou, rodeada de meninos, que se acotovellavam para vêr o rosado rosto da baptisanda.

— Ladislau apresentou-se ao abbade, com uma carta do padre João Ferreira e conversaram.

Ás dez horas tangeu a sineta á missa, e chegou o fidalgo com suas filhas, e foram ajoelhar na alcatifa da sua capella privativa. Antes do terceiro toque, o abbade aproximou-se de Ruy de Nellas e disse-lhe:

— Faz v. ex.<sup>a</sup> a esmolla de fazer christã um creancinha?

— Sim, abbade, pois não!

— E de escolher a madrinha?

— Será minha filha Mafalda.

Chamou elle a menina, e acercaram-se do baptisterio.

A ama entrou com a creança, chamada pelo sachristão.

A um lado estava Ladislau com uma tocha, escondendo-se ao lance d'olhos de Ruy de Nellas.

Ao descobrimento da menina, Mafalda exclamou:

—Ai! tão linda que é!... Veja, papá! Ó manas, venham vêr que perfeição!...

—Quem são os pais?—disse o fidalgo.

O abade, como tivesse começado as ceremonias do sacramento, não respondeu; e, pouco depois, perguntou:

—Qual é o nome?

—É o meu—disse D. Mafalda.

Findo o acto, foram á sacristia lavrar no livro o assen'õ baptismal.

O abade escreveu á vista dos apontamentos, e leu depois para conhecimento dos padrinhos:

«Mafalda, natural de Villa Cova, termo de Pinhel, «filha legitima de Casimiro Bettancourt, natural de «Santarem, e da ill.<sup>ma</sup> e ex.<sup>ma</sup> D. Christina Elisiaria de Nellas Gamboa de Barbedo»...

—Como?!—exclamou o fidalgo.—Como se entende isto? Que abuso foi este, sr. abade?!

Ladislau saiu do escuro da sacristia, e disse

—O abuso é meu, sr. Ruy de Nellas. E v. ex.<sup>a</sup> não me castiga, porque eu vou pôr em seus braços a creancinha a implorar o meu perdão e o de sua mãe.

E tomou a menina dos braços da ama, e depositou-a nos da madrinha, dizendo-lhe:

—Seja v. ex.<sup>a</sup> a intercessora de sua irmã.

—Dê-lhe um beijo, papá! rogou maviosamente D. Mafalda.

O velho pôz a mão na face da creança, e disse:

—Não tens culpa tu, pobre innocente!...

E o abbade continuou a leitura do assento baptis-  
mal, sorrindo e olhando por cima dos oculos, para  
têr Ruy de Nellas, que deixava chupar-lhe a creança  
no dedo mendinho.

Ao sahirem da sachristia, o fidalgo disse á ama da  
creança:

—Vá lá a casa, depois de missa, mulher, e o sr.  
tambem, se quizer.

Ladislau fez signal de agradecimento.

Finda a missa, a menina foi levada a casa do avô.  
As quatro tias deram inquietações á ama, temerosa  
de que lhe abafassem a creança com beijos.

Entretanto, Ladislau contava a Ruy de Nellas os  
successos de Coimbra e os aleives da corresponden-  
cia da «Vedeta da Liberdade».

O velho ouviu-o em silencio, mas com ar de sa-  
tisfação, em quanto aos brios de seu genro no justo  
castigo de Alexandre; porém, quando soube que as  
gazetas traziam o seu nome aparelhado com o do  
carpinteiro, irritou-se, e clamou:

—Quando pensei eu de andar pelas gazetas!...  
É o que minha filha me arranjou!...

Este accesso durou alguns segundos.

Continuaram a conversar serenamente. Eram ho-  
ras de partir para Villa Cova. O fidalgo mandou en-

trar a afilhada, e deu-lhe um beijo, e duas peças á ama.

E— caso unico! — apertou a mão do lavrador de Villa Cova, e disse-lhe por ultimo:

—O tempo fará o resto. É cedo por ora! A ferida sangra ainda!

—O balsamo do Evangelho, sr. Ruy de Nellas...

—respondeu Ladislau, sahindo.

## XI

### Guilherme Lira

Seria ocioso, bem que alegre trabalho, contar os jubilos de Christina, retomando ao seio a filha, que seu pai e irmãs tinham beijado. Casimiro, homem não estranho a vanglorias, que parecem ser condição das indoles arremessadas ás glorias uteis, folgava de ver sua filha acariciada pelo fidalgo, cuja prosapia, o moço, nas verduras dos dezoito annos, sinceramente invejava. Ó barro humano!

Disse Ladislau que Ruy approvára a saída de Coimbra, e esperava que o anno decorrido esfriasse a vingança de D. Alexandre, estando elle de mais a

mais como vingado, fazendo crer que lhe fugia Casimiro. Era este tambem o parecer do vigario e de Ladislau. Casimiro, ainda assim, dizia contrariando:

— Não, meus amigos: o odio dos fracos é inextinguível; é a unica força, a energia tenebrosa, que lhes deu a natureza.

No seguinte anno lectivo, voltou a Coimbra, com maior familia, o pobre grangeador do futuro. Doia-lhe ter de augmentar suas despezas, saidas todas dos celleiros de Villa Cova. Era grande mágoa para o aberto coração de Ladislau entender em pacificar o espirito do seu amigo, fazenho-lhe sentir que escassamente lhe emprestava uma parte das sobras de suas colheitas. E santamente mentia Ladislau! A sua lavoura, comquanto grande, era toda de cereaes, vendidos por baixo preço, e urgentes ao consumo e vestir de sua familia. O que elle estava despendendo era dinheiro antigo, que encontrára, ouro do seculo XVI, peculio ameado ao canto do armario de pau santo, em que seus tios padres iam annumerando algumas moedas, muitas menos que as derramadas pela pobreza.

Lembrava-se Christina de escrever ao pai, a pedir-lhe sua legitima materna. Casimiro, antes que ella expendesse o seu pensamento, atalhou-a n'estes termos:

—Sendo preciso, iria primeiro pedir a meu tio carpinteiro metade do seu estipendio de cada dia.

Peregrina, sabedora do intento, revelara-o ao marido.

Ladislau, a sós com a filha de Ruy de Nellas, queixou-se, observando-lhe que era crueldade obrigar-o a faltar á sua palavra, tendo elle dito a Ruy de Nellas que sua filha e marido nunca lhe pediriam meios de vida.

Os raros amigos de Bettancourt, assim que o viram em Coimbra, repetiram-lhe as calumnias divulgadas, fingindo não acreditar-as. O mais sincero e rude ousou dizer-lhe :

—Déste um mau passo em fugir.

—Não fugi. O amigo, a quem devo a minha subsistencia em Coimbra, chamou-me, e eu fui.

—Não devias ir, tendo sido desafiado por D. Alexandre.

—Nunca fui desafiado.

—Como não foste ! ?

—Nunca fui desafiado; e, no caso de o ter sido, rejeitaria a proposta. Não jogo friamente a vida, que é de minha mulher e de milha filha, contra a vida de D. Alexandre, que é um homem abjecto, nem contra a vida do mais estremado em prohibado. Nunca para mim alguém provará sua honra, batendo-se com victoria, nem o vencido terei em conta de

deshonrado. O duello pôde significar algumas vezes coragem, mas sentença absolutória de um infame, nunca.

—Mas decididamente não fugiste ao duello?

—Offende-me a renitencia—respondeu Bettancourt molestando.

—Desculpa, que é a renitencia de um amigo zeloso de tua dignidade. A academia acreditou em D. Alexandre e nos propagadores do boato. Apareceram homens a dizerem que tinham sido agentes do desafio.

—Mentiram.

—Mas a mentira vingou.

—Estou resignado: já a vi impressa n'um jornal, e achei-me forte na minha consciencia.

—Mas a opinião publica. . . —voltou o academico, espicaçando, em nome da opinião publica, o animo impenetravel do marido e pai.

—Que queres tu que eu diga á opinião publica?

—Que a desmintas: escreve uma correspondencia.

—Não desço.

—Descer! pois é descer acudires por tua honra!?

—Se a consciencia me não accusa, que logro eu em constituir a academia meu juiz? Além de que, meu amigo, eu venho estudar. Falta-me o tempo para o util: como hei de eu ir despendel-o a entre-

ter a curiosidade publica? Diz aos teus amigos que eu sou calumniado, e elles julguem-me a seu sabor.

—Faz o que quizeres; dou por cumprida a minha missão de amigo.

Christina vivia tranquilla. Ladislau, que lançára espias em Miranda, soubera que D. Alexandre saíra para Coimbra, e o desertor ficára. A nova agradou a Casimiro, receioso dos sustos da senhora.

Recomeçou o academico os estudos do segundo anno, com fervor. Sabia que seus mesmos condiscipulos o detraíam, lamentando, como usam lamentar inimigos, a nodoa da farda de um militar. O facto estrondoso do botiquim da Rua-larga tinha esquecido, ou era interpretado de varios modos, todos estúpidos; que a malquerença faz timbre em ser estúpida, quando não póde ser feroz. Todavia, a fréchada não lhe vasava o coração. O pai estremo-so abroquellava-se com a filhinha, e dizia á esposa:

—Sêde o meu mundo. Aos teus olhos sou quem sou, minha amiga. Infamem-me lá fóra, mas diz-me tu, filha, que eu sou digno de ti.

N'um sabbado ao cair da tarde, passaram á Ponte, vindos da Quinta das Lagrimas, Casimiro e sua mulher.

D. Alexandre de Aguiar estava sentado com nu-

merosos estudantes nas guardas da ponte. Ao passar Casimiro, o fidalgo de Miranda tossiu aquelle grunhido peculiar do insulto. Os academicos de sua parcialidade, em respeito á dama, abstiveram-se de acompanhar o amigo na *troça*.

D. Alexandre, desenfreado como costumam os covardes no momento em que persuadem-se não o serem, disse:

—Não se envergonha aquella dama! Que ostentação e baixeza d'alma!

Christina ouviu. O que o amor nobre faz d'uma mulher tímida! Voltou-se contra o parente, e respondeu:

—E' muito infame!

—Silencio!—disse Casimiro, apertando-lhe convulsivamente o braço.

D. Alexandre expediu uma cascalhada; e os academicos, indifferentes ao conflicto, disseram-se:

—Com effeito! é muito covarde o Bettancourt, que deixa assim insultar a mulher! Compreendam lá a decantada historia do botiquim!

Na extremidade da ponte, estava o academico já conhecido por seus dialogos com Casimiro. O marido de Christina aproximou-se d'elle, e disse-lhe:

—Conserva-te aqui um instante ao pé de minha mulher, que eu volto já.

—Não!—exclamou Christina.

—Christina!—disse elle com um aspecto, que a esposa nunca lhe vira.

E caminhou ao longo da ponte, sem denotar abatimento na serenidade do passo

Os academicos do bando de D. Alexandre, disseram:

—E' elle que vem!

O fidalgo desceu-se da guarda como quem se prepara a receber o aggressor. Não era isso. O medo pesa como chumbo na região abdominal. Foi o gravame do medo que mecanicamente o desceu.

Casimiro lançou-lhe a mão esquerda á garganta, e com a direita levou-lhe a cabeça á aresta da guarda. Depois como o atordoado fidalgo escouceasse os couces instinctivos da defeza, o aggressor abarcou-o pela cintura, no proposito de o despejar ao Mondego. Acudiram-lhe muitos, sem, com tudo, arremetterem contra o furriel. Casimiro sentiu nas barbas mão estranha. Olhou com impetuosa furia, e viu Christina, que punha as mãos supplicantes. Descutvou os dedos da garganta do estudante, e deu o braço a sua mulher. Pelo ar quieto, com que elle saiu ao fim da ponte, haviam de imaginar que o sujeito acabava de abraçar um amigo.

Grande parte da academia parecia andar envergonhada depois d'este successo. Os detraidores, chamados por algum amigo de Bettancourt, a dizerem

cerca do facto, corriam-se, e gargarejavam o desmentido, que os supplicava.

O academico, mais dorido do descredito de Casimiro, seguiu-lhe os passos a casa, abraçou-o com transporte, e exclamou:

—Tu és um grande homem!

—Vem ver minha filhinha como dorme docemente!— respondeu Casimiro.

—Que dirão agora os calumniadores?— tornou o academico,

—Que eu sou um assassino.

—Um bravo! um modelo de dignidade.

—Como quizerem. Vem ver minha filha, se gostas de creancinhas.

Foram. A mãe, que, uma hora antes, sentira de modo viril para aggreir o insultador, estava agora chorando sobre as faxas da filhinha. Casimiro aconchegou-a de si, e murmurou:

—Então? que é isso, filha?

—Tremo pela tua vida; Casimiro!

—Convence-te, Christina: eu não posso ser morto por D. Alexandre, nem por assassinos de sua paga.

O fidalgo dos Vitos Alarcões tratou da cabeça na cama, uns quinze dias: parece que o granito lhe entrou dentro obra de meia pollegada, sendo que em tal cabeça nunca tinha penetrados alguma

outra. Fechada a brecha, metteram-se férias de Natal, e o convalescente foi para casa.

Ladislau, sempre attento aos passos do desertor, soube que chegára a Miranda D. Alexandre de Aguilhar, de cujo infortunio na ponte já estava informado por carta de Christina, que incessantemente lhe pedia toda a vigilancia sobre o scelerado.

D. Sueiro deu logo tento da cicatriz da cabeça fraterna, e disse:

—Levaste ou cahiste, mano?

—Cahi do cavallo.

—Bom tombo! ias ficando sem um olho! Estás um limpo cavalleiro, não tem duvida!

E ficaram n'isto; mas as familias d'outros academicos de Miranda, de bocca em bocca, fizeram chegar ás orelhas de D. Sueiro de Aguilhar a rija sova, que levára o irmão.

O senhor dos Coutos de Fervença e Caçarellos, Estevães e Villariça disse ao irmão:

—Como assim?

—Assim quê?—perguntou D. Alexandre.

—Corre que esta cicatriz foi bordoadada que levaste! Foi ou não?

—Foi desordem: dei e levei.

—E ficaste mal?

—Fiquei ferido; mas sem deshonra. O adversario era valente como as armas.

—Quem?

—O marido da tua cunhada.

—O villão? E vive!...

—Por emquanto... vive.

—Do que serve aqui o Ayrão?

Ayrão era a graça do desertor.

D. Sueiro accrescentou:

—Leva-o e mostra-lh'o. Acabemos com isto de uma vez... Estou a ver quando o tio Ruy de Nellas recebe o genro em casa. Já lhe baptisou o filho, e, escrevendo a Guiomar, fallou-lhe de Christina com piedade. O tio Ruy degenerou. Se viver muito, ha de envergonhar-nos.

Foi para Coimbra D. Alexandre.

Ladislau recebeu a ponto a informação: o desertor ficára. Avisou o de Villa Cova. Christina exultou; mas, seis dias depois, recebeu novo aviso: o sicario partira aforrado, e em disfarce. A pontualidade d'estas informações devia-se a um jornaleiro de Villa Cova, o qual, industriado por Ladislau, fôra a Miranda pedir trabalho á casa dos Alarcões, e lá ficára servo de lavoura.

D. Alexandre concertára o plano do homicidio, com estúpido ardil: já se lhe não dava que se lhe imputasse a morte de Casimiro; e, para desviar suspeitas de braço estranho, escondia o matador em casa.

Ayrão entrou de noite, e sumia-se de dia nos quartos escuros da casa. Os frequentadores dos jantares de D. Alexandre guardavam delicada reserva ácerca da desgraça do mez anterior. O amphitrião é quem, uma vez por outra, dizia:

—Tenho sede de sangue!

Ou, bebendo até cahir, exclamava:

—A' saude do assassino, que ha de vingar a honra de vinte gerações de fidalgos de solar conhecido!

Defronte de D. Alexandre morava o estudante de direito Guilherme Lira.

Lira foi o mais esforçado e turbulento academico dos seis annos subsequentes á restauração da liberdade. Presidiu á famigerada «Sociedade da Manta»<sup>1</sup>. Era o pau mais valente do riba-Tejo, e o mais fidal inimigo de poltrões.

Do fidalgo de Miranda tinha elle nojo, nojo favoravel ao covarde; se fosse odio, tel-o-ia desorelhado.

Observou Guilherme Lira que em casa do visinho D. Alexandre estava um homem de cara sinistra, o qual se escondia no escuro da casa assim que nas janellas fronteiras assomava gente. Lira espreitou, e viu-o, accendendo o cachimbo no charuto do amo.

---

1 A «Sociedade da Manta» era uma congregação de mancebos destemidos que tiveram Coimbra aterrada; e reagiam ao exercito, quando não achavam *sutricas* que escadeirar.

gesticulando com aquelle geito das feras humanas, vesadas ao trato da taverna, da feira, e da encruilhada.

Guilherme sympathisava d'alma com Casimiro Betancourt. Depois do facto da ponte, estando elle com o seu bando de bravos na Calçada, viu Casimiro, que vinha com sua esposa. Lira saiu da roda, foi á frente do furriel, e disse, com os olhos em Christina:

—Dê-me v. ex.<sup>a</sup> licença que eu abrace seu marido.

E pegou d'elle ao alto soffregamente, exclamando:

—Que pena que tu sejas casado, homem de fígados, que te queria entregar o macête da minha loja!

Casimiro sorriu, agradeceu, e apertou-lhe affectuosa e modestamente a mão.

Isto explica a espionagem de Lira, e o aventar de prompto que o ignobil visinho traçava a morte de Casimiro.

Foi logo d'alli em procura do estudioso mathematico, e disse-lhe:

—Olha que o covarde tem uma besta-féra em casa. Estuda socegado, que eu te guardarei, porque não estudo, nem tenho que fazer.

—Agradeço — disse Casimiro — mas, em verdade me juro que não temo a besta-féra.

—Bem sei, rapaz, bem sei; mas o que eu te venho dizer é que não penses mesmo no modo de a

mandar ao diabo. Isso cá se arranja. Adeus: não te quero roubar tempo.

Descobriu Guilherme que D. Alexandre saia de noite, e com elle outro academico sobre quem a capa mal ageitada ia delatando a contrafacção.

Fez-se Lira encontrado com elles, metteu-lhes a cara, e reconheu o assassino, sob o disfarce de estudante.

A traça do homicidio era desesperada. Como Casimiro passava as noites estudando, Ayrão lembrara il-o matar em casa. O rancor applaudiu o alvitre, e accelerou a execução. D. Sueiro esporeava de lá os brios do mano, e pasmava da demora.

Descubriu Lira que os vizinhos por volta de dez horas paravam á sombra do Arco, que faz a extrema da *Coureira dos Apostolos*, onde morava Casimiro, e depois subiam distanceados a calçada, e o mais corpulento, que era o disfarçado, contrapunha de leve o hombro a uma porta de quintal, ou remirava a janella allumiada pelo clarão do candieiro, ao qual Casimiro estudava até duas horas da manhã.

As portas apalpadadas não davam de si; arrombal-as com estrondo seria derrancar o plano.

Acudiu nova idéa ao homicida: chamar Casimiro á janella, e desfechar-lhe um tiro.

Reflexionou D. Alexandre, e previu que a opinião publica havia de reprovar o covardissimo feito.

Regeitou, portanto, a ideia, e reforçou-se na do assalto.

Casimiro Bettancourt ignorava o que ia cá fóra em sete noites successivas. Guilherme achou inutil avisalo, e inconveniente mesmo ao seu heroico desígnio. Queria elle egoistamente para si a cabal satisfação de castigar os miseraveis, sem incommodo do estudante. A muito custo se refreára, durante as sete noites, á espera de lhes comprehender o intento, e cair sobre elles no momento de o praticarem.

Guilherme Lira desvellava-se e preocupava-se d'esta catastrophe, como se vida de pai, irmão, ou amada corressem perigo!

Sublime doido! Sympathica loucura!

## XII

### **Serenidade da innocencia**

A's dez horas de uma noite de janeiro de 1840, Christina, convidada pela limpidez da lua, tão brilhante n'aquellas noites, se o ceu está desannuviado, chegou á janella, sem correr as vidraças. Do exterior não podia ser vista, que era completa a escuridade dentro; viu, porém Christina, dois homens

parados na rua, com as cabeças muito conchegadas, em agitada e inaudível conversação. Teve medo, e correu ao gabinete do marido a chamal-o. Casimiro, pé-ante-pé, segundo a esposa lhe recommendava, espreitou, e, sem hesitação, disse:

—Um é D. Alexandre; o outro não conheço. Vejamos o que fazem.

—Vê!—disse Christina—olharam para a janella do teu quarto.

—E' uma contemplação estúpida!—redarguiu Casimiro.

—Agora esconderam-se debaixo das janellas.

—Quererão escalar a casa?!—tornou elle em ar de mofa.

—Quem sabe?! Olha... lá deram um encontro á porta do quintal!

—E' que são ratoneiros de couves. Que podem elles querer do quintal senão as tuas couves gallegas?

—Tu brincas, meu Casimiro!... Olha que isto é sério!... E não passa patrulha nenhuma!...

—Cala-te, creança! Se te ouvem, perdermos este espectáculo gratuito. Deixa vêr no que isto disparará. Lá vem outro estudante, rente pela parede d'alem! como elle se embuça!...

—Parou!—disse Christina agitada.

—Será da malta?! As couves não chegam para todos.

—Lá vai para baixo.

—E os outros seguem-n'o.

—Já não seguem.

—Elles ahí voltam, outra vez para a sombra.

—Outro empurrão á porta da escada! murmurou Christina alvoroçada e tremula.

—Então o negocio não é de horta! Teremos hospedes assim mal-creados! Ver-me-hei forçado a recebêl-os com igual delicadeza!

A arma unica de Casimiro Bettancourt era uma enferrujada espada de seu pai. Tirou-a debaixo do leito, e disse á esposa:

—Deixa-me a escada livre, e não temas.

—A' escada não vais: pôde vir um tiro!

—Não vem tiro nenhum: apaga todas as luzes.

Dous estrondosos encontrões metteram dentro a fragil porta. Christina soltou um ai, e involuntariamente correu ao leito onde a menina chorava acordada pela rija pancada.

Casimiro estava no topo da escada, e viu do lado da rua um homem de batina academica apanhar de hombro a hombro, com um pau, as costas do que elle affirmára ser D. Alexandre. Os dois aggressores saltaram ao meio da rua, e Casimiro ia na colla d'elles, quando Christina, com a menina nos braços, lhe estorvou o passo, exclamando:

—Casimiro, Casimiro! pela tua filhinha te rogo!

A catastrophe, tão almejada de Guilherme Lira, rematava assim na rua.

Ayrão, logo que o amo levou a primeira pancada, correu de faca sobre Guilherme, e recebeu em cheio peito uma choupada, e segunda no ventre. Já cambaleava moribundo, quando recebeu a terceira, e bateu nas lages com a face morta.

D. Alexandre ia fugindo, com a maxima velocidade de sua prudencia, quando uma segunda bordoadada o apanhou pela nuca. Rugiu e afocinou, forçado por um doloroso raspar de ferro na orelha direita.

Guilherme volveu a sondar a respiração do desertor, e responsou-o ao diabo.

D'alli correu á escada de Casimiro, e chamou-o.

—Quem é?—respondeu Casimiro com a espada apontada.

—O Lira. Creio que estão ambos mortos; um de certo. Agora, acautela-te... Já está gente nas janellas. Posso sair pela porta de traz? Aqui reconhecem-me.

—Sae—disse Casimiro. Vem por aqui... Quem mataste?

—Boa pergunta! A besta-féra não se levanta mais; o outro desconfio que está vivo. Deixal-o viver... Por aqui?... bem... Adeus! Segredo de sepultura, ouviste?

—A recommendação é indigna de mim.

Guilherme Lira entrou no Becco das Flores, e sumiu-se de travessa em travessa, reaparecendo, vestido á futrica, na Couraça dos Apostolos.

Quando chegou, occupavam a rua centenaes de pessoas. Em redor do cadaver de Ayrão estavam muitos estudantes de envolta com a policia. Nenhum academico reconhecia o morto, que trajava batina, bem que tivesse illeso o rosto. Em quanto a este, esperou-se o dia para lavar-se auto.

D. Alexandre já tinha sido transportado em braços, e moribundo, segundo diziam os que lhe viram o rosto ensanguentado, e ouviram o arquejar estertoroso do peito comprimido pelo derreamento das costas.

A visinhança dizia que vira entrar um homem de batina e capa nas escadas de Casimiro Bettancourt. A opinião geral decidiu que fôra Casimiro o assassino, visto que o sujeito entrado não saíra.

Christina chorava, e dizia, ouvindo as vozes da rua:

—Que será de nós? Prendem-te, Casimiro. Fugamos... vamos para Villa Cova.

—Socega, filha. Se me prenderem, hão de soltar-me! Attende-me, Christina: nunca dirás uma só palavra com referencia a este acontecimento. Nunca proferirás o nome de Guilherme Lira. Nunca dirás que eu estou innocente. Juras-me?

—E tu... perdido, meu infeliz amigo... perdido!

—atalhou ella, arquejante de gemidos—desgraçado por minha causa! . . .

Casimiro apertou-a ao seio, e disse-lhe:

—Crês em Deus ?

—Se creio em Deus! . . .

—Crês que a justiça me faça padecer innocentemente? . . .

—Mas a justiça humana . . . —interrompeu ella.

—Mulher de pouca fé! . . . Se visses a serenidade do meu espirito, vias em mim a influência de Deus!

As autoridades superiores, avisadas do acontecimento e do author indigitado do crime, mandaram guardar por soldados as avenidas da casa de Casimiro, para o prenderem de dia.

O academico deitou-se á sua hora regular, e obrigou a alvoroçada esposa a deitar-se com a filhinha inquieta.

A's trez horas e meia da manhã rebentou de subito um ruido estridoroso na rua, depois de alguns repetidos brados das sentinellas.

Chegava a «Sociedade da Manta» acaudilhada por Guilherme Lira, em numero de vinte e tantos bravos, armados de refes e clavinas.

Os soldados outros tanto seriam. A' primeira carga inesperada, a tropa titubeou entre fugir ou defender-se, e, n'esta perplexidade, soffreu o desaire de

ser desarmada e contundida com as proprias armas.

Libertas as portas, Guilherme chamou Casimiro, subiu e disse imperiosamente:

— Foje !

— Não fujo.

— Como não foges ?

— Não; salva-te tu, que eu me livrarei da justiça.

— Não livras: diz toda a gente que tu mataste o homem. Alexandre está vivo, e diz que foste tu quem mataste o seu criado, e lhe tiraste a elle a orelha.

— Deixaste sem orelha o homem ?

— Nada de riso: foges ou não ?

— Já te disse, Guilherme: vai na certeza de que o teu nome nunca será envolvido na minha justificação.

Uma voz de fóra, disse:

— Olha que tocam as cornetas na Sophia, ó Lira ! Vem, que não temos partido contra o regimento.

— Adeus !—concluiu Guilherme. Oxalá que te não arrependas !

— Fujamos !—exclamou Christina,

— Porque me não attendes, filha?—disse maviosamente Casimiro, e desceu a fechar a porta.

Poucos segundos depois, estava a rua cogulada de soldados, e muitas vozes diziam que o assassino tinha fugido com os academicos.

— O melhor é arrombarem as portas, camaradas!

dizia um cidadão. Que fazem vossês ahí, se elle fugiu? E' arrombar que não ha outro modo de saber se elle está.

—Arrombar!—contrariou um alferes. A Carta Constitucional prohibe arrombar; mas bate-se a ver se falla alguem.

—Ou isso—disse o cidadão prudente.

O alferes bateu urbanamente. Casimiro abriu de prompto a janella do seu quarto, e perguntou:

—Quem é?

—Ah!—disse o alferes—está em casa?

—Estou em casa. Não quer mais nada?

—Não, senhor. Foi para sabermos... dizia-se que não estava lá ninguem... Perdoará o incommo-

do.

—Boas noites—respondeu Casimiro. Depois, baixou a vidraça, e disse a Christina—A rua está vistosa! As armas refrangem a lua, e dão a lembrar uma illuminura da idade-média! Apaga a luz da saleta, que eu gosto de ver este arraial de batalha, que me parece um sonho!

—O' Casimiro!—balbuciou ella—como tu podes rir, e eu sinto-me aqui morrer!

—E's fraca. Nunca te tinha conhecido esse aleijão. Parecias-me uma natureza perfeita em amor, em brios, em força. A força é que te falta, minha debil filha!

—Enganas-te, Casimiro!—replicou ella—E' que eu era tão feliz!...

—E amanhã que impede que o sejas?

—Amanhã estarás preso!...

—E então? A luz do teu amor teme de romper as grades da cadeia?! A nossa filhinha hesita entrar lá contigo? Não vai commigo a imperturbavel consolação da consciencia?

—Mas eu tambem vou...

—Pois irás, filha. Quem te veda de estar com teu marido preso?!

—Conversaram n'este sentido longo tempo; e já, a final, Christina estava conformada com a ideia da prisão, e logo cuidou em enfiar os fatinhos da filhinha, enquanto o marido escrevia a seguinte carta:

«Meu caro compadre.

«D. Alexandre de Aguiar foi gravemente ferido, e o seu criado está morto. Este acontecimento deu-se á porta da minha casa, ha cinco horas. O povo, a academia, e as authoridades indigitam-me como «author do successo. Esperam que nasça o sol para «me prenderem.

«Escrevo-lhe agora, 4 horas da manhã, receiando «que os interrogatorios me tirem o tempo no correr do dia.

«Minha mulher tem estado attribulada, mas, como

«appellei do seu coração para a sua coragem, vejo-a  
«reanimada e esperançosa da minha absolvição em  
«despeito do povo, da academia e das authoridades.

«Peço aos meus amigos que não se afflijam, e me  
«creiam forte bastante para lutar com o mal do  
«mundo. Refugio-me na vossa estima, e sou o vosso  
«irmão agradecido, *C. Bettancourt.*»

Ao apontar o sol, a authoridade administrativa, auxiliada pela militar, bateu á porta de Casimiro, e esperou instantes. O proprio academico desceu a abrir, e offereceu ceremoniosamente a sua casa.

—Está o sr. preso—disse o administrador.

—Já o sabia—respondeu Casimiro.

—Bem. V. sr.<sup>a</sup> acompanha-me. Irá comnosco o sr. alferes da companhia.

—Como queiram: vou só, vou com v. sr.<sup>as</sup>, vou com a escolta: para mim é de todo o ponto indifferente.

—Dispensó a força, sr. alferes, disse o administrador: pôde v. sr.<sup>a</sup> mandal-a recolher com o sargento; o sr. alferes tem de ficar para solemnisar a prisão d'este academico, que é furriel.

—Se querem subir. . .—disse o preso.

—Não, senhor: vá, e volte, que nós esperamos.

O administrador, em quanto Casimiro subiu a dar as ultimas palavras de conforto a sua mulher, disse ao commandante da força:

—Este homem ou está innocente, ou excede tudo que eu tenho visto em coragem!

—Será cynismo? replicou o militar.

—É cynismo, não pôde deixar de ser cynismo—optou o cidadão que propozera o arrombamento das portas.

No entanto, Casimiro dizia a Christina, depois de beijar Mafalda:

—Eu escrevo-te de casa do administrador, dizendo-te o meu destino; naturalmente irei de lá para a cadeia; e tu, como boa gerente da casa—continuou elle jovialmente—irás lá ter, depois de ter dado as ordens para o jantar. Olha que a instauração de um processo por crime de morte não obriga a jejum, minha filha. Lembra-te que as consciencias puras concorrem muito para o bom appetite, e são optimas auxiliares do estomago. E adeus, até logo.

Christina ajoelhou com a filha nos braços, e orou. E, orando, ouvia dizer fóra:

—Mas como elle vai direito e senhor seu!

—Elle se entortará quando lhe pezarem nas costas os caibros da Portagem!

—Terá pena ultima?—perguntava uma rapariga de má vida, e accrescentava: Coitadinho! é tão novo, e de mais a mais casado, e tem uma filhinha!...

—Deixal-o ter!—atalhava uma velha, que vinha da missa d'alva, e ia ouvir a segunda, para depois

ir ouvir a terceira—Deixal-o ter! Quem mata, morra! As forcas não se inventaram para os que morrem, é para os que matam!

O axioma foi applaudido pelo cidadão prudente, e outros sujeitos honestos, cuja garganta zombára muitas vezes da corda de esparto do Livro V das *Ordenações*.

E Christina calava a oração para escutar, e orava para não ouvir.

Perguntou a authoridade a Casimiro Bettancourt o nome, a naturalidade, os annos, o estado, a profissão, etc. E proseguiu:

—A voz publica e as apparencias dão-n'o ao senhor como homicida de um homem ainda desconhecido, e tambem o incriminam de espancador de D. Alexandre de Aguiar, cuja vida está ainda duvidosa. O sr. Bettancourt é reu d'estes crimes?

Casimiro não respondeu.

—Ouviu a pergunta que lhe fiz?—tornou a authoridade suspeitando a surdez do preso.

—Ouvi sim, senhor.

—Que responde?

—Nada.

—Nada?! é boa essa!... Matou ou não matou?

—Se ha provas de que fui eu, porque m'as pedem? Se as não ha, porque me prendem?

—A lei manda interrogar os reus.

—Póde ser; mas não obriga os reus a responder.

—O silencio é uma confissão—redarguiu o administrador.

—E' o annexim: «quem cala consente» arvorado em axioma juridico. Boa hermeneutica!

—Modere as suas ironias, que a occasião é inoportuna, sr. Bettancourt. D. Alexandre de Aguiar Vito de Alarcão Parma d'Eça diz que fôra atacado pelo sr. Casimiro, quando passava á sua porta.

—Se o diz, elle o provará.

—A visinhança depõe que v. s.<sup>a</sup> entrára em sua casa depois de ter deixado morto um homem e o outro caído.

—Já sei: ouvi o parecer de meus visinhos antes de v. s.<sup>a</sup> os interrogar.

—E que diz a isto o senhor?

—Nada.

—Diz que está innocente?

—Já tive a honra de dizer a v. s.<sup>a</sup> que não digo nada. As provas responderão por mim, e a lei me julgará.

—Esta claro. Vai v. sr.<sup>a</sup> recolher-se á cadeia, e esperar lá a nota da culpa.

—Posso ser visitado por minha mulher e minha filha?

—Sim, senhor, em quanto a justiça julgar isso indifferente ao processo.

—E quando pôde empecer ao processo que eu veja minha filha?

—Ha casos . . .

—Bom. Recebo as suas ordens.

—Vai acompanhá-lo um official do juizo. O sr. Bettancourt inspira-me confiança, e por isso o allivio do vexame de ir com soldados.

—Agradeço a confiança; mas os soldados não me vexam: cumpra v. s.<sup>a</sup> o seu dever de authoridade. . .

—Vá, e pense sériamente na sua situação, que é grave, sr. Bettancourt. Pôde ser que o senhor esteja innocente; mas as suas desavenças anteriores com D. Alexandre condemnam-n'ô. Pôde ser que v. s.<sup>a</sup> matasse em justa defeza: se assim foi, convém attenuar a culpa com essa circumstancia. Esse seu systema de responder com o silencio, sobre ser excêntrico, é confirmativo da imputação. Dou-lhe este conselho, movido pela sympathia que me causa a sua abnegação e como desprezo da vida. Sei que tem familia, e avalio as angustias de sua consorte; por isso lhe peço que se abstenha d'esse stoicismo inutil, e—peior ainda—prejudicial. Se pôde, decline de si a responsabilidade de um homicidio, que é sempre e em todos os casos deshonra. Se matou, negue, negue sempre!—acrescentou o administrador, collocando-lhe no ouyido os labios.

Casimiro agradeceu o conselho com um sorriso, e saiu á direita do official de justiça.

A' porta da authoridade, quando Casimiro saiu, agglomerava-se um cento de pessoas, gentio baixo, regateiras da praça de Sansão, serventes, gaiatos, e alguns cidadãos honestos, nomeadamente o oraculo da Couraça dos Apostolos. A custo rompeu o aguazil a multidão, que se premia em redor de Casimiro, e lhe roçava as faces com o balito acre da aguardente.

—Chamo soldados!—bradou o official de justiça.

--Não é preciso—disse um academico, que estancava mais distante n'um grupo de estudantes.

E, tirando a carreteira das mãos de um lavrador, cresceu sobre a multidão, e apanhou quatro cabeças da primeira paulada. A rua, momentos depois, estava deserta, como se passasse n'ella a ira do Senhor.

—Foge que é o Lira!—diziam muitas vozes, convulsas de terror, menos o cidadão da Couraça dos Apostolos, que levou a sua cabeça ao visinho boticario.

Era, com effeito, Guilherme Lira, cujo sangue re-fervia em frenesi, e sede de beber o sangue da humanidade. Enfurecia-o o remorso de ter deixado vivo D. Alexandre! Saber elle que o vil declarava ter sido assaltado por Casimiro, espicava-lhe o odio e a

ancia de ir estrangulal-o em casa. Depois, via Casimiro preso, sabia já as suas respostas á authoridade, pungia-o o arrependimento de o perder, quando cuidava salval-o de inimigos infames, e não poder salval-o, sem se declarar elle mesmo o agressor !

O governador civil, o reitor, as authoridades subalternas, receiosas de sublevação academica, instigada por Guilherme Lira, preveniram a tropa, e assignaram ordens de prisão dos mais celebres desordeiros, no caso de motim.

A este tempo, estava na cadeia Casimiro Bettancourt, contrastando, com sua quietação, o reboiço que fremia cá fóra. Christina seguira-lhe os passos, e entrara após elle. Mafalda ia muito risonha e fagueira. Não fallava, mas gesticulava as suas caricias e pendurava-se do collo do pai, beijando-lhe os olhos.

E Christina observava em redor de si a nudez, a sombra, a immundicie da saleta. Queria chorar; mas pejava-se do esposo, e retinha-se para o não affligir.

—Voltas a casa, minha filha?—disse Casimiro— Olha, que são dez horas, e nós costumamos almoçar ás nove. Basta de sacrificio á justiça humana, Christina! Uma hora é de mais!

—Tu não estás muito triste, pois não, meu Casimiro?—exclamou ella, cingindo-lhe o pescoço,

com quanto carinho podem exprimir as angustias supremas.

— Se estou triste! . . . Quando me viste mais risinho, Christina! . . . Alegre, minha esposa, alegre como esta creança que te surri! A minha consciencia está serena como a d'esta menina; por isso nos vês tão contentes ambos!

### XIII

#### ● seu

A carta, recebida em Villa Cova, foi a primeira grande angustia que alanceou o intimo coração de Ladislau.

Correu á egreja, e d'alli a uma aldeia da serra, onde estava o vigario sacramentando um enfermo. Leram a carta, e ambos inferiram que o matador era Casimiro: justa inferencia dos termos d'ella.

—Matar:—disse o vigario consternado!—Matar! . . . Eu não cuidava isto de Casimiro! Nem ao menos diz que matou defendendo sua vida, a vida de sua mulher, e de sua filha! . . . Repara tu na serenidade com que elle diz: *D. Alexandre de Aguiar*

*foi gravemente ferido, e o criado está morto. Este acontecimento deu-se á porta da minha casa ha cinco horas. O povo, as authoridades, e a academia, indigitam-me como author do successo... Se não fosse elle o author, diria: indigitam-me falsamente!... E mais abaixo: Minha mulher tem estado attribulada; mas como appellei do seu coração para a sua coragem, vejo-a reanimada e esperançosa de minha absolvição em despeito do povo, da academia e das authoridades!... De que elle fia a sua absolvição, se as provas o condemnam a tal ponto que tudo lhe é contra!... O' meu Deus, meu Deus! que conta havemos de dar á nossa consciencia de termos trabalhado para o casamento de Christina com este malfadado!*

Ladislau ouviu a mais larga exclamação do attribulado sacerdote, e disse com pausa:

—Eu estou em crêr que Casimiro não matou.

—Ó homem, tu não entendes esta carta?

—Penso que entendi. Onde diz elle que matou?

—E onde diz elle que não matou?—retorquiu o padre.

—E' verdade: não confessa nem nega. Diz que o apontam como matador. Isto é diferente. Eu leio no Evangelho que Jesus Christo, quando o arguiam...

—Cala-te, meu irmão! esses confrontos são sacri-

legos! atalhou o sacerdote, inflamado em zelo santo.

—A minha intenção era boa, Deus o sabe. Saja o que for, eu creio que o meu compadre está innocente. Um homem, que mata, não escreve assim com este socego. Aqui ha mysterio e continuará a havel-o. As cartas demoram-se; e, quer demorem quer não, amanhã vou para Coimbra e Peregrina vae comigo. Desgraça! . . . E que terá ella penado? que fará sósnha a pobre menina com sua filha?

—Vai a Coimbra, Ladislau, vai! — disse o vigario.  
—Se é criminoso, amparem-o; se não é, ajude-mo-o a vencer as iniquidades do mundo, querendo Deus que nós sejamos instrumentos de sua divina justiça. Eu tambem iria, se podesse: escrever-lhehei as consolações da religião.

No dia proximo, saíram de Villa Cova Ladislau, Peregrina, e o menino, a grandes jornadas para Coimbra. O lavrador levava todo o seu peculio, o oiro de sua mulher, e alfaias de antiga prata, que havia em casa. Apearam na estalagem, e foram d'alli á cadeia. Encontraram Casimiro sentado á meza de jantar com a filha no collo, e Christina a um canto da saleta aquecendo café n'um fogareiro.

—Não t'o disse eu?!—exclamou Christina, quando o chaveiro abriu a porta, e deu entrada aos visitantes—Não veio carta, vieram elles!

As duas senhoras abraçadas fallavam em soluços. Ladislau rompeu tambem em pranto desfeito. Casimiro, porém, sereno e com os braços abertos, dizia:

—O compadre tambem é dama?! Não riyalisemos com as nossas mulheres no seu privilegio de chorar! . . . Conversemos como homens.

—Está innocente, meu amigo? — perguntou de sobresalto Ladislau.

—Que pressa! . . . — respondeu em ar de graça o prezo. — Parece que o meu compadre safu de casa com essa pergunta á flor dos beiços. Ora, diga-me: se eu lhe responder que matei o desertor, e feri de morte o fidalgo, o meu amigo retira-me a sua mão pura e generosa?

—Não. Casimiro só mataria um homem defendendo-se. Foi em defesa que o matou?

—Vou responder-lhe; porém, requeiro á sua nobre alma um juramento antes de me ouvir. Não lhe digo que me jure por seu pai, pela vida de sua esposa ou filho: jure por sua honra.

—Jurei.

—Agora saiba que eu não matei, nem mandei matar.

—Oh meu amigo! — clamou com agitada vehemência Ladislau.

—Não falle mais alto que eu, meu compadre, que póde ser ouvido. Não matei nem mandei matar,

nem folguei com a morte do assassino trazido para mim, nem com os ferimentos de D. Alexandre. Houve um homem que me quiz salvar dos dous inimigos, que me esperavam, e matou-os, no momento em que me arrombavam as portas. O nome d'este homem irá comigo e com minha mulher á sepultura: nunca m'o pergunte. A sociedade proclama-me assassino; embora: Deus me defenderá e salvará. Aos interrogatorios nada respondo que me absolva ou condemne. Veremos se o jury me vê provado assassino. Agora, meu amigo, tem o sr. a sua honra de sentinella á sua lingua. Tomemos café. São só duas as chavenas; mas tambem ha dous pires: as chavenas para os hospedes; os pires para nós, Christina. Arranja lá isso.

Ladislau fitava nos olhos Casimiro, e murmurava:

—Que homem! que desgraçado tão digno d'outra sorte!

—Veja lá o que são as cousas! eu cuidei que meu compadre me estava invejando esta paz de coração!

—disse Casimiro.

Horas depois, saíram as duas senhoras a transferir a bagagem da estalagem para a casa da Couraça dos Apostolos. Concordaram em viver juntas, nas horas em que era vedado o ingresso no carcere.

O processo proseguiu nos seus termos, com desvantagem de Casimiro, sem embargo de ser vigiado

pelo primeiro advogado de Coimbra, que alcançara procuração do reu, depois de muitas instancias suas e de Guilherme Lira.

D. Sueiro de Aguilar tinha descido a Coimbra, com comitiva de dois lacaios, e diubeiro grosso para, consoante a sua phrase, *erguer, sendo preito, uma forca de ouro, onde perncasse o assassino de seu irmão.*

D. Alexandre erguera-se ao cabo de vinte dias e composera as melênas de modo, que o lugar da extincta orelha ficasse coberto de lustrosas espiraes. A orelha cancerára, e caira, deixando um orificio hediondo e pustuloso. Guilherme Lira, quando accitava de o encontrar, dizia-lhe sempre: «Cuidado com a outra.»

—A outra qué?—animou-se a perguntar D. Alexandre.

—A outra orelha, patife!

O epitheto gelou de neve as cavernas d'aquelle vil peito que esvasiava o pus pelo esqualor do ouvido.

D. Sueiro accelerava o processo, e descia de sua prosapia regirando do advogado para o escrivão, do procurador para o delegado, do juiz para os influentes do jury.

N'uma d'essas suadas correrias, passando ao escurecer no bécco de D. Sisenando, encontrou um academico, que lhe cingiu ao pescoço umas mãos,

que pareciam golilha de ferro, e lhe jogou a catapultada da cabeça, trez vezes, contra a ombreira do florçado granito da porta do palacio, onde morreu apunhalada a irmã da rainha Leonor Telles. Depois, largando-o atordoado, disse-lhe:

—Primeira admoestação!

E andou.

D. Sueiro, ao outro dia, escreveu a todos os governadores possiveis de Coimbra. A policia fingiu que se mexia, e D. Sueiro não saiu da cama.

O leitor já sabe que só Guilherme Lira podia tentar a destruição da melhor pedra monumental de Coimbra com a cabeça de D. Sueiro de Aguilar Vito etc.

Um homem sisudo da policia disse ao rico-homem de Miranda:

—O meu parecer é que v. ex.<sup>a</sup> vá para sua casa. A meu vêr, o fidalgo traz á perna a *sociedade da Manta*. Dê louvores a Deus em o não terem matado como fizeram a um lente, ha dois mezes; e perdoará o atrevimento do seu servo em o aconselhar. Em quanto a mim quem quebrou a cabeça de v. ex.<sup>a</sup> foi o Guilherme Lira! Mas vão lá prendêl-o, e, de mais a mais, sem provas! Bem aviado estava eu! Elle bate-se com um regimento, e é capaz e mais os seus trinta companheiros de arrazar Coimbra.

—Então isto aqui é um sertão de selvagens!—  
bradou D. Sueiro—As leis...

—As leis estudam-se aqui—disse o cadimo agua-  
zil—e o Guilherme Lira sabe-as bem, que é quin-  
tanista de direito; mas o malvado despreza as leis de  
papel, e tem lá umas de pau para seu uso... para  
seu uso, não digo bem: para uso d'aquelles que as  
levam impressas nas costas. Em fim...

O homem da justiça encolheu os hombros, e des-  
pediu-se.

No dia seguinte, D. Sueiro foi para Miranda, e  
levava ainda uns parches de alvaiade na testa, e  
uns pontos nos tegumentos sobrajacentes aos ossos  
parietaes.

D. Alexandre ficou; porém, assim que o sol incli-  
nava ao poente, recolhia-se. Guilherme Lira entrava  
em casa todas as noites, e espreitava-o da janella.  
Cada noite, ao ver-lhe a luz no quarto, ou sombra  
nos cortinados de cassa, arrepellava-se. Dizia com  
pittoresco chiste o feroz academico a Casimiro: a vi-  
da d'aquelle homem peza-me como um burro sobre o  
peito!»

E Be'tencourt pedia-lhe encarecidamente que o  
deixasse, por ser um estorvo nullo á sua liberdade.

Ruy de Nellas, conscio do successo, mandou cha-  
mar o vigario de S. Julião da Serra, e informou-se.  
Padre João Ferreira relatou de cór o contheudo da

primeira carta de Casimiro, e mostrou duas linhas d'outra de Ladislau, que dizia: *Casimiro está innocente. Casimiro é victima da sua honra. Nada mais te digo, porque só isto me é permittido dizer, e a ti sómente, meu irmão.*

—E tu crês na innocencia de Casimiro?—perguntou Ruy.

—Creio, meu padrinho, como creio que vivo.

—E elle deixa-se ir á revelia?

—Não posso, nem sei responder a v. ex.<sup>a</sup>.

—E' preciso que eu o proteja. E' preciso, que elle é marido de minha filha! Os de Miranda não hão de levar a melhor.

—Que quer v. ex.<sup>a</sup> que se faça?

—Que vás a Coimbra, e leves dinheiro para elles, e para a justiça.

—E' desnecessario dinheiro. Meu cunbado foi prevenido.

—Deixal-o ir. O dinheiro, que eu mando, é meu; quero que [minha filha o receba. Eu vou mandar o meu capellão substituir-te na igreja, e tu partes já para Coimbra.

—Recebo as ordens de v. ex.<sup>a</sup>.

—Vamos ver quem vence!—Contiouou o fidalgo, apertando os alvéolos, onde os dentes ausentes não podiam ringir—Os de Miranda teem muita proa?... Deixa que eu vou abater-lh'a!... Vái, João, que lá

irão umas cartas. Se Casimiro ficar condemnado, tu ou teu cunhado vão para Lisboa, e entreguem as cartas onde eu mandar. Lá está minha irmã, a condessa de Asinboso. Ha vinte e trez annos que não lhe escrevo; mas sei que ella está morta por fazer as pazes commigo.

—Bom seria que estivessem feitas—disse respectivamente o padre.

—E' verdade; mas que queres? orgulho de parte parte... E sabes tu porque despresei minha irmã?

—Nunca v. ex.<sup>a</sup> me deu a honra de m'o revelar.

—Pois eu t'o direi, quando voltares. Foi um caso de honra, que os de Miranda não costumam castigar. Lá teem em casa uma irmã do pai, que fugiu do mosteiro de Lorvão, e deu escandalo. Lá a teem... e não põem crepe nas pedras d'armas... E vinha cá D. Sueiro vituperar-me porque eu não mandava matar Casimiro!... Olha quem!... Se eu tivesse tantos santos a pedir por mim, como de vezes me tenho arrependido de lhe dar a minha morgada!... Forte brutalidade!... Cegaram-me as vaidades de reatar as duas casas dos mais antigos ricos-homens da Beira e Traz-os-montes!... Emfim... o que eu não consinto é que da casa de Miranda vão matadores professos assassinar o marido de minha filha... São horas... Aqui tens um conto de réis eu ouro. Parte, João; e escreve a dizer o que se passa. Dá muitos

beijos na minha afillhada, e diz a minha filha... que lhe perdóo!

O vigario ajoelhou diante de Ruy de Nellas, e clamou:

—Deixe correr as minhas lagrimas de alegria sobre as suas mãos, meu nobre, meu virtuoso padrinho!

—Não fiques agora ahí a chorar, homem!—disse o velho, erguendo-o.—Aqui estou eu tambem...—proseguiu, enxugando os olhos—Vai, que são horas.

A aparição do vigario na saleta da cadeia foi saudada com um brado de alegria. Cercaram-n'o todos, e beijaram-n'o todos.

—Eu só dou beijos em creanças—disse elle em tremores de exultação.—Sr.<sup>a</sup> D. Christina, deixe-me dar á sua filha os beijos do avô.

—Fallou com o meu papá!—exclamou ella.—Está muito zangado contra o meu pobre Casimiro?

—Isso está, minha senhora! zangadissimo, feroz!

—Cuida que foi elle quem...?—E reteve-se, relanceando os olhos ao marido, que a observava.

—Não sei o que elle cuida...—volveu o padre—A ira do fidalgo subiu ao ponto culminante d'elle mandar ao sr. Casimiro um conto de réis para o custeio das suas despezas judiarias. É onde póde chegar a ferocia humana!

—O sr. Ruy perdoou-me?—perguntou Casimiro mais recolhido que expansivo.

—Se isto não é perdoar... A mim não me encaregou de lhe notificar o perdão; mas a sr.<sup>a</sup> D. Christina manda dizer que está perdoada. Aqui tem o dinheiro, que é ouro, e rasga-me a algibeira da sobretaina.

Christina fez um gesto, significando ao padre que entregasse o dinheiro ao marido; Casimiro fez outro gesto, indicando Ladislau.

—Então que resolvem?—disse o padre.

—Resolve minha mulher—disse Casimiro—que esse dinheiro passe ao poder do nosso mordomo, o sr. Ladislau Tiberio Militão de Villa Cova, em cujo cargo hemos por bem nomeal-o para lhe fazermos honra. Assim deve formular as suas nomeações quem tem, como eu, guarda de official á porta.

Ladislau, sorrindo, respondeu:

—A não servir de mais, deixem-me ser mordomo. Eu guardo o dinheiro, e darei contas.

Relatou o padre a sua chamada a Pinhel, e o sentir do fidalgo, com a promessa das cartas para Lisboa, caso o exito do processo fosse funesto em primeira instancia. Acrescentou que Ruy de Nellas tinha muita confiança no valimento de sua irmã, na capital, a sr.<sup>a</sup> condessa de Asinhoso.

—É a primeira vez que ouço fallar n'essa irmã do

sr. Ruy!—disse Casimiro.— Nunca me fallaste em tua tia, Christina!

—Porque a tinha esquecido—respondeu a senhora.—Eu e minhas irmãs mais novas ainda ha poucos annos soubemos que tinhamos em Lisboa uma tia. Ignoro as desintelligencias que se deram entre ella e o papá, muito antes de eu nascer. O certo é que em nossa casa nunca se fallou em tal tia, e deante do papá seria perigoso fallar. Muito me espanta agora que elle queira escrever-lhe! Vejo que meu pai está mudado!

—Sabe que desavença de familia foi essa, padre João?—perguntou Bettancourt.

--Não, senhor. Ninguem o sabe em Pinhel. Apenas sei que em Lisboa viveu desde menina a irmã do sr. Ruy de Nellas, em companhia de um grande fidalgo seu tio, e mais os dous irmãos filhos segundos. Tambem sei que estes irmãos lá morreram, e que a sr.<sup>a</sup> casou com o conde de Asinhoso. É o que eu sei d'um clerigo velho de Pinhel, que a viu em menina, e me disse ser ella vinte annos mais nova que o morgado. Deve hoje ter, portanto, a sr.<sup>a</sup> condessa quarenta e seis.

Sobre este incidente exauriu-se aqui a prática, em que Bettancourt, de condição scismadora em coisas mysteriosas, mostrava estar muito entretido.

O patrono de Casimiro, sabendo que o sogro do

seu cliente o protegia em Lisboa, e quasi seguro da condemnação do reu no tribunal conimbricense, enredou o processo de modo que, no caso de se provar o crime em jury, houvesse direito a pedir um recurso por nullidades, sem ser ouvido o tribunal da segunda instancia. A lei organisadora dos processos em Portugal, paiz de mais leis que tem o universo, é uma corda bamba que se presta a saltos maravilhosos sob o pé d'um habil volatim. «Vai o processo para Lisboa, dizia o jurisconsulto, e lá, se o braço fôr forte, os autos vem arremessados á cara do juiz, e o juiz dá alvará de soltura ao preso.»

Este salvador intento do causidico foi revelado a Casimiro, com grande alegria pelo vigario. E o preso respondeu:

—Não quero! diga-lhe que não quero. Há de ser a lei, sem coacção, sem torcedura, sem vexame de poderosos, que me destrancará aquellas portas. Mas que digam ser dolorosa a experiencia: não importa. Quero experimentar até que ponto um reu innocente pôde ser torturado. Hei de ir de condemnação em condemnação, até poder dizer: «Acuda-me a justiça divina, que a dos homens é infame!»

—Mas—atalhou o padre—se as provas são taes, que a lei tem de forçosamente o reconhecer criminoso?

—Não são tal! As provas permitem que as des-

trua o ardil d'um habil jurisconsulto. E' isto certo?

—E'.

—Pois bem: eu quero que a lei as aniquille, e não a trapaça; que este acto se cumpra á luz do sol, á luz de todas as consciencias, que me condemnam. Que faz que as influencias poderosas me libertem, se o mundo ha de dizer: «salvaram-n'o as influencias! o ferrete de homicida lá o tem na testa!» Não quero, sr. padre João! Agradeça ao compadecido patrono; mas avise-o de que eu serei no tribunal o interprete mais severo da lei contra mim.-

O advogado, quando tal ouviu, pasmou, e disse:

—E' um doudo maior da marca este homem! Creio que irá da cadeia para a enfermaria dos alienados!

E proseguiu:

—E' vergonha fazer-lhe eu uma pergunta, sr. padre João: Casimiro Bettancourt matou um homem e espancou o outro?

O padre não respondeu. E o advogado repetiu:

—Matou ou não?... Pois o senhor cala-se a esta pergunta?!

—Calo, sim, sr. doutor. Não posso responder.

—Está claro! Outro doudo!... Que esquisita familia é esta! Já fiz a mesma pergunta á mulher do

preso: silencio! Interroguei Ladislau Tiberio: silencio... O sr. padre João Ferreira...

—Silencio!—atalhou o vigario.

—Nem a mim, que sou seu advogado—tornou com azedume o doutor—ha uma pessoa que me diga: matou ou não!...

—Ha—disse um academico que entrava.

—E's tu?—perguntou o advogado a Guilherme Lira.

—Sou eu. Casimiro Bettancourt não matou. Tu vaes advogar a causa do homem mais honradô e innocente do mundo!

--Posso dar-te como testemunha, Lira?

—Da sua honra e innocencia? podes; mas não me cites, que eu... ouve-me... eu hei de tirar Casimiro da forca.

—Santo Deus!—exclamou o vigario, lavado de subito suor—Da forca! Pois é caso de sentença ultima!?

—Se a sentença ultima é inapplicavel n'este caso, —disse o advogado—não sei onde está no codigo penal o crime condigno! Mas não se falla aqui em forca... Pensemos...

—Não pensemos...—interrompeu Lira. Deixa correr o tempo que pensa por nós.

Padre João foi contar a Casimiro o que ouvira em casa do lettrado, citando o nome de Lira.

O academico recolheu-se, voltou a face, e o sentido, aparentemente, sobre outro assumpto, e disse em sua mente:

—Que intenta fazer aquelle desgraçado?

Pergunta que o leitor se digna fazer-me, e espera resposta.

#### XIV

### Episodio

O padre João Ferreira escrevia meudamente ao fidalgo de Pinhel, e o mesmo D. Christina, bem que muy de Nellas tão sómente respondesse ao padre, accusando a recepção das cartas da filha, com a incumbencia de dizer a Christina que lhe eram agradaveis as suas lettras. De Casimiro Bettancourt só dizia o necessario, attinente ao processo.

Entre o velho e D. Sueiro corria declarada inimicade. Já o de Miranda sabia que o seu sogro protegia Casimiro. Escrevera-lhe altivo reprovando amargamente a incongruencia do seu proceder. O de Pinhel respondeu que o marido de Christina padecia innocente, e D. Alexandre mentia imputando-lhe a morte do faccinoroso, de que elle villamente

se acompanhava. Replicou raivoso D. Sueiro, doestando o sogro, e ejaculando phrases de lacaio a proposito do lustre da sua raça, sujada por um parente, *posto que remoto garfo de seu tronco*. As palavras sublinhadas affrontaram agramente Ruy de Nellas! Este repto, quinientos annos antes, daria de si guerra a ferro e fogo entre os dois ricos-homens. Mas agora, n'este tempo de calmaria podre, em que as injurias se castigam na policia correccional com multa de dez tostões e custas do processo, Ruy de Nellas rebateu a provocação com outras não menos pungentes que certas injurias. E foi grão caso perguntar-lhe o velho se a madre Nazareth, fugida do mosteiro de Lorvão, em 1810, e agarrada por ordem regia nas encruzilhadas do inferno, e mettida no tronco para se depurar dos vicios, seria um garfo meritorio do tronco dos Parmas d'Eca, ao qual elle Ruy de Nellas se glorificava de ser estranho? Chegadas a tal extremo as insolencias, a reconciliação era impossivel, apesar mesmo das frias tentativas de D. Guiomar, que nunca fôra amorosa filha nem irmã.

As cartas do padre ao fidalgo aventavam como certo o mau resultado do pleito em Coimbra, e invocavam o patrocínio de Ruy para que em Lisboa o supremo tribunal ou o poder moderador dirimissem a sentença condemnatoria.

Teve Ruy de Nellas como acôrto escrever desde logo a sua irmã, convidando-a a esquecerem o passado, para ir assim predispondo-a a mais de vontade o servir. A condessa de Asinhoso respondeu com muito amor ao irmão, lastimando que elle recusasse a sua amizade tantas vezes, em diversos tempos, offerecida; e acrescentava: «Eu não podia odiar o «mano Ruy, que nenhuma parte tomou nos supplicios que me fizeram. Os algozes já estão na presença de Deus!»

—Ainda não está arrependida! . . . — disse entre si o fidalgo, relendo aquelle periodo—Mulheres! mulheres! . . . —acrescentou sacudindo a cabeça.

Estranhará o leitor que entre aqui mal cabido o episodio de umas aventuras de D. Eugenia de Nellas, condessa de Asinhoso. Conto, porém, com a sua attenção; e peço licença para me desvanecer de apontado em não me desviar da historia principal, sem ao depois me justificar do defeito.

D. Frederico de Paim e Lucena, tio materno de Ruy, vivia na capital, e muito no Paço, gozando as suas numerosas commendas, solteiro, septagenario, e abastado.

Corria por sua conta a educação palaciana de dois sobrinhos, Vasco e Gonçalo, irmãos de Ruy.

Eugenia, muito mais nova que seus irmãos, saiu tambem de Pinhel, aos doze annos, em 1806, para

ser educada em convento, visto que sua mãe tinha morrido, e sua cunhada a tratava asperamente.

Em 1811 saiu a menina do collegio para casa de seu tio. Era uns dezoito annos superabundantes de quantas graças feminis, raras vezes, a inspiração divina segreda aos creadores que dizem á tella ou ao marmore o seu *fiat lux*, e o marmore e a tella desentranham em Fornarinas de Raphael, em Colonnas como as de Angelo, em Venus como as de Praxiteles. D'estas, o artista, o que não é artista, o homem de coração e sêde do bello, diz «fél-as o cinzel ou o pincel dos anjos!»; de Eugenia diria o artista, o amador, o poeta, o moço ardente, o ancião esquecido de seus ardores, diriam todos: «é um bafejo de Deus, uma alma vestida das perfeições materiaes, privativas do céu, se no céu podem conceber-se formas corporeas!»

Foi Eugenia requestada por consideraveis senhores da côrte. D. Frederico respondia aos que sollicitavam sua mão: «Minha sobrinha é orphã de pai e mãe. Cazará á sua escolha. Entenda-se com ella quem houver de ser seu marido, que eu lavo as mãos d'ahi.»

Boa resposta; mas Eugenia repelia delicadamente os pretendentes, as maviosidades, e as soberbas feridas na resistencia.

Pois tão dotada e fadada para amar, Eugenia era

assim de refractaria condição ao bem supremo da vida? Dar-se-ha que o seu peito seja dentro de alabastro como se afigura no exterior?

Não; o mesmo amor de que a julgam inimiga é quem a encrueceu assim contra os aulicos, os ricos, os soberanos da galanteria d'aquelle tempo.

Amava Eugenia, e amava desatinadamente. O eleito de sua alma era um alferés de cavallaria, amavel de figura, composto de encantos; mas sem fóro grande nem pequeno, sem amigos das primeiras casas do reino, sem nome, que, ao menos, recordasse um general illustre, um lidador distincto das ultimas peijas grandes da patria com os estranhos. Um me-ro e simples alferes, pallido, só, melancolico, e timido debaixo dos olhos d'ella.

O palacio de D. Frederico de Paim era na rua de Santa Barbara. O alferes passava alli duas vezes em cada dia, e alguns dias duas vezes em cada hora.

E ella via-o sempre, esperava-o sempre, esperava-o até mais vezes do que o via. Gonçalo e Vasco viam-n'o tambem, e diziam:

—A assiduidade d'este homem!... Que cuidará elle, ou que cuidará nossa irmã!

Indagaram pela rama; e, em occasião opportuna, disseram a Eugenia:

—Olha que o militar que vés ahí passar, e procuraes vêr, é um biltre, que principiou soldado. Sirva-

te isto de governo, e lembra-te que és Eugenia de Nellas Gamboa de Barbedo.

A menina, se a revelação a envergonhasse, cõria; se o coração lhe doesse, empallideceria; ora, como nem cõrou nem empallideceu, é rasão presumir que o seu pudor e coração ficaram illesos; e, depois, concluir que ella, assim mesmo, amava-o sem pejo da baixaza d'elle nem vangloria de seus apellidos. Concluem assim, que teema maxima probabilidade de acêrto.

E o alferes continou a passar na rua de Santa Barbara, e a surgir no alto da collina da Penha de Franca, d'onde Eugenia do seu miradoiro o avistava.

D. Frederico, avisado pelos sobrinhos, disse que estava seguro do bom siso de Eugenia; mas, por cautela, na primavera de 1815, quando a menina já entrava nos seus vinte annos, foi passar seis mezes á sua quinta de Camarate.

—O remedio prudente é este—disse o velho aos sobrinhos.—Não façamos alarido, que ha casos de frageis avesinhas, espavorecidas por algazarras, romperem os arames da gaiola.

Quando isto foi, já o alferes se carteava com Eugenia, medeante a aia, que viera de Pinhel.

A passagem para Camarate aggravou a enfermidade. Convém saber que ha casos em que o amor, o mais sadio e rosado dos deuses, se chama «enfermi-

dade». Exemplo: amarem-se duas pessoas, divorciadas pelo acaso do nascimento ou da riqueza, é enfermidade; amarem-se, porém, um casal de ricos, de nobres, de ralé social, ou de mendicantes, isso sim é amor, que é saúde, e só pôde adoecer, n'uns, em hydropesia de tédio, n'outros, em resiccação de fome.

A quinta de Camarate era um arvoredo, que competia com o reinado de D. João III. Fôra plantado e alinhado por D. Mem Vasques de Lucena, sumilher de el-rei, e aio do Infante D. João, pai de D. Sebastião. Era memoria que aquellas arvores, ainda tenras, tinham visto os amores de D. João III com D. Izabel Moniz, moça da camara da rainha D. Leonor, amores que deram de si o príncipe, arcebispo de Braga, D. Duarte, que morreu na flor dos annos. Para alli diziam os Lucenas que o monarcha transferira a dama, odiosa á rainha.

Parecia, pois, que a folhagem do arvoredo estava romurejando uma chronica de reaes amores.

As fontes respondiam ás arvores, as aves ás fontes, as borboletas dialogavam com as flores, as flores traíam com a viração as borboletas: era tudo ali um suspirar, um ouvir-se muito interno harpas e còros, symphonias aereas, milhares de pronunciações confusas da terra, dizendo todas «amor»!

E para onde elles levaram Eugenia, que já còmsigo levava a saudade!—a saudade, verdugo que mata

acariciando, corda de estrangulação tecida com fios de ouro, segredo que Lucifer, ao despenhar-se, roubou do céu, e nunca mais restituiu!

Alli é que o amor pegou d'ella com violenta mão, sendo que até áquelle dia lhe fôra sempre mão cheia de meiguices e serenas esperanças.

Gonçalo e Vasco julgaram sua irmã segura, e ficaram por Lisboa, onde tinham seus affectos, e suas devassidões. O velho, contente com as suas arvores, e com a menina, que lhe ouvia a menos edificativa lenda de amores de D. Izabel Moniz, não saía de Camarate.

A' noite, assim que a briza esfriasse, D. Frederico digressava do jardim, dava um osculo em sua sobrinha, e fechava-se em seus aposentos.

Ora, depois ainda, a menina ficava, sentada no banco rustico, resguardada de sycomoros, aspirando as baunilhas, sacudindo as granulações das pimenteiras, ou devaneando pela via lactea fôra, de constellação em constellação, com os olhos lá, e o coração na terra, e na terra proxima, no muro da quinta por onde o alferes subia. E não se atemorizava dos plátanos gigantes nem das danças macabras, agitas pelo vento da alta noite!

Á uma hora rugia a folhagem debaixo dos seus pés nas ruas ladeadas de murtas; os molossos lambiam-lhe as mãos, sorvendo os latidos ferozes; as

avesinhas accôrdavam e saudavam-n'a ao passar; o rouxinol das sinceiras soltava as notas mais diletas; e ella ia á gruta conhecida, e esperava com a mão no seio como quem diz ao coração: «Espera, ditoso impaciente!»

Ao abrir d' manhã de 16 de agosto d'este anno de 1815, Eugenia ouviu quatro tiros nas cercanias da quinta, e tremeu, tremeu até cair de joelhos.

D'ahi a pouco estrondearam os argolões do portão da quinta. A aia entrou no quarto da menina e disse:

—Chegaram seus irmãos. O sr. Gonçalo vem ferido n'um braço: já foi chamar-se o cirurgião ao Lumiar.

Gonçalo e Vasco estrenoitaram o tio, e fecharam-se com elle. O que ahi disseram collige-se dos successos seguintes.

Durante o dia, Eugenia não viu seus irmãos nem tio. Sabia que se faziam preparativos de viagem. Mandou indagar dos caseiros o que seriam os tiros da madrugada. Ns caseiros tinham ouvido as detonações, e a estropeada de cavallos. Estaria morto o alferes?

—Matal-o-iam?—perguntava Eugenia á sua aia—e, depois, ousava perguntal-o a Deus.

Se ella podesse ouvir este dialogo dos irmãos...

—Chego a duvidar que as pistolas tivessem balas—dizia Gonçalo.

—Carreguei-as eu—affirmava Vasco.

—E foi-se a salvo!

—Quem sabe?!

—Não o viste correr sobre nós, e desfechar de perto, e retirar-se muito a passo? E depois não o avistaste a subir a charneca sobre o cavallo?

—Vi.

—Como queres tu que elle fosse ferido!?—retorquiu Gonçalo. Com meia pollegada á esquerda, o canalha mettia-me a bala na cintura—dizia elle levando a mão esquerda ao ante-braço direito. Eu é que estou ferido devéras... Não contavamos com isto, Vasco! O homem tem fibras!

Ao fim da tarde, saiu da cocheira uma caleça de jornada apposta á parelha de machos.

N'esta occasião foi chamada Eugenia á presença de seu tio, que mansamente lhe disse:

—Se tivesses pai ou mãe, mandar-te-ia para elles, sem te dizer a razão: tu a saberias de mais, e eu me pouparia á dor e pejo de repetil-a. Entrego-te a teus irmãos. D'elles te defendi alguma vez; agora estou desarmado pelo teu proceder. Disse de mais. Abi fóra está posta a caleça para conduzir-te a outra parte, segundo vontade de Vasco. Não vai Gonçalo, que está ferido da bala do homem que saltava os muros da minha quinta, com teu consentimento. Adeus, Eugenia.

D. Frederico entrou rapidamente no seu quarto, contiguo á sala, e fechou-se a chorar.

Vestiu-se Eugenia, soluçante, e cobrou animo, quando viu que a sua aia se preparava. Entraram ambas na caleça, aonde as seguiu Vasco. Chegaram de noite a Lisboa, e pararam á porta do palacio de D. Frederico.

Vasco mandou descer a aia de sua irmã, e disse-lhe

—Sobe; diz ao mordomo que te pague; e vai á tua vida.

—Onde vai ella!?!—gritou Eugenia.

—Não queremos gritos—atalhou o irmão—. Pica, bolieiro!

As mulas galoparam até entrarem á estrada do Beato Antonio, onde Vasco de Nellas cavalgou, adeantando-se.

A jornada de Eugenia durou dois dias e meio. Parou a carroça deante de um palacete velho, em Recaldim, no termo de Torres Novas. Era alli uma grossa commenda de D. Frederico, casa chamada da «Renda», habitada pelos Pains de Lucena, quando, desgostosos da destronisação de Affonso VI, se affastaram da cõrte.

Entrou Eugenia a um grande salão decorado como o deixaram seus avós, quando voltaram a Lisboa.

A tranzida menina sentiu frio e medo.

Surdiu-lhe logo, de sob a orla de um reposteiro de côr inqualificavel, uma creatura, ao que parecia, femal. Dirieis que uma cuvilheira dos Lucenas, adormecida em 1680, ao sairem seus amos, acordára, como Epimenides, cento e trinta annos depois, e estremunhada saira ao salão para vêr qual das fidalguinhas Pains estava a soluçar.

Eugenia encarou-a, e estremeceu.

Entrou a velha, fez trez mezururas, e disse:

—Guarde Deus a v. ex.ª

—Adeus—murmurou Eugenia.

—Emquanto não chegã as outras criadas—tornou a creatura com ares benignos—a fidalga queira mandar-me em seu serviço. Eu fui ama de leite de sua mãezinha, que foi casar a Pinhel.

Estas palavras reanimaram Eugenia, que se aproximou voluntariamente da velha, emquanto ella continuava:

—V. ex.ª é o retrato d'ella; já o sabia por m'o dizer o sr. Frederico; mas eu estou aqui ha quarenta annos desde que ella casou. Seu avô, o sr. D. Carlos de Lucena, mandou-me para Recaldim com ordenado e casa para a velhice. Já quiz botar-me por essa estrada fóra até Lisboa, só para vêr a filha da minha menina; mas a carga dos annos, oitenta bons, não se leva onde a gente quer. Fiquei agora attonita, quan-

do vi entrar o menino Vasco, e me disse: «Minha irmã vem aqui estar algum tempo. Amanhã chegam outras criadas, que ficam debaixo da sua vigilancia, e um criado lhe transmittirá as minhas ordens».

—O mano já saiu?—atalhou Eugenia.

—Chegou ás quatro, e saiu ás cinco horas da manhã. Admiro que v. ex.<sup>a</sup> o não encontrasse... Então é que foi pelo caminho de baixo.

Eugenia, n'um impeto de confiança, abraçou-se na velha, e exclamou:

—Por alma de minha mãe, vale-me?

—Se lhe valho, meu seraphim?! que quer v. ex.<sup>a</sup> da sua serva humilde?

—Queria escrever uma carta.

—O' menina, isso barato é de fazer; mas o rendeiro da commenda anda á cobrança, e levou a chave da sala, onde está o tinteiro e o papel.

—Pois nem um bocadinho de papel?!... Não tem um livro?...

—Livro tenho as minhas *Horas*, e o *Retiro Espiritual*.

—Deixa-me ver se ha lá uma lauda em branco?

—Acho que ha, Deus queira que haja.

O *Retiro* tinha a folha do ante-rosto surrada, mas susceptivel de receber caracteres. Eugenia desprezou um alfinete, picou o dedo indicador, apertou-o até bolhar sangue. Depois com a cabeça do alfinete embebida, escreveu:

*Estou em Recaldim, perto de Torres Novas, na commenda do tio. Aqui morrerei. Voltou-se com crescente vehemencia para a velha, e disse:*

—Dá-me um bocadinho de pão para eu fechar este bilhete?

—Sim, minha menina.

Mastigou o pão, fechou o bilhete, e sobrescriptou-o.

—E' agora?—tornou ella—O peor é agora...

—Que queria v. ex.<sup>a</sup>?!

—Quem me levasse este bilhete a Lisboa.

—A Lisboa? A menina não sabe o que é ir a Lisboa! São dois dias e meio de jornada, andando de noite duas horas.

—Não importa... Eu pago...

—Mas pagar a quem, meu anjinho do Senhor? Ora venha cá... isto é paixão?

—Paixão de morrer, minha amiga...

—Chame-me sua criada Brites. Paixão para bem ou para mal?

—Eu queria casar-me com elle; mas meus irmãos perseguem-nos.

—Eu logo vi que a vinda de v. ex.<sup>a</sup> era coisa de amor... O seu adonis não é fidalgo, pois não?

—Não é...

—Logo vi... É é pessoa de bom porte?

—E' um alferes de cavallaria, muito bom de coração, muito gentil, a minha paixão unica, o meu

disvelo de ha trez annos, a minha vida... e será a causa da minha morte.

—Coitadinha! Deus o fará melhor. Então quer a menina que elle saiba que a trouxeram para aqui?

—Sim, queria.

—Então, deixe estar, que eu de hoje até amanhã hei de cogitar no caso. Pediu-me isso por alma de sua mãe, e eu só se não puder de todo em todo. Quem ha de levar a cartinha, se as contas me não falham, ha de ser o cocheiro da caleça; mas o peor é não termos outro papel... Ora espere, que eu tenho alli uma sentença que me cá deixou um meu sobrinho, que andava a aprender a ler. Tinta arranja-se sem a menina furar os seus mimosos dedinhos. Com uma pouca de felugem da chaminé, e vinagre, faz-se tinta. Penna, vae-se tirar uma de gallinha, e com uma faca fazem-se-lhe os bicos.

A sr.<sup>a</sup> Brites em tanto tempo quanta era a anciedade de Eugenia, veio com tudo a ponto: meia folha de papel sellado do tempo de D. João V, uma tigella com a dissolução de fulugem em vinagre, uma penna de gallinha, e a faca mais afiada.

Eugenia, se se não uzasse o aparo das pennas, tel-o-ia inventado n'aquella occasião.

Estava tudo em ordem. Scrveu a sr.<sup>a</sup> Brites uma pitada de esturrinbo, e disse:

—Escreva lá v. ex.<sup>a</sup>

## XV

**Continuação**

D. Eugenia escreveu o que ditava Brites:

«Minha sobrinha. Logo que esta receberes, sem demora de tempo, vai tu mesma em pessoa pessoalmente. . . .»

—Onde é que ella ha de levar a carta? — perguntou Brites.

—Ao quartel de cavallaria a Alcantara.

—Escreva, meu serafim:

«Vai ao quartel de cavallaria a Alcantara, entrega o bilhete, que vai dentro d'esta, á pessoa que lá diz por fóra. . . .»

—Eu — interrompeu-se Brites atacada de modestia — não tenho muito geito para notar cartas; mas o que a gente quer é que nos entendam.

—Vai muito bem — disse Eugenia.

—Pois ponha lá:

«Toma conta que a não vás entregar a outra pessoa; e da resposta que houver escreve-me para Torres Novas. Sem mais enfado, trata d'isto como coisa de muita. . . de muita. . . .»

— Ponha lá a menina uma palavra, que diga... sim... que diga que é coisa de muita aquella.

— De muita consideração.

— Isso mesmo.

Eugenia sobrescriptou á sr.<sup>a</sup> Apollinaria dos Martyres, na calçada dos Barbadinhos, n.º 21 — quinto andar, á esquerda.

A irmã de Ruy de Nellas abraçou-se na ama de sua mãe, e clamou:

— Cuidei que estava mais desamparada. Ha almas boas em toda a parte, louvado seja o Altissimo!

— *Amen* — respondeu christãmente a sr. Brites, e foi á cosinha, onde o bolicheiro estava jantando para voltar com a caleça ao fim da tarde.

— Vocemecê faz-me o favor de entregar em Lisboa uma carta a minha sobrinha? Aqui vai o nome e a rua. Se lhe não custa... — disse a velha.

— Não me custa nada, tia Brites; mas dobre-me a porção do vinho.

— Ahí vai, homem Beba; mas não desatreme; nem me perca a minha cartinha

— Fique certa, que de hoje a trez dias por estas horas, já está na mão da dita supplicanta. Diz ella tudo pelo claro nas costas?

— Vai tudo pelo claro.

— Então, metta-m'a ahí no bolso da jaqueta, e carregue-me o copo.

Foi a carta entregue á sr.<sup>a</sup> Apollinaria, e o bilhete ao alferes de cavallaria, o qual, segundo veridicas informações da engommadeira da rua dos Barbadi-nhos, chorou, e vasou as algibeiras nas mãos tole-rantes da sr.<sup>a</sup> Apollinaria.

Escreveu o alferes uma longa carta a D. Eugenia. Principiava contando a descarga de dois tiros inúteis que lhe deram. Disse não conhecer as pessoas, que lhe atiraram, por virem rebugadas, e estar ainda a limpar a manhã. Contou que o não feriram; mas suppunha elle ter sido mais certo na pontaria. Acrescentava que ia ser removido para Bragança, por intriga e influencia dos irmãos de Eugenia; e declarava-se, a final, tão desgraçado e desprovido de recursos, que não podia ir arrebatá-la das mãos de sua cruel familia, sem desertar, e collocar-se na precisão de ir perecer de miseria com ella em reino estrangeiro. Pedia-lhe, em summa de tudo, animo, e esperanza.

Leu Eugenia a carta com profundo desgosto.

«Não me terá elle amor?!» — disse ella entre si.

Viu-a chorar a devotada Brites, e pediu-lhe o fa-vor de lhe lêr a carta. Quiz ouvi-la segunda e ter-ceira vez. Consolidou as suas convicções com uma pitada, e disse:

—Esse rapaz, quem quer que elle seja, tem tino na cabeça, e pensa bem. A menina por que chora?

—Nem sequer falla em vir ver-me! . . .

—Pois se o pobre homem vai de marcha lá para cascos de rolhas, como quer a fidalga que elle deserte ás bandeiras, e venha aqui? E depois? que seria d'elle? e a sorte da minha flor do céu era muito melhor!?

Podéram muito com D. Eugenia as razões de Brites, e mais ainda a promessa de tomar a velha á sua conta a correspondencia segura entre Bragança e Torres Novas.

Era chegado o momento de uma confidencia, que tem sido o balsamo de piedade em coração de pais lacerados pela ira e pela deshonra: não será muito que o leitor, invocado a julgar O BEM E O MAL d'esta serie de biographias, dê sua piedade á desventura culpada, assim como tem dado suas benções á virtude sem nodoa. Ha crimes repulsivos; o engenho mais abalisado, a philosophia mais bem fingida, sob capa de verdade, tenta em balde mover-nos á compaixão do delinquente, em quanto o retalhar do remorso não fez delir com lagrimas o systema que a moral lhe assignalou: outros crimes, porém, são de si, e por vontade divina, sympathicos não direi; mas, se a ré se pranteia, e se olha em seu seio, e exclama: «O' meu Deus! hei de eu espedaçar em respeito ao mundo este filho, que é o meu amor e o meu opprobio? . . . hei de eu abafar o grito da

minha consciencia e coração, para que o mundo me veja um rosto limpo, um rosto lavado no sangue do meu filho?...», —quando a mulher assim falla a Deus, a misericordia divina dá-lhe um anteparo contra as injurias do mundo; e o mundo, se lhe adivinha as dores, e o mimo d'aquella paixão, á qual só falta um sacramento para ser santa, o mundo perdoalhe, embora a repulse do contracto das almas candidas, das suas filhas, das suas esposas, das suas irmãs, que Deus permitta não humilhem com maiores despresos a desgraçada que é mãe.

E', pois, chegado o momento da confidencia. Quem a recebe é a consternada velha, que vira nascer a mãe d'aquella menina. Até áquelle momento, Brites estivera longe de imaginar um erro n'aquelles amores; julgava-os na sua maxima pureza. Descem lagrimas nas rugas dos oitenta annos, lagrimas de bom agoiro, que deixam mais livre o accesso á piedade. Eugenia cuida que o revelar-se aos irmãos lhe dará um esposo, lhe será redempção da ignominia.

—Não, minha infeliz senhora, não! — exclama a velha.

E conta-lhe trez identicas e desventurosas historias que ella presenciou em sessenta annos de serviço n'aquella familia: trez mulheres sepultadas em conventos, onde nunca entrou raio de contricção nem conforto.

O alferes sabe em Bragança as agonias de Eugenia, e sente n'alma o estilete excruciante da expiação. Nenhuma morte sustenta o parallelo com as flagellações de seis mezes, soffridas a tantas leguas de distancia.

Eugenia recebe o ar e a luz pela janella do seu quarto unicamente. Teme-se da observação das criadas, que lhe espiam os passos, sem suspeitarem de Brites. A velhinha tudo provê e prevê; mas, a intervallos, quer morrer, antevendo as agonias da hora improrogavel, da hora em que o grito de afflicção rompe atravez das mãos da vergonha, que tentam suffocal-o. Era no mez de dezembro de 1816.

O alferes lançou-se aos pés do general da provincia de Traz-os-montes, que demorava em Bragança n'essa occasião. Abre-lhe sua alma, em torrentes de pranto. O velho general chora, e diz;

—Tenho rigorosas recommendações a seu respeito; mas vá: peça-me licença para ir ver sua familia. Dou-lh'a por quinze dias. Vá, embora eu tenha de soffrer.

O alferes vestiu habitos paisanos e desceu a Torres Novas. Alli, vestiu-se de mendigo, simulou uma paralisia de braços, e pediu gasalhado em Recaldim. Trocou ligeiras palavras com Brites, e não viu Eugenia. Voltou á albergaria do commendador algumas noites. Os criados contemplavam-n'o, e diziam:

—Tão novo, e tollido de braços!

As criadas acrescentavam:

—E não havia de ser feio!

Na noite de quinze de janeiro, por volta de onze horas, abriu-se a porta da albergaria, e entrou Brites com a face alagada de suor e lagrimas. O alferes formou entre os braços com as dobras da capa de mendigo uma caminha de farrapos, recebeu um menino, e saiu. A duzentos passos estava o leal camarada do official, com um cavallo á redea. O alferes cavalgou, o auxiliar saltou á anca do cavallo, e partiram.

Em Torres Novas alimentaram o recém-nascido. Proseguiram até Santarem, onde foi baptisado sete dias depois. Ali veio uma ama do Cartaxo, e o levou comsigo.

Estava a expirar a licença. O alferes entrou no quartel, á ultima hora, e beijou as mãos do general, dizendo:

—Dei-lhe o nome de v. ex.<sup>a</sup> Ahi me fica a memoria da sua commiseração, general!

.....

D. Eugenia de Nellas, dous mezes depois d'estes successos, recebia uma carta de seu irmão Vasco, participando-lhe que ia casar com uma titular brasileira, agraciada pelo sr. D. João VI, e convidava sua irmã a acompanhal-o á côrte do Rio de Janeiro.

D. Eugenia respondeu que queria viver e morrer no seu desterro de Recaldim.

« Bem sei—replicou Vasco—bem sei...—Brevemente, se quizeres salvar o amante, mudarás de «resolução.»

Decorreram alguns mezes. Instaura-se processo a Gomes Freire de Andrade. São presos os cúmplices da conspiração, e os suspeitos cúmplices. O alferes é chamado a Lisboa, e recolhido ao castello de S. Jorge, como indiciado nos planos subversivos do general Freire de Andrade. São os Lucenas que tramam a bem agourada perdição do alferes.

Eugenia é avisada do encerramento do alferes. A faca apontada ao peito da timida senhora é um dilemma: se ella persiste em ficar, o alferes morrerá; se vai para o Brazil, o reu será absolvido.

Eugenia vai para o Brazil, e o alferes sem saber porque o accusam, nem porque o absolvem, sai do castello, e entra nas fileiras.

Ruy de Nellas, acantoadado sempre no seu solar de Pinhel, recebêra a infausta nova da queda de sua irmã. Respondendo a Vasco, disse: « Não tenho irmã: «nunca mais me fallem n'essa mulher. Fizeram bem «não me dizer o nome do insultador de nossa familia, se é que elle tem nome.

Saltemos a 1820. D. Eugenia é o assombro dos

salões do Rio de Janeiro. Reviçam-lhe todas as graças; a da melancolia realça lh'as, melancolia que dava a entender que o anjo, lembrado do ceu, tinha saudades.

Vasco é-lhe odioso A casa do irmão atormenta-a como um ergastulo. Perdeu esperanças de voltar á patria, e aspira a ver no ceu o esposo de sua alma.

De repente, como que as esperanças lhe morrem, e a querida dos fidalgos brazilienses desce os olhos sobre a terra.

Vé um conde que fôra de Portugal, com o príncipe regente, e a requesta de joelhos. E vai ella, levanta com a sua mão o homem que ha de resgatal-a do dominio do irmão, e sai, condessa de Asinhoso, da casa abominada.

No redemoinho das festas, a condessa parece estar sempre em contemplação d'um tumulto. E o marido mais a adora assim; e ella, de lhe ver o amor atravez das lagrimas, enxuga-lh'as, e pede a Deus um novo coração para seu marido.

Nunca mais seus labios responderam a Vasco; e, ao terceiro dia de casada, disse ao conde:

—Meu amigo, a presença de meu irmão n'esta casa é como a do algoz da minha felicidade, e da tua, se posso dar-t'a.

O conde de Asinhoso ouvia sua mulher, e obedecia com jubilosa escravidão.

Gonçalo de Nellas havia morrido em 1819, D. Frederico Paim de Lucena morreu em 1820, legando os seus bens ao sobrinho vivo; Vasco, em viagem para a patria, morreu de febres.

A condessa enviuvou em 1833. Cuidou em liquidar os seus copiosos haveres, e voltar a Portugal.

Uma delirante esperança vinha com ella, Rica, livre, com a alma inteira no seu passado amor!

Desembarcou em Lisboa por junho de 1834. Reinava D. Pedro IV.

Mandou indagar do alferes de 1817 aos seus camaradas anteriores á scisão politica. Responderam-lhe que tinha morrido na guerra.

Ergueu ella então as mãos, e disse:

-- Ó meu Deus: merecia eu tamanho castigo?!

Mandou ainda perguntar por um filho do militar que morrêra. Ninguém deu novas de tal filho. O espirito publico batia as azas ainda no ambiente de fogo, e ninguem curava de saber onde podia existir o filho d'um official, que morrêra rebelde.

Foi então que a condessa de Asinhoso, aterrada da sua soledade, escreveu a Ruy de Nellas, pedindo-lhe a sua estima, e uma filha, que lhe fosse companhia. O irmão não lhe respondeu.

Esta é a historia triste da senhora, cujo valimento Ruy de Nellas vai pedir a favor de seu genro.

Qual é o valimento da condessa em Lisboa? É o prestigio da riqueza, e da belleza ainda.

Quarenta e seis annos, com trinta de amarguras, e ainda formosa! É que ha mulheres de tamanha alma, que primeiro o fel da desgraça ha-de enchela antes que o corpo se alquebre.

Das masmorras de 1793 saiam formosissimas mulheres para a guilhotina.

A mulher de Luiz XVI tinha pequena alma, sobnára vinganças mesquinhas, e por isso lhe encaneceram os cabellos n'uma hora.

Madame Roland, a scismadora de revoluções uteis, ia formosa no seu carro de morte.

Carlota Corday illuminou-se de formosura mystica ao ver-se espelhada no aço do alfange.

## XVI

### **O julgamento**

Ao cabo de cincoenta dias estava o processo prompto para entrar em julgamento. Dominava em Coimbra a opinião de ser inevitavelmente condemnado Casimiro de Bettancourt. A innocencia, que algumas

peçoas apregoavam, era em geral recebida a riso, como um paradoxo.

A alma de Christina confrangia-se, e os labios sorriam ainda. Era ella só quem ainda simulava esperança; mas que supplicios surdos lhe custava a dissimulação!

Ladislau e o vigario em vão queriam imital-a. A sua tristeza era como as trevas do cego que não se alluniam ao tremer convulso das palpebras. Queriam esperar-se, e de toda a parte lhes soava como irremediavel a sentença. Rosnava-se em compra de jurados: não era preciso arguir ao suborno a condemnação. Casimiro estava sem defeza: o seu silencio impressionava favoravelmente as almas distinctas; o vulgacho, porém, que havia de julgar das provas, daria importancia nulla á mudez do reu. Os protectores de D. Alexandre eram os mais graudós fidalgos de Coimbra e cercanias. Por Casimiro Bettancourt ninguem pedia. O padre e o cunhado reduziam-se a promover o andamento rapido do processo, pagando liberalmente as despesas e actividade do procurador. Isto era bastante; mas faltava muito.

Ruy de Nellas affligia-se a cada nova carta desanimadora que recebia; entretanto, a solução favoravel em Lisboa era um respiradouro para elle e para os poucos amigos do preso.

Designado o dia do julgamento, o pai de Christina

escreveu a sua irmã, contando-lhe os pormenores do casamento da filha, as desventuras do genro, a sua innocencia no crime assacado, a indefesa pertinaz em que elle se pozera, o mysterio do homicidio, a certeza de que o silencio de Casimiro Bettancourt era um heroismo de honra, talvez novo. Rematava pedindo á condessa de Azinhoso que patrocinasse em Lisboa sua sobrinha, que era mãe, e esposa extrema-mosa.

Na antevespera da audiencia, travaram desordem uma malta de academicos rixosos com as patrulhas nocturnas. Alguns estudantes retiraram feridos, e invocaram Guilherme Lira, em nome da honra academica. O chefe da Sociedade da Manta respondeu que, n'uma das proximas noites, seria vingada a academia.

No dia immediato, entrou Guilherme no escriptorio de um tabellião, e pediu meia folha de papel sellado. Assignou-se no fundo da lauda, e fez que o notario lhe reconhecesse a assignatura.

Recolheu a casa, e deteve-se algum espaço, escrevendo no branco da folha assignada e reconhecida. Fechou em forma de officio, lacrou, e escreveu algumas palavras no envolucro. Depois fez algumas cartas: uma sobrescriptada a D. Joaquina Soares de Lira sua mãe, residente em Evora; outra a sua irmã, casada em Extremoz; e ainda uma terceira brevissi-

ma, dirigida a uma senhora, que tinha o segredo da ferocidade d'aquelle homem. Terminava assim: «Não te cito para o ceu nem para o inferno. Chamo-te deante do teu proprio remorso. Viste-me um anjo aos dezoito annos; e fizeste de mim isto que sou. Não te accuso: lá tens dentro d'alma o teu algoz. E' tempo de acabar.»

Deitou as cartas na caixa postal, e foi á cadeia, segundo o seu costume quotidiano, ver Casimiro. Eram quatro horas da tarde. Estava o jantar na meza. Guilherme sentou-se ao lado de Christina, e comeu com appetencia. De uma vez inclinou-se ao ouvido da senhora e disse-lhe:

— Amanhã já v. ex.<sup>a</sup> janta em casa com seu marido.

Christina soltou um brado de alegria.

— Que é?! — inquiriram todos.

Guilherme fitou-a, e descaiu as palpebras.

Era impor-lhe silencio, e ella abafou a revellação, que lhe crispava nervosamente os labios, e arquejava o seio.

Esperaram, breve tempo, a resposta com anciedade. Christina fitou os olhos supplicantes no academico, e elle, erguendo-se, disse:

— Póde fallar, minha senhora, d'aqui a instantes.

E abraçou Casimiro, beijando-o nas faces ambas;

abraçou Christina; osculando-lhe a fronte; apertou affectuosamente as mãos de Peregrina, Ladislau, e o padre João; affagou as duas creancinhas, e saiu de golpe.

Casimiro chamou-o com vehemencia, e elle não voltou.

Referiu Christina o que lhe ouvira. Casimiro concentrou-se, pensou alguns minutos, e disse:

—Não mentiu. Amanhã jantaremos em liberdade.

Pediram-lhe o sentido das palavras do academico. Bettancourt respondeu:

—Amanhã.

Notaram todos que a tarde e noite d'aquelle dia foram as mais tristes horas de Casimiro na sua prisão de dois mezes. E contudo, Christina escondia o seu contentamento.

Eram dez horas da noite, quando Casimiro ouviu grande grita e o estrondo de alguns tiros. Estava já sósinho, passeiando febrilmente na saleta, e disse entre si:

—E agora.

O alarido e o tiroteio continuaram.

Colou o ouvido ás portadas da janella, e ouviu dizer na rua:

—Mataram o Lira.

Meia hora depois recaiu tudo em silencio quebrado pelas passadas das patrulhas em tresdobro. E

o carcereiro bateu de manso á porta de Casimiro, e disse:

—Dorme?

—Não. Póde entrar.

—Venho contar-lhe o que vai. O seu amigo Lira espancou as patrulhas, que encontrou desde o Bairro Alto até á rua do Coruche. A Sociedade da Manta appareceu em armas, atacou o reforço, que saiu do quartel. Quando ia retirandò para o monte Arroio a estudantada, debaixo de fogo, o Lira ficou atraz, sem arma nenhuma, a não ser o vörapau de choupa que mettia ao peito dos soldados. Tinha elle recuado até ás grades de Santa Cruz, quando caiu morto com uma bala atravessado de fonte a fonte. Meu filho vem de o observar. Faz dó vér um homem tão valente assim morto como se mata qualquer poltrão!...

—Obrigado á sua noticia.

—O sr. ficou triste deveras!—tornou o carcereiro. Tem rasão que elle era seu amigo d'uma vez!... Boas noutes, sr. Bettancourt. Amanhã é o dia da grande batalha Espero em Deus que...

O carcereiro tão certo estava da condemnação, que não ousou mesmo concluir a phrase da esperança em Deus.

Mal se abriram as portas da cadeia, entraram Christina e os amigos a contarem o successo. A jus-

tiça la tomar conta do espolio do morto. Coimbra estava agitada de terror. Recciava-se grande lucta da academia com a tropa no acto do enterro de Guilherme. Suppunha o padre que se não abrisse o tribunal, para obviar o azo da desordem. Contou Ladislau que o estudante, na vespera, tiuha ido reconhecer a sua assignatura a um tabellião. Christina, que tudo sabia, esperava que seu marido fosse salvo por alguma declaração de Guilherme. Eram, porém, nove horas, e não apparecia alvará de soltura, nem contra-ordem de julgamento.

Às dez horas, chegou o official do juizo para acompanhar o reu ao tribunal.

Logo á saida do carcere, ouviu Casimiro dizer:

—É preciso ir acabando com os assassinos. Um já lá vai; este não tarda; os outros hão de ir, quando lhes chegar a vez.

Quem tão sisudamente discreteava era o cidadão honesto da Couraça dos Apostolos, em cuja cabeça Guilherme deixára um signal inutil para a morigeação da pessoa.

Sentou-se Casimiro no banco dos reus, Christina, Peregrina, o padre e Ladislau ficaram fóra da teia. D. Alexandre de Aguilar, como parte, sentára-se entre o seu advogado e o representante do ministerio publico. Na acareação de author e reu, perguntando

o primeiro se reconhecia em Casimiro Bettancourt o sujeito que o espancára, o fidalgo respondeu:

—Não podia ser outro.

— Pergunto a v. ex.<sup>a</sup> se é aquelle, e não se podia ser outro—replicou o juiz.

—É aquelle.

Sairam a depôr as testemunhas da accusação. Eram concordes em dizer que viram entrar em casa do reu o sujeito que matára um homem, e deixára o outro estendido. Recordaram todos as precedentes aggressões que o reu fizera contra o author, já no botiquim da rua Larga, já na Ponte. O cidadão honesto sobreexcedeu a má vontade das demais testemunhas, dizendo que o reu era sujeito de tão maus costumes, que roubára uma filha a um fidalgo seu bemfeitor, e com a filha roubára as joias da familia.

—Esse infame está a mentir!—exclamou Christina.

Casimiro voltou-se para o lado onde estava sua mulher, encarou-a fito, com severo olhar.

O juiz disse:

—A senhora não póde aqui fallar.

—O que ella diz não se escreve—acrescentou a faceta testemunha, sorrindo do alto da sua probidade.

—Querello da testemunha — disse o advogado do reu.

—Eu não querello da testemunha—emendou Casimiro.

—Em tempo competente resolverão—admoestou o juiz.

Convergiram todos os olhares sobre Casimiro.

Um dos jurados disse:

—Eu já não condemno aquelle homem!

—Porque?!—perguntou o visinho.

—Aquelle homem está innocente ou é doudo.

—Qual doudo? aquillo é um grande sarcista! Elle não querella da testemunha, porque sabe que roubou as joias.

Terminou o depoimento da accusação por parte do author e do ministerio publico.

Esperava-se testemunhas de defeza: o escrivão disse que não estavam inscriptas nenhuma.

—É doudo ou não?—disse o jurado bem intencionado.

—Qual doudo? replicou o outro—E' tão patife que não tem quem o defenda.

la levantar-se o patrono de D. Alexandre, quando o administrador do concelho entrou na sala do tribunal, e entregou ao advogado do reu uma carta em fórma de officio. O orador, que já tinha dito: «Srs. jurados!» suspendeu-se.

O patrono do reu leu uma meia folha de papel, e disse, em pé, com os cabellos hirtos:

—Sr. doutor juiz de direito, v. ex.<sup>a</sup> dirá se o debate deve continuar, depois de ler a declaração que remetto á consideração de v. ex.<sup>a</sup>

Machinalmente ergueram-se todos, auditorio, e jurados.

O juiz leu mentalmente, e passou o papel ao delegado. Trocaram breves palavras, e deram ao official de justiça o papel.

—Leia o sr. advogado do réu—disse o juiz—Eu por mim entendo que terminou o debate.

—Sou de igual parecer! —ajuntou o ministerio publico.

O advogado de Casimiro, limpando as camarinhas do suor, leu com voz trememente de alegria e commoção d'alma:

«Declaro eu, Guilherme de Noronha e Lira, estudante do 5.º anno de direito, que fui eu quem matou, na noite de 16 de janeiro do corrente anno de 1840, um criado de D. Alexandre de Aguiar, e empreguei os meios de matar tambem o amo. Não tinha contra algum d'elles motivo de odio pessoal; mas, como inimigo jurado de poltrões covardes, e sabendo eu que elles espreitavam ensejo de matar Casimiro de Bettancourt, mancebo tão honrado como valente, protestei livral-o de tão miseraveis inimigos, atacando-os sósinho e sem mais arma que um pau de choupa, no momento em que elles tinham

«arrombado a porta de Casimiro para o irem matar  
«entre sua mulher e sua filhinha d'um anno. Declaro  
«mais que fui eu quem afugentou a companhia, pos-  
«tada às portas de Casimiro, na intenção de o arran-  
«car às garras da justiça; mas o meu amigo não quiz  
«fugir, assegurando-me que se havia de salvar sem  
«pôr em risco a minha segurança. E por tanto, resol-  
«vido a acabar com a vida, poucas horas antes de  
«me deixar matar, faço esta declaração, e peço a Ca-  
«simiro Bettancourt perdão de o ter infelicitado,  
«quando cuidava que o beneficiava com o meu zêlo  
«guardador da sua preciosa vida. Peço tambem per-  
«dão da inexplicavel fraqueza que me tolheu de eu  
«ter feito esta declaração desde o momento que o  
«meu amigo entrou no carcere. Eu sei que elle me  
«perdoou; mas volto as minhas supplicas para a es-  
«posa attribulada, que tantas vezes, com um sorriso  
«de amiga, devia execrar o causador das suas cala-  
«midades! Faço esta declaração debaixo dos olhos de  
«Deus, e juro pela virtude de minha mãe que é ver-  
«dade o que digo, e será infame quem me não acre-  
«ditar. Coimbra 19 de março de 1840. *Guilherme de  
Noronha e Lira.*»

D. Christina perdêra o alento nos braços de Peregrina. Muitos academicos romperam de salto a teia, e vieram parar no meio da sala. O advogado do reu, esquecido das praxes, foi abraçar o cliente, que pa-

recia dar levemente conta da agitação do auditorio, e applicava o ouvido aos soluços da esp. sa. Os jurados limpavam as lagrimas, excepto um que tinha recebido uns vinte mil réis de D. Alexandre. O fidalgo-author acachapara-se de modo, que parecia querer sumir-se debaixo da meza. O seu advogado lia a declaração, e carecia de coragem para impugnar-lhe a validade. O juiz dizia ao delegado:

—Devíamos esperar isto, ou coisa semelhante. Este homem, sem provar nada, tinha provado a sua innocencia.

E o delegado confirmava:

—Eu espero a minha vez de abraçal-o!

O cidadão honesto da Couraça dos Apostolos ia a sair, quando Casimiro, que parecia absorto, disse:

--Sr. juiz, peço a v. ex.<sup>a</sup> a graça de ordenar áquella testemunha que se demore um instante.

—Quer querellar!—bradou o patrono.

--Não quero querellar—acudiu Casimiro, desabotoando uma carteira, d'onde tirou um papel, e acrescentou:

—Disse a testemunha que eu roubára as joias da familia de minha mulher. A testemunha faltou á verdade. Peço licença para ler, e offerecer ao exame das pessoas, que me escutam, a seguinte declaração de meu sogro: «Ruy de Nellas Gamboa de Barbedo, de Pinhel, declaro que minha filha Christina Ellsaria

não subtraíu de minha casa valor algum, nem os seus próprios vestidos e addresses, quando fugiu para casar com Casimiro Bettancourt. E por isto ser verdade, mui espontaneamente, e com juramento aos Santos Evangelhos o declaro agora e sempre. Pinhel 22 de abril de 1839. *Ruy de Nellas, etc.* »

—Meu sogro está vivo para confirmar esta declaração.

—Confirmo!—bradou uma voz d'entre as turbas comprimidas na teia. E logo um gentil anção de veneraveis cans, e nobre aspecto, com as faces arregoadas de lagrimas, entrou na clareira que a multidão lhe abria, e chegou á beira de Casimiro, e repetiu com a voz quebrada de soluços:

—Confirmo! confirmo! honrado moço, meu filho amado!

E abraçou-se n'elle, e logo na filha, que se lhe lançou aos pés, e em Ladislau e no padre, e na irmã, e em todos quantos vinham com olhos húmidos, por que alli quantos choravam, e choravam todos, elle adoptava como amigos, como quinhoeiros da sua alegria!

Que momentos aquelles! Aquelle jubilo febril não matou, porque era santo, porque a Providencia divina se comprazia em contemplal o!

## XVII

**Contrastes**

la turbulenta a comitiva, que seguiu até casa de Battencourt. A faísca electrica do entusiasmo, recebida nos lances do tribunal, conflagrou animos juvenis, em bellicoso arrebatamento contra a policia e tropa; por maneira que as duas familias levavam um prestito de centenaes de mancebos, urrando vivas á academia, e morras aos futricas e aos soldados. Casimiro parou algumas vezes no intuito de arengar aos moços; porém, a cada palavra conciliadora, respondia o fremir de muitas vozes, a pedirem sangue e vingança!

—Parecem-me canibaes!—dizia Ruy de Nellas ao vigario. Esta rapaziada não tem quem a governe!? Pobres pais e mães!

Conseguiram entrar em casa, e accomodar os pequenitos, que vinham chorando de medrosos da voveria, Mafalda nos braços do avô, e o filho de Ladislau nos do padre João.

Casimiro saiu á janella a dizer expressões de re-

conhecimento, que a turba desattendia, clamando sempre por vingança, e pedindo ao academico que tomasse o commando dos estudantes para vingar a morte do valente, que o defendêra a elle.

Por entre os amotinados circulavam pessoas de respeito, pacificando os animos, ou enganando-os para mais azado lanço. A custo, porém, se dispersaram, compromettidos a reunirem-se no saimento de Guilherme Lira.

Aquietou-se a rua.

O velho sentou-se entre a filha e o genro, lançando-lhes os braços em volta do pescoço. Alegrementemente conversou, ora queixando-se de o não terem muitas vezes importunado com rogos de perdão, ora promettendo-lhes em redobro a amisade, que lhes não dêra mais cedo.

—Nada de Coimbra—dizia elle a Bettancourt. Vamos para Pinhel, que tu não tens necessidade de ser official com tanto trabalho. A legitima de tua mulher vai augmentando, sou eu que a tomo a juro; e, em quanto eu viver, estareis em casa, sem dispender do vosso. E' preciso pagarem-se as dividas de dinheiro, que as de amor nunca se pagam. Este Ladislau é um grande moço, é o pai no rosto e no coração. Este padre João sei eu bem o que elle é: creou-se debaixo das minhas telhas, e ha de vir a ser bispo, se a virtude é qualidade para ser bispo.

Em quanto á cachorra da Peregrina, esta, se não fosse do Ladislau, havia de casar commigo, que está guapa, esbelta, e uma perfeita dama. Vocês riem-se? Talvez pensem que se eu quizesse dar madras-ta á minha Christina, andaria muito tempo a farejar nas boas familias da provincia!... Ora agora, tu, Casimiro, deixa-te de mathematicas, faz-te lavrador, toma á tua conta os caseiros da nossa casa, melhora-me os bens livres quanto pudéres, bemfeitorias e mais bemfeitorias nos prazos de nomeação, que eu quero deixar o menos que possa ser ao D. Sueiro, áquelle vil enroupado em habitos fidalgos. São uns lacaios todos, desde o morgado até D. Alexandre, e a minha Guiomar lá se fez com elles, que nem já se dignou escrever-me no dia dos meus annos! Deixa-a commigo... Vamos a saber, vocês não jantam? O contentamento é uma boa iguaria; mas sempre vejam se me guizam o contentamento com umas batatas, e umas fatias de presunto. Vocês comem o contentamento, e eu o resto.

Saiu Ladislau a tomar o jantar no Paço do Conde, visto que em casa ninguem atinava a saber onde estavam as panellas.

Entretanto, continuou o infatigavel fidalgo:

—Vou logo escrever a minha irmã, a contar-lhe o sucedido. Tenho vontade de a vér! não queria o orrer sem a vér! Foi para Lisboa aos treze annos:

era um lírio de brancura, e galanteria. Nunca mais a vi... Velha não póde estar, que eu levo-lhe vinte annos de vantagem... Bella vantagem, não tem duvida!... Talvez a convide a vir passar commosco em Pinhel alguma temporada; mas ella sae lá de Lisboa! Disse-me um deputado que a condessa vive lá no ultimo fausto, e é visitada por tudo que tem um nome grande na aristocracia e na politica. Será ella constitucional? Isso lá me custa; mas, em fim, o marido era-o; e justo é que ella herde as convicções de quem herdou seiscentos mil cruzados em dinheiro, que os vinculos foram a quem tocaram. Fez uma asneira minha irmã em enviuar sem filhos.

Ninguém lhe cortava a jovial parlenda ao velho, até que chegou Ladislau com dous moços carregados de vitualhas. A' excepção de Ruy de Nellas, os convivas debicaram levemente nas iguarias. Casimiro comêra regularmente no dia em que fôra preso; e, solto, entretinha-se em repartir o prato entre os pequenos. Não parecia ter a satisfação da alma, que lhe tornava fastidioso o alimento; pelo contrario, revia-lhe o semblante uma extraordinaria melancolia.

E' que o moço via deante de si continuamente a imagem de Guilherme, que, vinte e quatro horas antes, tinha dito a Christina: «A'manhã já v. ex.<sup>a</sup> janta em casa com seu marido.» E abstinha-se de

revelar a sua magua para não compungir a esposa e amigos, que tão alegres estavam, e perdoavelmente esquecidos do commensal do dia anterior, áquella hora amortalhado!

Era já proposito de Casimiro sair da Universidade, e ir buscar sua vida em qualquer parte ou mister. Aquelle anno era o segundo já perdido. Entrou-se da certeza que a desgraça lhe atravaçava o caminho das sciencias. E elle amava o estudo, delectava-se nas asperidões da mathematica, e ia desatar-se para sempre, e saudosissimo, dos seus livros, das suas oito horas de estudo, da sua banquetta de pinho pintada, e de toda aquella pobreza limpa, que as mãos de sua mulher transformava em jaspes, mognos, razes e ouro.

O convite de ir para Pinhel, com o sogro, seu amigo, entrar no goso das honras da illustre familia, ostentar a benemerencia da sua probidade, regendo a avultada casa, vingar-se assim pacificamente dos de Miranda, nenhum d'estes incitamentos lhe descontava nas dores. Será paradoxal o dizer que Bettancourt mais se quèria refugiar no casal de Villa Gova, com sua mulher e filha, e antes de melhor rosto accitaria o seu prato á meza de Ladislau? Pois é uma sublime verdade esta! Casimiro olhava em Ladislau, no vigario, e sua irmã, e dizia-se: «O' meus amigos, a minha dor inconsolavel será deixar-vos.

Eu hei de fugir sempre para as vossas serras, em quanto tiver vida para me lembrar o que fostes para mim e minha mulher nos dias do desamparo.»

—Cuidei que te vinha trazer mais alegria, Casimiro!—dizia o fidalgo.

—V. ex.<sup>a</sup> desculpe a minha tristeza—respondeu Casimiro.—Enterra-se hoje um meu amigo.

—Pois, sim, bem sei que deves ter pena do rapaz; contudo, cada coisa, tem seu lugar. Conversa com a gente, abre um riso n'esse rosto, e faz que eu me não persuada que sou aqui de mais para a tua satisfação.

Casimiro levou aos labios a mão do velho, e disse:

—V. ex.<sup>a</sup> está gracejando, mas, ainda assim, magoa-me. Eu podia esperar muitas melhorias á minha sorte, que ainda hontem era desgraçadissima no dizer do mundo; porém a vinda de v. ex.<sup>a</sup>, com tão amavel perdão, tamanho bem é que eu nem o sonhava. V. ex.<sup>a</sup> dirá se eu...

—Não me dês sempre *excellencia*. Casimiro; chama-me alguma vez pai, se queres que eu te chame filho.

Beijou-lhe de novo a mão, em quanto Christina, tomando o maior quinhão do contentamento d'aquella adopção paternal, abraçou-se ao pescoço do velho, e acariciou-o infantilmente.

Ao anoitecer, Casimiro pediu licença para sair.

—Onde vaes?!—acudiu Ruy de Nellas.

—Vou acompanhar o cadaver de Guilherme Lira.

Encararam-se mutuamente, e voz nenhuma contrariou a piedade do amigo.

Ladistau, tomando licença de sua mulher, seguiu o compadre. O vigário ficou na companhia de Ruy e das senhoras.

Christina, ao despedir-se do esposo, no patamar da escada, disse-lhe em modulação supplicante:

—E se houver desordem?...

—Eu farei que haja paz, minha filha.

—Então vaes na ideia de te envolveres na desordem?

—Não, filha; vou na ideia de exital-a. Limpa as lagrimas, Christina: não appareças assim deante de teu pai, que me accusará de duro para ti. Bem sabes que sagrado dever eu vou cumprir, minha filha.

Sairam.

Raro academico faltou ao saimento do cadaver. As allas negras moviam-se vagarosas, tristes e com os olhos em terra. Ao lampear das tochas rebrilhavam muitas lagrimas.

Guilherme Lira morrêra propugnando pelos brios academicos, diziam: era um engano. Guilherme morrêra, suicidando-se. E' verdade que, no correr de quatro annos, mão terrorista pesára sobre a gente coimbran, avêssa aos academicos, de cujo pão vi-

vem. Soldados e verdeaes respeitavam a batina, porque Guilherme Lira vestia uma. Sobravam razões de gratidão áquelle desgraçado; mas o seu morrer, o verdadeiro arrojo não era já valentia; fôra um ir metter o peito ás espingardas que o abocavam.

Foi o cadaver lançado á cova. N'este acto, Casimiro saiu de entre a multidão que rodeava a sepultura, e lançou sobre o cadaver a primeira pá de terra. Depois cruzando as mãos sobre o peito, e sem desfitar os olhos da cabeça empannada e ensanguentada do morto, disse:

«Alli está a mocidade, e a força; alli está um manco, que deixou mãe n'este mundo; n'isto parou o grande alento d'onde os infortúnios da vida desviaram as torrentes dos influxos do céu. Este homem seria o anjo do bem, se melhores condições da mocidade o não houvessem saturado de odio contra o mundo. Eu sei a história d'esta existencia perdida, senhores. Este moço era bom; derramou inutilmente os balsamos do coração; achou-se vasio de amar; e repletou-se de peçonha e odio. Cansou-lhe a coragem para a resignação; sobreveio-lhe o delirio da vingança, cega vingança, sêde voraz de sangue; mas observai, senhores, que a tentação nem sempre venceu o instincto do céu com que fôra dotado este moço. Aquelle homem teve tantos amigos, tantos que, entre vós, um só não ha que se peje de mostrar as

lagrimas. As minhas seria vergenhoso que se não vissem: eu hei de choral-as longo tempo... Vós sabeis que as portas do carcere se me abriram hoje, porque esta sepultura vai ser fechada. E eu, na presença de centenaes de testemunhas, e por aquella redemptora cruz vos juro que acceitaria a minha prisão perpetua em troca da vida d'este homem, que era vosso, assim como tinha sido o meu defensor...

—Vingança! vingança!—bradaram algumas vozes de estudantes, que agitavam os gorros, e as tochas.

Espectaculo para terror era aquelle em volta de um cadaver!

Um brado, conglobado de mil brados, respondeu:

—Vingança!

Casimiro ergueu a mão, pedindo silencio, e exclamou:

—Paz! paz! é que eu vos peço, em nome de vossas mães! em nome das cans do velho vai, que espera amparar-se em vosso braço! em nome de vossas irmãs que fiam do vosso auxilio o seu futuro! em nome das almas candidas que vos sorriem ao coração dias de maior felicidade. Paz vos peço eu, meus amigos, apontando-vos este moço que está por aquelles labios frios contando o que é a desordem, o que é a guerra, o que é o desencaminhar-se um homem da estrada, onde ha espinhos, para tomar pela estrada

onde ha abysmos. Que util lição, que excellente preceptor nos está sendo este cadaver! Lembrai-vos, senhores, que este moço tem mãe. Entrai com o espirito no coração das vossas. Avaliai o amargor das lagrimas que verterá cada uma das santas do amor, se um de vós cair n'aquell'outra sepultura. Consenti que eu falle n'este instante pelo brado de todas, e vos peça o que ellas supplicantes a cada um de vós pedem: «Paz, meus filhos!»

Calou-se Casimiro. Respondeu o ciciar da respiração alta do immoto auditorio. Retirou-se elle da margem da cova, e caminhou triste por entre a multidão, que deixára pender o braço sobre a arma escondida sob a capa. D'ahi a pouco, os academicos debandavam em grupos, e o silencio d'aquella sepultura estendeu-se pela face da cidade.

Ao sair do cemiterio viu Casimiro deante de si a esposa, o sogro, o vigario e Peregrina.

—Viemos ouvir-te, filho—disse commovido o velho.

—É superior á nossa admiração, sr. Casimiro!—disse o vigario.

—Eu sou apenas superior aos maus pela virtude de os lastimar—respondeu Casimiro, dando o braço ao sogro, cuja sensibilidade lhe quebrantava as forças.

Desde logo, a pedido de Ruy de Nellas começaram

as senhoras os aprestes para a jornada no dia immediato á tarde. O velho futurava o rompimento de alguma revolução academica, a intervenção pacificadora de Casimiro, e a fortuita desgraça de ser empenhado pela honra a coadjuvar o partido dos estudantes.

A esta hora, meia noite seria, D. Alexandre de Aguillar, infamado, desprezado, e solitario na sua angustia, esvasiava garrafas de cognac, no intento de aturdir-se e responder com a gargalhada do ébrio ao grito da vergonha. Os deploraveis perdidos, que se valem d'esta triaga, parece que a si propriamente se estão castigando com mais crueza do que poderia castigar-os a justiça humana. Noite alta, o ébrio bati-a com o cabeça nas vidraças de suas janellas, farpava a face nas arestas dos vidros, e rugia imprecações contra Deus. As patrulhas acumulavam-se á sua porta, e gargalhavam das estupidas objurgatorias do moço. Acudiam os academicos visinhos, e bradavam-lhe:

—Cala-te ahi, miseravel; afoga-te em cognac; não appareças mais á luz do sol; mas cala-te, besta, que, para seres féra, só te falta a bravura.

O tumulto fitava o ouvido, e respondia com rouscos insultos requintados em obscenidades de alcouce.

De madrugada, o neto dos Parmas d'Eça accordou

de frio que tinha o peito ensopado no proprio vomito.

Sentou-se, circumvagando os olhos espavoridos por sobre a desordem que o rodeiava. Ergueu-se cambaleando, recai u n'uma poltrona, escondeu o rosto entre as mãos, e chorou.

Oh! aquellas lagrimas é que não eram infames!

O desgraçado lembrou-se que, cinco annos antes, tinha mãe, e que a prophetica senhora muitas vezes lhe dissera: «Presagia-me o coração que has de ser desgraçado, meu filho.»

—Porque?—perguntava elle.

—Porque tens dezese te annos; saiste hontem do collegio, e ja hoje escarneces a religião de teus paes. Assim tão cedo deixaste estragar o coração! . . . D'aqui a annos, nem por amor de teu nome, nem por calculo, serás honrado!

E, cinco annos depois, e só então lhe lembraram as palavras de sua mãe! . . . Era o seu anjo da guarda que as recebera então, e agora lh'as offerencia á memoria, como lenimento unico d'aquella funda ulcera de descredito, desgraça, e infamia.

Na noite d'esse dia, D. Alexandre desapareceu de Coimbra, foi caminho de Lisboa, d'abi pediu sua legitima a D. Sueiro e saiu de Portugal. Ha vinte e trez annos que foi, e não voltou.

## XVIII

**Mãe!**

Às duas horas da madrugada do dia seguinte ao das scenas descriptas no anterior capitulo, chegou á porta da hospedaria, chamada *Paço do Conde*, uma carruagem tirada por duas parelhas. Abertas as portas, apeou uma senhora, dando a mão a um padre velho que descêra primeiro, e logo uma criada. O padre, respondendo á pergunta do criado do hotel, disse que a sr.<sup>a</sup> condessa de Asinhoso tomaria um caldo de gallinha, e voltou a receber as ordens de s. ex.<sup>a</sup>

—Pergunte, padre Francisco—disse ella—se hoje foi o julgamento de um academico chamado Casimiro de Bettancourt.

O padre foi cumprir, dizendo entre si: «Que importa á sr.<sup>a</sup> condessa o julgamento do academico, chamado Casimiro de Bettancourt? Pois será para assistir á audiencia que ella vem a Coimbra com jornadas forçadas?!»

Volveu o padre, dizendo:

—É uma historia interessante, que parece novel-

la, a do tal academico, senhora condessa. Em resumo, conta o estalajadeiro que, estando para ser julgado o réu, e forçosamente condemnado, appareceu a declaração d'outro academico, que mataram antes de hontem, confessando-se o matador. Em consequencia do quê, o tal Bettancourt foi posto em liberdade.

—Graças, graças, meu Deus! exclamou a condessa, ajoelhando.

O padre empedreniu-se, e encarou na criada tambem estupefacta: nenhum ousava tugar um monosyllabo.

Ergueu-se a condessa, e enviou de novo o capellão pedir ao dono do hotel a bondade de fallar com ella por alguns minutos.

O estalajadeiro vestiu a casaca, e esperou na sala a senhora condessa de Asinhoso.

Interrogou-o ella ácerca de todas as miudezas concernentes á soltura de Bettancourt. O informador relatou-as todas, desde as severas lições que o academico dera a D. Alexandre, até ao *lindo discurso*, dizia elle, que o amigo de Guilherme Lira improvisára á beira da sepultura; e n'uma especie de apostilla á narrativa contou a esquecida circumstancia de ter rompido inesperadamente pelo tribunal dentro o fidalgo, sogro do estudante.

—Pois elle está em Coimbra?!—interrompeu vivamente a condessa.

—Vi-o eu, minha senhora! É um velho bonito! basta vel-o para se dizer: «aquelle é um fidalgo dos antigos tempos!»

—Sabe onde mora Casimiro Bettancourt?

—Sei, minha senhora.

—De manhã tem a bondade de me guiar a casa d'elle?

—Pois não, senhora condessa! . . .

O capellão, cujo quarto era sob o pavimento dos aposentos da condessa, apesar de contuso e moido dos solavancos da carruagem pelas barrocas da estrada real de 1840, não pôde adormecer, ouvindo até a madrugada os passos da illustre dama, e o abrir e fechar das portadas d'uma janella. Certo fôra que a condessa nem sequer encostára a face ás almofadas do leito, e, de quarto em quarto de hora, ia impaciente abrir a janella a ver se rompia a alva.

Assim que aclarou o céu, já a senhora despertou a criada para lhe dar do bahú outros vestidos e ornatos.

Ao nascer do sol, estava s. ex.<sup>a</sup> vestida a rigor de viuva opulenta: modestia elegante, pompa meio velada pela côr escura do estofo.

O egresso, que perdêra a esperança de adormecer, levantou-se, e foi á ante-camara receber as ordens da condessa. Saiu ella a dizer-lhe que tomaria uma chavena de café, e ás nove horas sairia acompanhada de sua reverendissima.

Sua reverendissima, vendo-a assim adereçada, consentiu que o demonio da maledicencia lhe encavalgasse o espirito. «Dar-se-ha caso, dizia elle consigo, que a condessa esteja namorada d'este Bettancourt? Querem ver que esta senhora, aos quarenta e seis annos, tresvaliou, e vai destruir o bom nome que está gosando?!... Mas não!—monologava elle, tornando sobre si.—Vai-te, espirito aleivoso, que me tentas! Aqui ha segredo que eu vou saber logo! Esta senhora é o typo da honestidade, e o modélo das viúvas honradas!»

As nove horas saiu a condessa, com o seu capellão e o estalajadeiro.

Chegaram defronte da pequena casa da Couraça dos Apostolos.

—E aqui—disse o guia.

—Obrigada. Póde ir, que eu demoro-me.

Subiu a dama a declivosa escadinha, e bateu á porta do topo. O cepellão seguiu-a, gemendo.

Abriu uma criada a porta.

—Posso fallar ao sr. Ruy de Nellas?—disse a condessa.

Foi a criada á saleta em que as duas familias estavam almoçando, e noticiou que era uma senhora ricamente vestida a perguntar pelo sr. Ruy de Nellas.

—Quem póde ser?!—reflectiu o fidalgo.

—Abre o meu quarto de estudo, e diz á senhora que entre—disse Casimiro.

Quando a criada saia da saleta, já a condessa estava á entrada, dizendo:

—Não sou de ceremonias, vou entrando, porque já conheci a voz do mano Ruy.

Levantaram-se todos. O velho abriu os braços, e ficou de braços abertos, e bocca tambem aberta.

A condessa chegou-se ao alcance do abraço, e disse:

—Parece que o mano duvida! . . .

—Duvido. . . —balbuciou elle—pela mesma razão que não devia duvidar. . . Tu tens vinte e cinco annos, Eugenia! Estás quasi como te vi sair de Pinhel!

—Cuidei que lisonjas taes eram desusadas entre irmãos, Ruy! . . . Pois eu dir-te-hei que estás bastante alcançado. A vida de provincia é menos salutar do que dizem as pessoas que envelhecem na côrte. Senta-te, Ruy, e dá-me uma chavena do teu café.

—Tu aqui, mana! . . . tu aqui! . . . —voltava o fidalgo. —Deixa-me convencer bem de que estou accor-dado! . . . Quem é aquelle senhor? . . .

—É o meu capellão.

—Sente-se, sr. padre capellão, sente-se.

—Qual d'estas meninas é a tua filha! —perguntou a condessa.

—E' esta, aqui tens a minha Christina.

A condessa beijou-a, abraçou-a, e mandou-a sentar.

—Este é o meu genro—continuou o velho apresentando-lh'o.

Casimiro deu um passo, e curvou reverentemente a cabeça.

—Este é que é o sr. Casimiro Bettencourt?—disse a condessa apertando-lhe a mão.

E a mão ardia, tremia, e apertava extraordinariamente.

—As outras pessoas,—concluiu Ruy—são filhos do meu coração aquella é a minha Peregrina, e aquelle o meu padre João. Lembras-te, Eugenia, do José Ferreira da Rechousa, nosso caseiro?

—Lembro

—Pois são filhos d'elle que eu herdei. Aquell'outro, que ali vês, é Ladislau, marido de Peregrina.

—E estas duas creancinhas?

—Uma é minha neta e tua sobrinha, primogenita e unica de Christina, a outra é filha de Ladislau.

A condessa, ouvindo o irmão, a cada instante relanceava os olhos a Bettencourt, unico da comitiva, que ficára de pé, no intento de servir a hospeda, e dar a sua cadeira ao capellão.

—Senta-te, Casimiro—disse o velho. Aqui tens, Eugenia, o meu orgulho, a minha gloria, o meu Casimiro sem mancha de culpa, com a sua honra illi-

bada ! Não foi preciso appellármos para Lisboa. A justiça de Deus veio mais cedo do que a esperavamos. Eu te conto como isso foi . . .

—Sei tudo—atallhou a irmã—Já me informaram na hospedaria.

—Mas como estás tu aqui, mana?—tornou Ruy; Vinhas munida, talvez, de cartas para alcançares a absolvição de teu sobrinho em Coimbra?

—Não, Ruy—tartamudou a condessa.

—Então que palpite foi esse de te botares ao caminho, sem saberes a decisão do julgamento?!

—Dizes bem, Ruy . . . foi um palpite . . .

—Bem hajas tu que vieste dar o remate á nossa satisfação! Agora vais connosco para Pinhel, não é assim?

—Irei. E hoje janto comvosco.

—Isso estava sabido! . . . pois então?!

A condessa disse a padre Francisco:

—Póde ir, e descanse, á sua vontade, padre capellão, que eu passo aqui o dia. Queira dar esta parte á criada.

Saiu o padre, e todos passaram ao quarto de estudo de Casimiro, que era a parte mais alegre e arejada da casa.

—Estou entre amigos!—disse com um profundo suspiro a condessa. E' a primeira vez na minha vida que digo isto!

Ruy comprehendeu a irmã, relembrou a mocidade dolorosa de Eugenia, e fez um gesto compassivo e outro que significara: «não lembremos o que lá vac».

Porém, Casimiro impressionado d'aquellas palavras, disse respeitosa-

—As felicidades de v. ex.<sup>a</sup> não devem ter sido invejáveis!... Em volta da riqueza, da formosura, e de um nome distincto costumam reunir-se muitos amigos... ou, pelo menos, muitos que o parecem...

A condessa encarou n'elle com penetrantes olhos, e disse:

—Lastima-me, não é verdade?

—Minha senhora—balbuciou Casimiro—peço perdão... não quiz dizer que lastimava v. ex.<sup>a</sup>... Quaesquer que tenham sido suas magoas, a sua elevada posição não consente que eu me condôa...

—Está bom, está bom—atalhou Ruy—não se falla aqui em magoas, nem dó, nem lastimas! Este meu Casimiro tem uma propensão para discursos tristes, que nunca vi!... Olha que hontem á noite, mana, o que elle disse á beira da sepultura do Guilherme, ia arrancar ao fundo do coração as lagrimas de quem nunca tivesse chorado!

—É porque eu dava o exemplo, chorando, sr.<sup>a</sup> condessa—ajuntou Casimiro.

—E deve ter chorado muito!—disse ella.

— Pouco, minha senhora. Sou um homem muito resignado, ou muito forte. A mim as grandes angustias levemente me abalam. Algumas vezes tenho chorado por cousas insignificantes. Posso ver a olhos enxutos morrer minha filha, e não poderei ouvir sem lagrimas o piar de uma ave, a quem mataram os filhos no ninho. Isto será deformidade de organização; mas dureza de alma não é, minha senhora... Meditando na minha indole, vim a considerar que, para mim, o incentivo das lagrimas é uma certa poesia funebre e maviosa, sensação que eu não sei d'outro modo definir; ao passo que as desditas positivas, cerradas e suffocantes regelam-me a alma.

— Elle abi está a fugir para a tristeza! interrompeu o fidalgo.

— Deixa-o fallar, mano... — pediu a condessa.

— S. ex.<sup>a</sup> tem razão... — disse Bettancourt, eu sou incorrigivel, e tenho contagio. Aqui está a minha Christina absorvida tambem na sua meditação...<sup>9</sup>

— Não — acudiu Christina — eu estava a pensar com alegria nas tuas tristezas passadas, meu Casimiro.

— E todos com o passado ás voltas! — clamou Ruy. Fallem no presente, descubram o futuro, e não me afflijam, que vae aqui tudo razo! Querem ver que a minha Eugenia tambem é melancolica? Em pequena eras muito, menina! O teu gosto eram sombras

de arvores, fontes, ver o céu de noite... Aqui estou eu também a fugir para traz trinta e tantos annos! Bem diz' o Casimiro que a sua scisma é pegadiga!...

—Mas olha, mano, deixa-me conversar com o teu genro, ainda que o passado te aborreça...

—O que eu observo, Eugenia, é que tu sympathizas grandemente com elle!...

—Porque não!?

—Beijo as mãos de v. ex.<sup>a</sup>—disse Casimiro.

—Isso quando se faz, diz-se.

—O quê, senhora condessa?

—Disse que me beijava as mãos .. então... beije.

Casimiro inclinou-se, e beijou de leve a mão da dama, que lhe apertou vertiginosamente a d'elle.

Este visível estremecimento impressiou Christina e Peregrina, que se encararam de um modo que poderia ser duvidar do bom senso da condessa.

—Vamos conversar, sr. Casimiro—disse Eugenia. Queira sentar-se ao meu lado. Meu mano já me disse que o sr. era filho de um militar, que morreu no cerco do Porto.

—Sim, minha senhora, sou filho de Duarte Bettancourt.

—Conheceu seu pai? Onde estava quando elle morreu?...

—Conheci meu pai. Vi-o em 1830 pela ultima

vez. Estava eu no Collegio dos Nobres, quando elle morreu.

—Sabe em que anno nasceu?

—Sei-o dos proprios apontamentos de meu pai

—Escriptos por elle mesmo?

—Sim, minha senhora.

—Dá-me licença que os veja?

—Por que não, sr.<sup>a</sup> condessa. Aqui está a velha carteira de meu pai...

A condessa tomou da mão de Casimiro, com soffrega ancia, a carteira, que folheou.

—Onde é? — disse ella convulsiva.

—Aqui, minha senhora — respondeu Casimiro, indicando-lhe a pagina, que a condessa leu:

*Meu filho Casimiro nasceu em 15 de janeiro de 1816 Foi baptisado em S. Domingos de Santarem aos 22 do mesmo mez. Foi creado no Cartaxo, d'onde saiu em 1820...*

A condessa murmurava ainda; mas não lia o restante da nota. Fechou a carteira, e voltou-a nas mãos, remirando-a. Depois, pregou os olhos no rosto de Casimiro, e permaneceu n'este spasma alguns minutos, até que muito do fundo do seio lhe saiu um grito estridente, e uma explosão de lagrimas em que a luz da vista parecia enevoar-se.

• —V. ex.<sup>a</sup> soffre!... — disse Casimiro.

E acercaram-se todos da condessa, que, tomando

a mão de Bettancourt, ergueu-se de impeto, e disse-lhe:

—Leve-me a uma janella... dê-me ar, e uma gotta d'água,

—São nervos! — observou Ruy — é da casa, que é abafada... Abram todas as janellas... Queres tu descer ao quintal? Vai com ella, Casimiro... Vamos todos.

—Estou melhor — atalhou D. Eugenia. — Já respirei...

—Costumam dar-te estes accessos, mana?

—Costumam...

Sentou-se de novo, reparando na carteira, e outra vez se lhe tingiu de escarlate febril o rosto.

—Mysterio! — disse o vigario ao ouvido do cunhado.

—Que cuidas?! — perguntou Ladislau...

—Esperemos.

A condessa affastou das fontes os cabellos empastados de suor, e disse cortando as palavras de suspensões, que pareciam o abafar de mão estranha na garganta:

—Casimiro esteve no collegio dos Nobres até...

—Até 1834, minha senhora — respondeu o filho do major.

—E depois...?

—Como perdi meu pai, fui a Pinhel procurar amparo de parentes pobres.

—E nunca viu no «Diario do Governo» um annuncio perguntando se existia um filho do major Duarte Bettancourt?

—A Pinhel nunca chegou esse jornal — disse Casimiro. — E quem se interessava em saber se eu existia?

—Quem?...

—Sim, minha senhora.

—Era eu.

—V. ex.ª! — acudiu Casimiro com assombro.

—Com que fim eras tu, Eugenia? — perguntou o fidalgo.

A condessa fitou a vista incendiada no irmão, e disse:

—Com o fim de saber se existia... meu filho!

Assim devia ficar uma familia de Pompeia, de subito, empedrada na invasão da lava fulminante. Uns a outros, com olhos pavidos, pareciam pedir o claro sentido d'aquellas palavras.

Casimiro sentiu lavaredas no seiò, e descerrou os labios á expedição do lume. Estrondeavam-lhe no encephalo umas allucinações de ebrio. Dos olhos de sua mãe afuzilavam umas como frechas que lhe cortavam de lampejos o curto espaço de ar intermedio. Para os outros, ha só o termo «estupefacção», que os descreva. A condessa oscillava outra vez assoberbada pela commoção nervosa; já se não sustinha, com as

mãos apoiadas nas costas da cadeira. Levantou-as, estendeu os braços como a pedir amparo. Encontrou o seio de Casimiro, e n'elle inclinou a face, exclamando:

—Meu filho! . . .

—Mas isto é tudo um sonho! — disse Ruy de Nellas, levando as mãos ás fontes.

Casimiro ajoelhou com a mãe nos braços. As duas senhoras, sem segura consciencia do que faziam, foram amparar a condessa. O vigario poz as mãos em attitude de quem ora. Ladislau cruzou os braços no peito contemplando o grupo.

De subito, Casimiro affastou um pouco a face, contemplou o rosto pallido da condessa, beijou-a na fronte, e disse:

—Tenho mãe, meu Deus! . . . Eu sabia que a tinha, e havia de encontral-a! . . .

Então, chorou, a torrentes!

Se não chorasse, enlouquecia.

## XIX

### **Paz e contentamento**

Decorridas algumas semanas, o casamento de Casimiro Bettancourt com sua prima carnal D. Chris-

tina de Nellas era validado pelo nuncio apostolico, dispensando no parentesco, e saneando a ignorada irregularidade. A condessa perfilhava Casimiro para lhe segurar a successão de seus grandes cabedaes. Casimiro, porém, com quanta delicadeza e respeito a ternura filial lhe inspirou, disse que só accitava a perfilhação para ser seu filho, e não seu herdeiro. Ficou interdicta, e alheia da intenção da resposta, a condessa. O filho esclareceu assim a propria demencia:

—Minha mãe herdou de seu marido; eu, filho de outro homem, que morreu pobre, peço licença para ser estranho aos haveres do sr. conde de Asinhoso. Eu sou filho de D. Eugenia de Nellas. Minha mãe ainda tem a sua legitima n'esta casa de Pinhel. Essa accito-a como dote para igualar o patrimonio de minha mulher.

—Pois sim, filho, faça-se a tua vontade — disse a condessa. — Por minha morte ficarás agricultando algumas geiras de terra em Pinhel, que valerão doze mil cruzados. Ficarás sendo um lavrador dos menos abastados da comarca. Minha sobrinha Guiomar virá senhorear-se do vinculo e da casa que é vinculada. Tu com tua mulher e filhos irás viver no casal da Rechousa, ou n'outro semelhante, que ameaçam ruina.

—As paredes abaladas especam-se, minha que-

rida mãe; a dignidade aluida é que nunca mais se repara. Eu amo a mediania, que é o refugio da paz. As lições da vida deu-m'as o lavrador de Villa Cova. Minha mãe prometteu-me ir ver de perto a casa de entre serras, aquelle abrigo de honrados e de santos. Venha commigo alli estar uns dias, e v. ex.<sup>a</sup>, olhando d'alli para o ceu, dirá: «se ha paraizo na terra, se ha bem no mundo, é aqui».

—Iremos, filho; eu tambem o desejo. Já estou convidada para ser madrinha do segundo filho de Ladislau. Bem vês que ando a cuidar-lhe do enxoval.

E, logo na semana seguinte, partiram todos para Villa Cova, e as meninas solteiras de Pinhel tambem.

Quem é este homem de jaqueta de panno azul e collete encarnado, e chapéu braguez, que vai a pé, ao lado da egua em que monta a condessa?

E' mestre Antonio—o carpinteiro.—Alli vai conversando em obras, que é preciso fazer aqui e acolá, nas casas arruinadas do fidalgo. A condessa trabalha por tirar este homem do officio: offerece-lhe dinheiro para erguer casa, e comprar bens. Mestre Antonio responde:

—Fidalga, grande nau grande tormenta! Deixe-me cá com a minha vida, que vou bem assim. Meu filho brasileiro manda-me duzentos mil réis cada anno, e eu, a fallar a verdade a v. ex.<sup>a</sup>, tenho-os alli

para uma gaveta, sem saber de que me servem. A minha alegria é o trabalho. Em pegando dous dias santos, ando como tolo sem saber em que hei de gastar o tempo.

—Mas gaste-o em trabalhar nos seus bens.

—Nos meus bens trabalho eu, sr.<sup>a</sup> condessa. Logo que me pagam o serviço, alguma cousa tenho dos bens em que trabalho.

Ficarás, por tanto, carpinteiro, honrado homem, mas homem honrado, toda a tua vida!

Custa a caber tanta gente na casa de Villa Cova! Armam-se leitos de bancos nos casarões das tulhas. O quarto solemne dos padres é consignado ao fidalgo. A condessa occupa o de Peregrina. Que feliz barafunda alli vae! Os criados vem carregados de caça dos montes. O fidalgo quer ir á cosinha fazer umas trouxas de ovos, cuja receita lhe deram os anjos. A condessa anda lá pelos campos a correr atraz da netinha. As irmãs de Christina sóbem á lapa da Crasta e entram de lá a berrar que lhes acudam, que as comem os lobos. O capellão da condessa, acertando de encontrar na livraria dos padres Militões as cartas manuscriptas de fr. Bartholomeu dos Martyres, persegue toda a gente para que lhe oiçam ler as cartas e os commentarios soporiferos d'elle. Quem mais

o atura é Casimiro, que foge do bulício para a livraria defeza ás corrimaças das cunhadas.

Chega o dia do baptisado, e n'esse dia apparece inesperado em Villa Cova um tabellião de Pinhel, a rôgo da sr.<sup>a</sup> condessa de Asinhoso. Lavra-se uma escriptura. E' uma doação que faz a mãe de Casimiro ao seu afilhado Ruy, filho de Ladislau. Dôa-lhe quinze mil cruzados em inscrições no Banco de Portugal, em virtude dos muitos e impagaveis favores que devia a seus pais.

Casimiro abraça sua mãe, e exclama:

—A virtude é engenhosa, minha querida amiga!

Os pais do menino beijam-lhe a mão, e Ladislau diz:

—Com a condição de que meu filho conservará o deposito como patrimonio dos desgraçados: mande v. ex.<sup>a</sup> escrever esta clausula na escriptura.

—Ladislau—disse a condessa—já lh'a deve ter escripto no coração.

Alli se detiveram trinta dias. De Pinhel, em cada semana, vinham cargas de viveres. Ladislau sentia-se, e o fidalgo respondia:

—Isto é para o capellão da mana condessa, que lê muito as cartas de fr. Bartholomeu; chora de entusiasmo; mas não o imita na temperança. Seria capaz de engolir o santo, o bom do egresso, se o pi-

liasse! Sem este contrapeso de vitualhas, amigo Ladislau, eramos todos victimas da gulodice do padre. Vamos lançando estes bocados ao Acheronte, que promette, ao contrario do outro, levar-nos para o céu, se não adormecer no meio do caminho.

A alegria dava graça ao velho, que, em geral, era semsaborão.

Na volta para Pinhel trouxeram consigo a familia de Villa Cova, salvo o vigario que voltou ao amor do seu rebanho.

Saiu para Lisboa o capellão da condessa com ordens ao procurador para vender o palacio, os trens, os primores da Asia, que opulentavam a triste venda da viuva. Triste, sem um amigo, como ella dizia. Ao mesmo tempo, o egresso cumpriu outras ordens com referencia ao ministro da justiça. Ultimado tudo, voltou o padre a Pinhel : ia reloucado de prazer, porque, á ultima hora, soubéra que fóra nomeado conego da patriarchal. Beijou as mãos á condessa.

—Vá—disse-lhe ella sorrindo—vá imitar na pobreza ecclesiastica o seu predilecto Bartholomeu dos Martyres.

Na mesma data era nomeado conego da sé da Guarda o padre João Ferreira. O vigario, avisado na sua pobre parochia, foi a Pinhel, depositou a mercê nas mãos da condessa, e disse:

—Perdoe-me v. ex.<sup>a</sup> a recusa: eu não posso separar-me de minha irmã e cunhado. V. ex.<sup>a</sup> não quer que eu morra de saudade nas delicias de um cabido. Consinta que eu me deixe alli viver á sombra das virtudes dos padres de Villa Cova.

—Eis aqui um padre novo, que destôa das doutrinas do meu velho capellão!—disse a condessa. Pois sim, padre João, vá para o seu presbyterio, e venha ver-me muita vez, e tome á sua conta a minha velhice.

Christina contou a sua tia e sogra os menores incidentes do seu namoro, e mostrou-lhe o José-pastor, que tão util e leal lhe fôra.

Chamou a fidalga José-pastor e mandou-lhe que dissesse a razão por que fizera aquelles serviços ao sr. Casimiro e á menina.

O rapaz respondeu:

—Era toda a gente contra elles, e eu disse cá c'os meus botões: ora deixa estar que eu vos dou nas ventas para traz.

—É nunca te deram nada?

—Elles que me haviam de dar, fidalga?!

—Então fazias tudo sem in'eresse?

—O que eu queria era vel-os casados. A menina estava lá em cima fechada a chorar, e o sr. Casimiro andava lá por longe escondido... fizeram-me muita pena! Foi o que foi.

—Queres tu ser padre?—perguntou a condessa.

—Padre?!

—Sim.

—Não, senhora. Antes queria ser sargento.

—Sargento!... mas tu és muito rapaz ainda para assentar praça.

—Posso assentar praça de tambor, que os tambores são do meu tamanho.

—E's tolo, rapaz! Queres tu estudar para depois ser official?

—Eu já sei ler, que me ensinou o sr. Casimiro.

—Pois sim! mas agora vaes aprender outras coisas para Lisboa.

—E leva-se lá bordoadada de cego?

—Não, patarata, ninguem lá te bate.

—Então, se a fidalga quer, e o fidalgo deixar, vou.

E foi para a Polytechnica de Lisboa, com recomendação da condessa.

D. Sueiro de Aguilar teve noticia d'estes successos estupendos. Sentiu guinadas de fazer as pazes com a familia de Villa Cova, e por um cabello se não descobre n'esta extrema de despejo. Guiomar ainda escreveu a sua tia, comprimentando-a pela sua chegada. A condessa respondeu: «Agradeço o cumprimento de minha sobrinha, e faço votos pela sua felicidade.»

Esta sequidão irritou D. Sueiro, que se desentranhou em apostrophes contra a canalha de Pinhel. A tia de sua mulher foi exposta á irrisão dos seus hospedes, na presença da sobrinha. Repetiram-se os vilipendiosos amores que deram o filho natural, sobrinho do carpinteiro. Desde este facto, D. Guiomar odiou o marido, cuja hediondez de character só podia ser avantajada por D. Alexandre.

Tratou a condessa de casar suas sobrinhas, com auxilio dos seus haveres. Acorreram pretendentes das melhores casas das duas provincias contiguas, e casaram todas com morgados, homens de bem, vaidosos de seus apellidos, mas inoffensivos, e virtuosos mesmo por vaidade de imitarem seus avoengos. As senhoras dispersas por aquelles palacetes solarengos reuniam-se em casa de seu pai, nas festas do anno, nos natalicios, e no anniversario do casamento de Casimiro. Esta clausula fôra instituida pela condessa.

A tiro de peça de Pinhel, existiam uns casebres derrocados, onde nascêra, segundo informações de mestre Antonio, seu cunhado Duarte Bettancourt, filho de um soldado da ilha de S. Miguel, que ficára na metropole, e alli estabelecera uma tenda. Comprou a condessa estes pardieiros aos possuidores, e mandou-os arrazar, para sobre elles edificar um obelisco, cintado por grossa cantaria, com portadas de

ferro. Ia todos os dias ver a obra, que durou um anno, com os melhores alvaneis da provincia. Concluido o obelisco, foi entalhada na base uma lamina de ferro com esta legenda:

## À MEMORIA

DE

**DUARTE BETTANCOURT**

*Morto no seu posto de honra*

EM 1834

MANDOU ERIGIR SEU FILHO

**CASIMIRO BETTANCOURT**

EM 1843

Ruy de Nellas, lá muito no seu interior, não gostou da lembrança. Era a natureza a puxar por elle.

N'este tempo, teve a condessa uma hora de muitas lagrimas.

Casimiro, de proposito e por veneração, nunca lhe mostrára duas cartas, que conservava entre os papeis de seu pai, assignadas pela inicial *E*.

N'uma tarde, como estivessem sentados na base da columna, Casimiro tirou da carteira dois papeis dobrados e amarellecidos.

—Que é isso, filho?

—Veja, minha mãe.

Abriu ella, e exclamou:

—É minha a letra! Como possues isto?!

—Minha mãe já deve saber como as possuo.

A condessa leu soluçante, e beijou aquelle papel, que estivera nas mãos de Duarte. Leu a segunda, e, em meio da pagina, susteve-se afogada de ancias e lagrimas.

Casimiro arrependeu-se da indiscrição, e acari-ciou-a, pedindo-lhe, pela memoria de seu pai, que vencesse a sua dôr.

Era este o contheudo da primeira carta:

«Não soffras, D.—Conta com o meu valor. Parece-me que vou ser arrebatada para uma quinta do tio. Não sei qual. Eu te avisarei, a preço de tudo. O mais que podem é matar-me meus irmãos. A minha alma irá identificar-se á tua: viverei sempre contigo na terra, e amando-te de um modo melhor. Socega, meu amigo. Se Deus vê a nossa innocente paixão, elle nos protegerá. Se não ha Deus para nós, seremos um para o outro. Tua, E.»

Esta carta devia ter sido escripta antes da ida para Camarate.

A segunda dizia:

«E' horrivel esta oppressão! Tenho medo de morrer abafada pela angustia. Vem, aproxima-te, dá-me alentos, senão prefiro antecipar a morte. Ai! que

soledade! que abandono n'esta hora! Vem, vem, D., que eu queria ver-te antes de morrer! E.»

Presume-se que esta ultima carta, foi escripta de Recaldim para Torres Novas, quando Duarte desceu de Bragança, a receber das mãos de Brites aquella creança, que alli está agora, homem, com o rosto de sua mãe apertado ao seio.

Em seguida áquelle trance, a condessa acamou, e teve febres por longo dias. A presença do filho, magro, livido, triste como quem pede a primasia na morte ao lado de um enfermo em perigo, abrazou-a em supplicas fervorosas a Deus, pedindo a vida. Declinaram as febres, volveram esperanças e saude, e continuou o hymno de graças ao Senhor, entoado por aquellas duas familias que rodeavam o leito de Eugenia.

Segura a convalescença, a condessa, prevendo que por morte de seu irmão, a casa de Pinhel passaria á successora do vinculo, cuidou em construir um palacete, em nome de Christina.

Casimiro objectou que d'aquelle modo passava a seus filhos a casa do conde de Asinhoso.

A mãe respondeu:

—Quererás tu privar-me que eu beneficie minha sobrinha? Isto não tem nada que ver contigo, Casimiro! As demazias da dignidade são uma impertinencia.

### Conclusão

Passaram-se vinte e um annos.

Ainda que o contrario se affigure a pessoas, que teem a boa sorte de não escrever romances, a conclusão d'um livro d'esta especie é dolorosa de fazer-se, quer os personagens tenham existido, quer vivessem como chimeras queridas, na phantasia do escriptor.

E' doloroso digo, porque ha ahi um facto doloroso e horrendo, que tanto vinga nos personagens verdadeiros como nos imaginados: é a morte. O romancista historico tem de matal-os em nome da historia: o romancista inventor tem de matal-os em nome da verosimilhança.

Eu creio que o leitor denega sua fé aos successos que lhe contei. E' injusto com a maxima parte d'elles. Ahi foram esboçadas umas pessoas que viveram, e outras que vivem, com outros nomes e em outras terras. E por isso redobra a minha mágoa por não poder dizer que vivem todos.

As duas sympathicas velhinhas, Brazia de Villa Cova e Brites de Recalim, essas ha muito que já lá vão. Com isto privo o jornalismo do innocente gaudio de annunciar duas macrobias. Brazia morreu, como lá dizem, á imitação d'um passarinho, com oitenta e nove annos de idade, em seu perfeito juizo

e conformada com a vontade de Deus. Legou os seus ordenados de setenta e nove annos ao filho mais velho de Ladislau, e o seu ouro composto de cordão, e anneis a Peregrina. E' verdade que estes valores não chegaram para as missas, de que ella onerou os herdeiros, por sua alma e por almas idas ha tanto tempo que ou Deus as tinha comsigo, ou o descondemnal-as seria tardio intento. Brites lá se finou em Recaldim, poucos mezes depois da saida de D. Eugenia para o Brazil. As desventuras da filha da sua menina minaram-n'a tanto, que a saudosa velha, de dia para dia, se resvalou á sepultura, pedindo a Deus que a não castigasse por ter protegido a desgraçada senhora. Aquella Apollinaria da calçada dos Barbadi-nhos, que o leitor esqueceu, não esqueceu á condessa de Asinhoso. De volta do Rio de Janeiro procurou a, achou-a pobre e cega, deu-lhe abundancia, empregou-lhe os filhos, e fez-lhe o enterro, annos depois.

Ruy de Nellas morreu em 1850, nos braços de Casimiro e Christina, unicos filhos que viu á hora da morte. O vigario de S. Julião d'Arga tão santos dizeres lhe fallou n'aquella tremenda hora, que o moribundo inclinou suavemente a cabeça, e expediu a alma ao seu creador, abençoando as filhas ausentes.

Ao nono dia depois do fallecimento, a casa estava vasia, e D. Sueiro entrava a empóssar-se n'ella, instaurando logo demandas ás cunhadas, e articulando

contra Casimiro Bettancourt um libello de subtracção de baixella vinculada: calumnia que nos tribunaes redundou em maior infamia do litigante.

Christina, Casimiro e sua mãe passaram á casa construida. Ahi receberam, volvidos trez annos, D. Guiomar de Nellas, fugitiva do marido, que a martyrisava, tornando-a serva de suas criadas, com quem elle devassamente commerciava a morte lenta da esposa. Casimiro recebeu-a com respeito, Christina com amor, a condessa com a virtuosa indulgencia que aprendêra na desgraça. A perseguição de D. Sueiro alli mesmo lhe cravou a seta hervada, fazendo-a intimar para se ir voluntariamente estender no potro de torturas. Casimiro tomou sua cunhada á sua guarda, depositou-a n'um mosteiro de Villa Real, e d'ahi requereu separação judiciaria, que conseguiu com illibados creditos. D. Sueiro, passados annos, morreu d'um tiro que por descuido se deu, andando á caça. Em Miranda vogava a suspeita de que o tiro lhe fôra desfechado por um lavrador vingativo, inconciliavel com a fidalga deshonra de sua irmã. Guiomar tomou cargo da educação de suas filhas, que não tinham educação nenhuma, e vive em paz e devotamente no seu palacio de Pinhel.

Ladislau lá está em Villa Cova, saudoso do seu primogenito, que, ha dois annos, casou com Mafalda, filha de Casimiro, e foi viver em casa do sogro.

Ruy, seu filho segundo, está-se ordenando para, no futuro, continuar a missão dos sacerdotes d'aquella casa. O matrimoniarem-se aquelles dois primogenitos era plano feito desde o berço, e sancionado pelo céu. Amaram-se desde infantes, e hoje adoram-se como seus paes.

Mestre Antonio tambem já lá está no mundo das almas generosas e puras. Acabou a vida quasi sem erguer mão do trabalho. Como entrévasse aos sessenta annos, mesmo sentado no leito fazia bocetas para doce, ás quaes dava consummo a condessa, arumando-as em umas, e pagando-as por um preço que o artista acceitava, sorrindo á piedade da fidalga. Nunca foi possivel demovel-o de sua casa e da sua officina! Ponha o compositor os pontos de admiração que lhe parecer.

Do vigario de S. Julião sabe tambem o leitor que não ha tiral-o d'alli. As virtudes do ultimo padre de Villa Cova é preciso lebral-as elle, que o povo, abençoando as que vé, esqueceu as outras. O egresso capellão da condessa, propendendo a bispo, fez-se politico, e fallava mais nos comicios eleitoraes que cantava no coro. Na vespera de ser nomeado, ceiou com tres deputados de sua fabrica, e rebentou de madrugada, com grande terror das criadas, que affirmaram não cheirar bem o conego: o que é possivel e sem que a sua alma perdesse por isso.

José Pastor, transformado em José de Castro Vieira e Silva (como elle arranjou isto!), é tenente de engenheiros, empregado nas estradas, com grandes vencimentos e creditos de habilidade. Estudou muito, fez a pontaria a engrandecer-se, não quiz saber de namoros, nem de theatros, nem de bailes, e medita em fazer-se deputado por alguma parte, no louvavel intuito de ser ministro das obras publicas: ministro, que hei de defender, posto que o considero mais de molde para os estrangeiros em vista da diplomacia de telhado, que o vimos tirar a limpo ha vinte e seis annos.

A condessa de Asinhoso é ainda uma senhora robusta com os seus sessenta e sete annos. A felicidade é a saude. Em certos dias do anno vai visitar a memoria de Duarte Bettancourt, e depois sobe, a pé, a S. Julião ouvir missa por alma d'elle. Respeitavel piedade, cujo quilate só Deus pôde avaliar, a despeito da censura hypocrita com que nós fingimos representar os juizes do Senhor.

Aqui está o que podêmos dizer d'estas familias. As outras filhas de Ruy de Nellas lá estão em suas casas, honrando seus maridos, e abençoando a mão liberal de sua tia que, em vida, vai disseminando a sua riqueza, já muito diminuta em comparação do que foi. Parece que o anjo da felicidade anda, de casa em casa, saudando, ora o lavrador de Villa Cova,

ora o lavrador de Pinhel, ora o virtuoso de S. Julião; e dos actos de todos vai dar contas ao Senhor, que o reenvia com bençãos novas.

### Moralidade

Occorre d'esta historia, natural e concludentemente, que o coração do homem, formado na sciencia e nos costumes antigos, encerra a urna dos balsamos para as chagas dos corações formados á moderna. Exemplos trez vezes bemditos: o vigario de S. Julião da Serra, Ladislau Tiberio, Peregrina e Casimiro Bettaucourt.

Excellentemente seria que tivéssemos muitas d'aquellas reliquias dos tempos obscuros, as quaes nos servissem como de quebra-luz; a fim de que a brilhante claridade dos mil lampadarios da civilisação nos não ceguem de todo.

Aqui está, muito á flôr da terra, a moralidade da historia, em que tentamos esboçar uma face do *bem* e outra face do *mal* d'esta vida, tão infamada por uns como glorificada por outros.

Senhor dos mundos! vós, quando creastes a brasa da sêde que requeima os labios do caminheiro do nosso deserto, mandastes ás areias que se desentrahassem em fontes! As fontes correm. E o impio sequioso bebe, consola-se e... injuria-vos!

FIM

# INDICE

| CAP.                                      | PAG. |
|---|------|
| I—A visão do presbytero.....              | 1    |
| II—Amor de predestinação.....             | 18   |
| III—Casamento patriarchal.....            | 34   |
| IV—Outros amores.....                     | 52   |
| V—Veredas penhascosas.....                | 67   |
| VI—A humildade vencedora.....             | 83   |
| VII—Felicidade.....                       | 96   |
| VIII—O vigario de S. Julião da Serra..... | 111  |
| IX—D. Alexandre é espalmado.....          | 124  |
| X—A victoria d'uma creancinha.....        | 138  |
| XI—Guilherme Lira.....                    | 154  |
| XII—Serenidade da innocencia.....         | 167  |
| XIII—O reu.....                           | 183  |
| XIV—Episodio.....                         | 199  |
| XV—Continuação.....                       | 214  |
| XVI—O julgamento.....                     | 224  |
| XVII—Contrastes.....                      | 237  |
| XVIII—Mãe!.....                           | 249  |
| Conclusão.....                            | 274  |
| Moralidade.....                           | 249  |



## COLLEÇÃO CAMILLO CASTELLO BRANCO

VOLUMES DE 240 a 320 PAGINAS  
200 RÉIS, LISBOA E PORTO.—PROVINCIAS E ILHAS, 220 RÉIS  
BRAZIL, 800 REIS (moeda fraca)

### ROMANCES PUBLICADOS:

**A Engeitada.**  
**O Bem e o Mal.**

### NO PRÉLO

**O senhor do Paço de Ninães**

### A SEGUIR

Estrellas funestas.  
As tres irmas.  
Memorias do carcere (2 volumes).  
Annos de prosa.  
A mulher fatal.  
Os brilhantes do brasileiro.  
A bruxa do Monte Cordova.  
A filha do doutor Negro.  
Estrellas propicias.  
O olho de vidro.  
Mysterios de Fafe.  
Quatro horas innocentes.  
Memorias de Guilherme do Amaral.  
O sangue.  
Vinte horas de liteira.  
As virtudes antigas.  
Lucta de gigantes.  
O esqueleto.  
Cavar em ruinas.  
O santo da montanha.  
A doida do Candal.  
O retrato de Ricardina.  
A queda d um anjo.  
Aguilha em palheiro.  
O judeu (2 volumes).  
Doze casamentos felizes.  
O demonio do ouro (2 volumes).  
A viuva do enforcado.  
Novellas do Minho (3 volumes).  
O regicida.  
A filha do regicida.  
Divindade de Jesus.  
Correspondencia epistolar (2 volumes).  
Theatro (2 volumes)









BR  
O  
O

A  
IX